

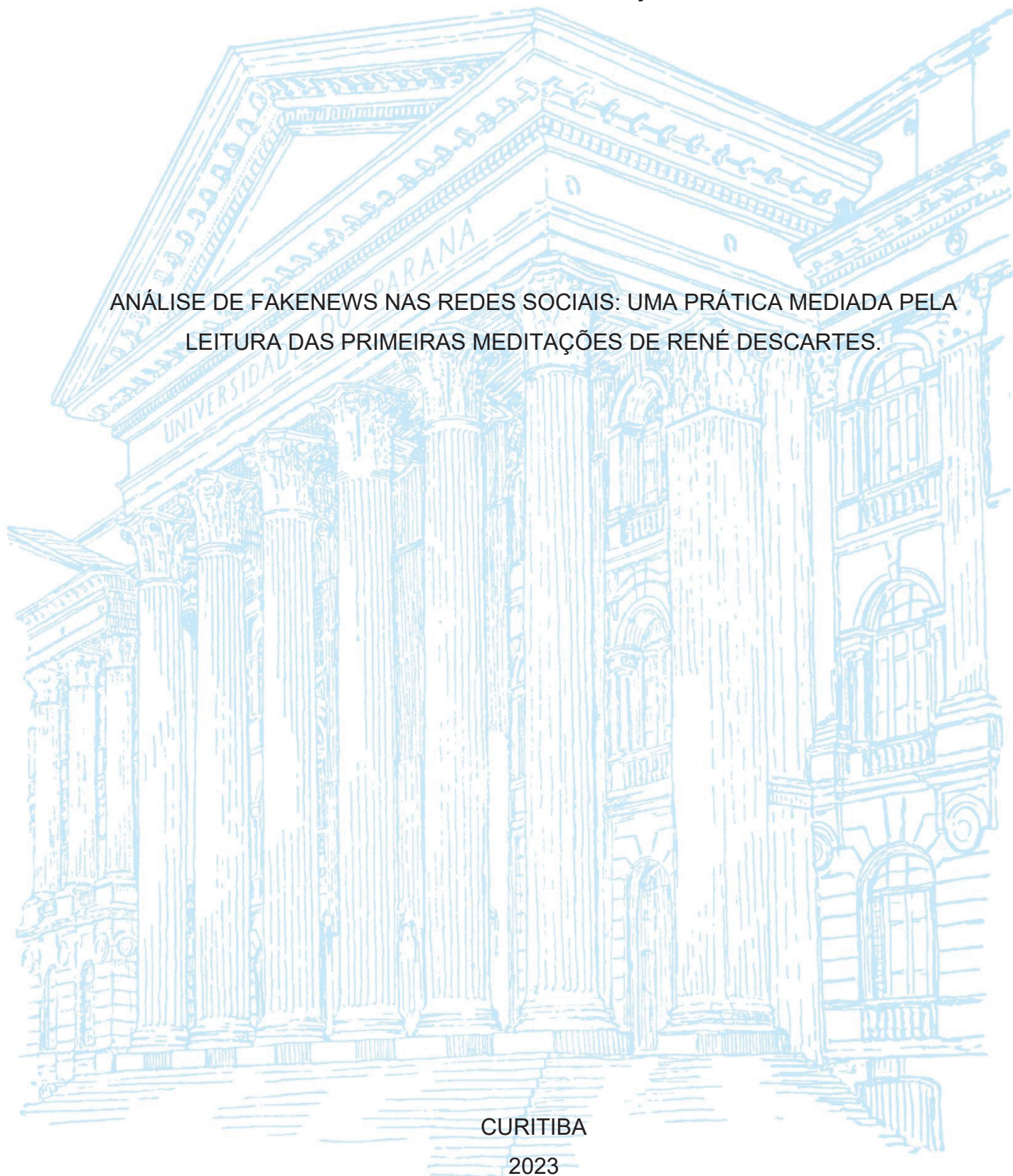
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GEOVANI DA ROCHA GONÇALVES

ANÁLISE DE FAKENEWS NAS REDES SOCIAIS: UMA PRÁTICA MEDIADA PELA  
LEITURA DAS PRIMEIRAS MEDITAÇÕES DE RENÉ DESCARTES.

CURITIBA

2023



GEOVANI DA ROCHA GONÇALVES

ANÁLISE DE FAKENEWS NAS REDES SOCIAIS: UMA PRÁTICA MEDIADA PELA  
LEITURA DAS PRIMEIRAS MEDITAÇÕES DE RENÉ DESCARTES

Dissertação apresentada no Programa de Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, na linha de pesquisa Prática de Ensino de Filosofia, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientadora: Profa. Dra. Karen Franklin da Silva

CURITIBA

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA

Gonçalves, Geovani da Rocha

Análise de fake news nas redes sociais : uma prática mediada pela leitura das Primeiras Meditações de René Descartes. / Geovani da Rocha Gonçalves. – Curitiba, 2023.

1 recurso on-line : PDF.

Mestrado (Dissertação em Filosofia) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia.

Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Karen Franklin da Silva.

1. Fake news. 2. Redes Sociais. 3. René Descartes. 4. Primeiras Meditações. I. Silva, Karen Franklin da. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação Mestrado em Filosofia. III. Título.

Bibliotecário: Dênis Junio de Almeida CRB-9/2092



## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação FILOSOFIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de GEOVANI DA ROCHA GONÇALVES intitulada: **ANÁLISE DE FAKENEWS NAS REDES SOCIAIS: UMA PRÁTICA MEDIADA PELA LEITURA DAS PRIMEIRAS MEDITAÇÕES DE RENÉ DESCARTES**, sob orientação da Profa. Dra. KAREN FRANKLIN DA SILVA, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 04 de Agosto de 2023.

Assinatura Eletrônica

07/08/2023 14:04:28.0

KAREN FRANKLIN DA SILVA

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

07/08/2023 09:57:42.0

MAURO DELA BANDERA ARCO JUNIOR

Avallador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

07/08/2023 11:06:19.0

LISIANE BASSO

Avallador Externo ( INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ)



## ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE MESTRADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM FILOSOFIA

No dia quatro de agosto de dois mil e vinte e três às 14:30 horas, na sala 603, D. Pedro II, Campus Reitoria 6, foram Instaladas as atividades pertinentes ao rito de defesa de dissertação do mestrando GEOVANI DA ROCHA GONÇALVES, Intitulada: **ANÁLISE DE FAKENEWS NAS REDES SOCIAIS: UMA PRÁTICA MEDIADA PELA LEITURA DAS PRIMEIRAS MEDITAÇÕES DE RENÉ DESCARTES**, sob orientação da Profa. Dra. KAREN FRANKLIN DA SILVA. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação FILOSOFIA da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: KAREN FRANKLIN DA SILVA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), MAURO DELA BANDERA ARCO JUNIOR (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), LISIANE BASSO ( INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ). A presidência iniciou os ritos definidos pelo Colegiado do Programa e, após exarados os pareceres dos membros do comitê examinador e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final da banca examinadora, que decidiu pela **APROVAÇÃO**. Este resultado deverá ser homologado pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais definidos pelo programa. A outorga de título de mestre está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, KAREN FRANKLIN DA SILVA, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Comissão Examinadora.

CURITIBA, 04 de Agosto de 2023.

Assinatura Eletrônica

07/08/2023 14:04:28.0

KAREN FRANKLIN DA SILVA

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

07/08/2023 09:57:42.0

MAURO DELA BANDERA ARCO JUNIOR

Avallador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

07/08/2023 11:06:19.0

LISIANE BASSO

Avallador Externo ( INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ)

Dedico essa dissertação a minha família, irmãos, cunhada e cunhado e sobrinhos pelo apoio de sempre. A minha orientadora que foi o grande alicerce e brilhantemente me orientou nesta trajetória, e ao meu amigo Sandro Gusso (*in memoriam*) por todos os anos de convivência.

## AGRADECIMENTOS

Pela minha fé, agradeço por todos os obstáculos que Deus colocou em meu caminho, pois quando chego ao topo da montanha, reconheço na paisagem o que ele queria me ensinar.

A meus pais, *in memoriam*, que embora não estejam aqui no plano terreno para a conquista deste momento, sei o quanto ficariam felizes e orgulhosos por mim.

A minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Karen Franklin, de sabedoria ímpar, por toda a paciência e dedicação que me foram direcionadas, que com palavras amigas e certeiras me ajudaram em muito a acreditar que eu iria chegar até aqui. Sou muito grato por tudo.

Aos meus irmãos, José, Rosana e Dimas, pelo amor que me dedicam e por me incentivarem, de igual forma a minha cunhada Rosicler, que sempre apoia minhas “loucuras”, e aos meus sobrinhos, que me amam e sempre estão me dando forças em que tudo que pretendo fazer e para os quais sou inspiração.

Aos meus amigos em geral, mas em especial, a Joelma Rodrigues Paes Nóbrega e Willian Nelson Kozlinskei, companheiros da vida toda. Obrigado pela roda de conversa que nos trouxe aqui. Cada um em sua área, mas sempre servindo de apoio ao outro.

Aos professores do curso de mestrado profissional da Universidade Federal do Paraná, que junto a turma de 2020, não mediram esforços para que a qualidade de ensino fosse mantida, num momento de pandemia mundial da Covid-19 em que o ensino deixou de ser presencial para ser remoto, mas que os aprendizados foram muitos e a ciência, tão duramente criticada por negacionistas, mostrou seu valor.

Aos meus colegas de turma que também enfrentaram essa jornada e cujo convívio me acrescentou muito como ser humano, com saberes que foram de extrema importância para meu crescimento.

A todos que direta e indiretamente contribuíram para a realização desta dissertação. Meus sinceros agradecimentos!

Nunca nos devemos deixar persuadir senão por evidência da razão.

Rene Descartes

(Discurso do Método, 2001, p. 71)



## RESUMO

As *fakenews* tornaram-se um fenômeno na sociedade atual, trazendo desinformação e criando ambiente para influenciar as pessoas no seu modo de agir e pensar. São propagadas principalmente nas redes sociais, sendo uma delas o Facebook. A filosofia é um ramo do saber humano e, como componente curricular do ensino médio, pode contribuir para que os jovens que frequentam essa etapa de ensino da educação façam uma reflexão mais profunda sobre as notícias que são divulgadas nas redes sociais, questionando-as. Essas reflexões podem, a partir do uso de textos filosóficos clássicos da filosofia, mesmo que em forma de recortes, mitigar e até estancando a propagação dessas *fakenews*. Nesse caso, foi selecionado um clássico da Filosofia, René Descartes, e em específico as *Primeiras Meditações*, dado que o filósofo propôs uma forma de chegar a um conhecimento claro e indubitável, através de passos que podem eliminar os erros. A base teórica está apoiada principalmente Pierre Lévy, em específico partes de sua obra, *Cibercultura*, o filósofo holandês Peter Kroes da qual extraímos o conceito de artefato técnico e aproximamos com o Facebook e Johannes Hessen que vê a informação como um meio e o conhecimento como um produto e a base para a implantação de uma prática em sala de aula está assentada na sequência didática, proposta por Silvio Gallo.

Palavras-chave: *Fakenews*. Facebook. Ensino médio. Filosofia. Aula.

## ABSTRACT

*Fakenews*, has become a phenomenon in today's society, bringing disinformation and creating an environment to influence people in their way of acting and thinking, and its propagation is mainly done through social networks, one of which is Facebook. Philosophy is a branch of human knowledge and as a curricular component of high school, it can help young people who attend this stage of education to reflect more deeply on the news that are disseminated on social networks, avoiding sharing and stagnation. its propagation and one of the antidotes to *fakenews* is the use of classic philosophical texts of philosophy, even if in the form of clippings, they are important in this process. In this case, a classic of Philosophy, René Descartes, was selected, and specifically the First Meditations, since the philosopher proposed a way to arrive at a clear and indubitable knowledge, through steps that can eliminate errors. The theoretical basis is mainly supported by Pierre Lévy, in specific parts of his work, *Cyberculture*, the Dutch philosopher Peter Kroes from which we extract the concept of technical artifact and approach with Facebook and Johannes Hessen who sees information as a means and knowledge as a product and the basis for implementing a practice in the classroom is based on the didactic sequence proposed by Silvio Gallo.

Keywords: *Fakenews*. Facebook. High School. Philosophy. Classroom

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Plataformas de comunicação mais usadas pelos entrevistados .....	18
FIGURA 2 – Uso da internet por domicílio em cada região.....	24
FIGURA 3 – Moro e Lula juntos .....	56
FIGURA 4 – Foto montada e foto original .....	57
FIGURA 5 – Faixa etária dos estudantes que participaram da pesquisa .....	71
FIGURA 6 – Redes sociais mais usadas pelos estudantes que participaram da pesquisa.....	72
FIGURA 7 – Segunda rede social mais usadas .....	72
FIGURA 8 – O uso rede social para ler, curtir ou compartilhar informações .....	73
FIGURA 9 – Distinção imediata se a informação é verdadeira ou falsa quanto ao conteúdo .....	74
FIGURA 10 – Entendimento do que é uma <i>fakenews</i> .....	75
FIGURA 11 – Busca sobre saber se são verdadeiras ou falsas as informações .....	75
FIGURA 12 – Fonte para verificar a veracidade de uma informação .....	76
FIGURA 13 – Uso de outra fonte de informação.....	77
FIGURA 14 – Matéria veiculada sobre suposto modismo entre adolescentes.....	80
FIGURA 15 – Imagem veiculada em matéria sobre a obrigatoriedade de implantar um microchip na pele nos EUA.....	81

## SUMÁRIO

<b>1 AS REDES SOCIAIS – NOVAS FORMAS DE RELACIONAMENTO HUMANO E DIVULGAÇÃO DE INFORMAÇÕES .....</b>	<b>14</b>
1.1 O FACEBOOK – UM FENÔMENO MUNDIAL .....	17
1.2 <i>FAKENEWS</i> – INFORMAÇÕES FALSAS COMO PROBLEMA FILOSÓFICO. ..	19
1.3 INTERNET, FACEBOOK E <i>FAKENEWS</i> .....	24
<b>2 COMPREENDENDO A REDE SOCIAL FACEBOOK COMO UM ARTEFATO TÉCNICO E O USO NÃO PREVISTO: <i>FAKENEWS</i>.....</b>	<b>28</b>
<b>3 INFORMAÇÃO, CONHECIMENTO E <i>FAKENEWS</i> .....</b>	<b>36</b>
<b>4 UMA PRÁTICA FILOSÓFICA: ANALISANDO AS “<i>FAKENEWS</i>” NA REDE SOCIAL FACEBOOK ATRAVÉS DO MÉTODO CARTESIANO.....</b>	<b>42</b>
4.1 RENÉ DESCARTES E AS PRIMEIRAS MEDITAÇÕES. ....	42
4.1.1 A dúvida dos sentidos .....	44
4.1.2 A dúvida dos sentidos a partir dos sonhos. ....	48
4.1.3 A dúvida das certezas matemáticas e o Deus enganador.....	51
4.1.4 A dúvida inspirada pelo Gênio Maligno .....	52
<b>5 UMA EXPERIÊNCIA COM RENÉ DESCARTES E AS FAKE NEWS EM SALA DE AULA 55</b>	
5.1 PROBLEMATIZAÇÃO DE BASE: RELAÇÃO ENTRE O TEXTO E O COTIDIANO DOS ESTUDANTES. ....	55
5.1.1 Sensibilização .....	61
5.1.2 Problematização.....	63
5.1.3 Investigação .....	63
5.1.4 Conceituação .....	64
<b>6 PESQUISA SOBRE O USO DE REDES SOCIAIS E PRÁTICA PEDAGÓGICA ..</b>	<b>69</b>
6.1 PESQUISA SOBRE O USO DE REDE SOCIAL E <i>FAKENEWS</i> .....	69
6.2 ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS.....	71
6.2.1 Quanto a faixa etária. ....	71
6.2.2 Redes sociais mais usadas pelos estudantes. ....	71
6.2.3 Segunda rede social mais usada pelos estudantes. ....	72
6.2.4 O uso rede social para ler, curtir ou compartilhar informações. ....	73
6.2.5 Quanto a leitura de informação na rede social e a distinção imediata se ela é verdadeira ou falsa quanto ao conteúdo. ....	73
6.2.6 Quanto ao entendimento do que é uma <i>fakenews</i> ? .....	74

6.2.7 Quanto a busca das informações sobre saber se são verdadeiras ou falsas...	75
6.2.8 Quanto fonte usada para saber se é verdadeira ou falsa.....	76
6.2.9 Quanto ao uso de outra fonte de informação. ....	77
6.2.10 Quanto a importância das aulas de Filosofia em relação as <i>fakenews</i> .....	77
6.3 A PRÁTICA EM SALA DE AULA – DESCRIÇÃO E ANÁLISE .....	78
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>85</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>88</b>
<b>APÊNDICE 1 – PLANO DE AULA .....</b>	<b>94</b>
<b>APÊNDICE 2 – PRODUÇÃO DOS ESTUDANTES EM RELAÇÃO A ANÁLISE DO TRECHO DO FILME DÚVIDA (2008) ETAPA DA SENSIBILIZAÇÃO.....</b>	<b>100</b>
<b>APÊNDICE 3 – COMENTÁRIOS SOBRE FAKENEWS .....</b>	<b>110</b>

## 1 AS REDES SOCIAIS – NOVAS FORMAS DE RELACIONAMENTO HUMANO E DIVULGAÇÃO DE INFORMAÇÕES

Com frequência, independentemente de gerações, em nosso dia a dia, ouve-se falar em rede social, associando-as a um produto da contemporaneidade e ligadas, quase sempre, às tecnologias da comunicação e informação.

Mas o termo rede tem um sentido histórico e social, como aponta Muso (2004), na mitologia grega o sentido da rede se fazia presente no imaginário da tecelagem e do labirinto. Na antiguidade, Hipócrates (460 a.C.-377 a.C.) considerou em suas observações clínicas que todas as veias do corpo humano estavam ligadas entre si e escoavam uma para as outras formando uma rede.

No entanto, a palavra rede apareceu na língua francesa (*reseau*) durante o século XII, com o significado de “[...] redes de caça ou

pesca e tecidos, uma malhagem têxtil que envolve o corpo” (Musso, 2004, p.18).

Muso (2004) afirma que a noção de rede era relacionada como algo exterior ao corpo; mas que aos poucos foi sendo adotada, durante o século XVII, pela medicina para designar a composição do corpo humano pelos seus vasos sanguíneos e fibras, passando a fazer parte, até o final do século XVIII da linguagem dos médicos. Somente na passagem do século XVIII ao século XIX que houve uma grande ruptura, na qual a rede “saiu” do corpo, e passou ser entendida num conceito mais amplo:

A rede não é mais apenas observada sobre ou dentro do corpo humano, ela pode ser construída. Distinguida do corpo natural, ela se torna um artefato, uma técnica autônoma. À rede está fora do corpo. O corpo será até mesmo tomado pela rede técnica enquanto se desloca nas suas malhas, no seu território. De natural, a rede vira artificial. De, enquanto o médico se contentava em observá-la. À rede pode ser construída, porque ela se torna objeto pensado em sua relação com o espaço. Ela se exterioriza como artefato técnico sobre o território para encerrar o grande corpo do Estado-Nação ou do planeta. Para sair de sua relação com o corpo físico, a rede devia, primeiramente, ser pensada como conceito para tornar-se operacional como artefato. Essa genealogia da rede pode ser interpretada como a história de um processo de desmaterialização, conduzindo de uma observação de uma forma em rede na natureza, principalmente no corpo humano, para sua transformação em artefato, graças ao domínio da ordem que ela representa. (Musso, 2004, p. 20).



Vê-se assim que o conceito de rede não é unívoco, mas pode ser entendido no sentido equívoco, dependendo do contexto em que é usado, principalmente quando acompanhado de um adjetivo.

Assim, um tema que emerge, a partir da metade do século XX, é o de Rede Social, mas não com a conotação que se tem hoje, naquele momento, segundo Portugal (2007)

[...] o termo era sobretudo usado em sentido metafórico: os autores não identificavam características morfológicas, úteis para a descrição de situações específicas, nem estabeleciam relações entre as redes e o comportamento dos indivíduos que as constituem. (Portugal, 2007, p. 4).

Este sentido, no entanto, foi, aos poucos, sendo substituído por um conceito social e coletivo, estudado pela Antropologia e Sociologia, áreas que têm se dedicado aos impactos das redes sociais na vida das pessoas em diferentes contextos, que:

[...] busca explicar o comportamento dos indivíduos através das redes em que eles se inserem e explicar a estruturação das redes a partir da análise das interações entre os indivíduos e das suas motivações. (Portugal, 2007, p. 10).

As Redes Sociais, segundo Marteleto (2001, p. 72), representam “[...] um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados”. Hoje, o conceito de Redes Sociais deve ser compreendido na sua dimensão virtual, pois, normalmente, os conjuntos sociais que agregam pessoas cotidianamente estão sendo substituídos por agregações virtuais. Esse é o advento da ocupação do ciberespaço. Assim, a precisão conceitual deve ser compreendida em sua dimensão virtual, pois mesmo indicando impactos para a vida concreta e física, apresenta origem na dimensão virtual.

Para Recuero (2009, p. 24), uma rede social pode ser definida como:

[...] um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais) (Wasserman e Faust, 1994; Degenne e Forse, 1999). Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões.

Outra denominação apresentada para Rede Social é a apresentada por Musso (2004, p.34) como “uma das formas de representação dos relacionamentos afetivos, interações profissionais dos seres humanos entre si ou entre seus agrupamentos de interesses mútuos”

Portanto, o que se extrai desses conceitos é que uma Rede Social visa à interação entre as pessoas e, ganha maior importância com o surgimento da internet, nos anos de 1990, permitindo que mais pessoas pudessem se inter-relacionar em torno de ideias e informações, promovendo uma verdadeira revolução na comunicação entre elas, ao que podemos chamar de democratização da informação pela facilidade de seu compartilhamento. Nesse sentido, Recuero (2009, p. 24) lembra que:

O advento da Internet trouxe diversas mudanças para a sociedade. Entre essas mudanças, temos algumas fundamentais. A mais significativa, para este trabalho, é a possibilidade de expressão e sociabilização através das ferramentas de comunicação mediada pelo computador (CMC). Essas ferramentas proporcionaram, assim, que atores pudessem construir-se, interagir e comunicar com outros atores, deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais através desses rastros. É o surgimento dessa possibilidade de estudo das interações e conversações através dos rastros deixados na Internet que dá novo fôlego à perspectiva de estudo de redes sociais, a partir do início da década de 90. É, neste âmbito, que a rede como metáfora estrutural para a compreensão dos grupos expressos na Internet é utilizada através da perspectiva de rede social.

A partir da última década do século XX, as Redes Sociais se multiplicaram, porém não há, em bancos de dados confiáveis, uma pesquisa que aponte o número de redes sociais existentes na atualidade, mas entre as características das redes sociais praticamente uma é comum em quase todas: a democratização da informação e do conhecimento, devido a facilidade que qualquer pessoa possa ter seu acesso. Como afirma Adami (2014): “a rede social pode dar voz as pessoas, dando mais importância a opinião pública”.

Destaca-se ainda, que as redes sociais, em especial as ancoradas na internet, permitem as pessoas compartilharem diversas situações que envolvem suas vidas:

As redes de relacionamento social construídas na internet são componentes importantes daquilo que a teoria política tem chamado de esfera pública. Pessoas comuns, utilizando linguagens cotidianas, trocam opiniões e constroem nessas redes suas visões e discursos também sobre o poder político e sobre os diversos fatos que afetam suas vidas. (Silveira,2015, p. 1638).

Assim, com o advento do aumento do uso das redes sociais e com a permeabilidade da comunicação em todos seus níveis, elas passaram a fazer parte da divulgação e aquisição do conhecimento.

Importante esclarecer que ao se afirmar que as redes sociais permitem a aquisição do conhecimento, estamos pensando, por exemplo, em redes sociais que agregam pessoas que têm interesses profissionais comuns e compartilham esses conhecimentos, seja, de grupos de pesquisas científicas ou de saberes cotidianos. Mas as redes sociais também permitem que o indivíduo seja um produtor de informações, de conteúdo, que cria e divulga sem muito critério, com intencionalidades diversas.

O escopo desta pesquisa, no entanto, não é discutir sobre todas as redes sociais, mas limitar-se ao Facebook, uma rede social popular no Brasil por onde circularam informações, em forma de notícias ou outras formas, como as *fakenews*.

## 1.1 O FACEBOOK – UM FENÔMENO MUNDIAL

A rede social Facebook, originalmente denominada de *The Facebook*, foi criada em 2004 nos Estados Unidos pelos estudantes da Universidade Havard, Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Chris Hughes e Dustin Moskovitz. Inicialmente, era para o uso entre universitários, mas devido à facilidade de uso se popularizou e hoje possui milhões de usuários por todo mundo.

O Facebook “é uma rede social que conecta usuários em todo o mundo. Por meio de perfis, pessoais e profissionais, é possível encontrar e conhecer pessoas, acompanhar personalidades públicas e marcas, criar, consumir e compartilhar conteúdos e muito mais” (Ferreira, 2023).

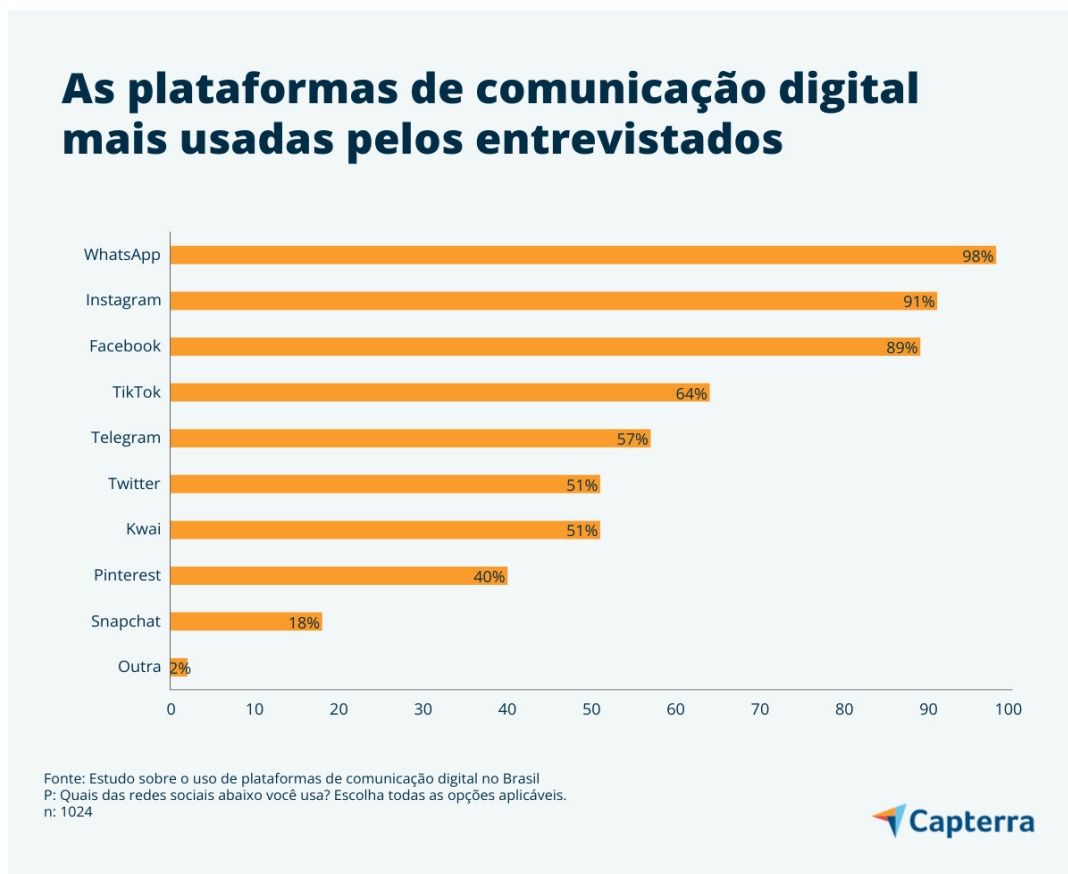
Entre as principais funcionalidades do Facebook, segundo Quercia (2012, apud Correia; Moreira, 2014, p. 173), estão os pedidos de amizade, *feed* de notícias, o botão “gosto”, redes e grupo, o mural, a cronologia (Facebook *timeline*).

Segundo o site Kinsta (2023), em matéria publicada por Osman (2023):

o Facebook alcançou a marca dos 100 milhões de usuários em 26 de agosto de 2008. Em julho de 2010, tinha meio bilhão de usuários. No ano seguinte, o Facebook cruzou a linha em 1 trilhão de visualizações de páginas. Nesse mesmo ano, Nielsen descobriu que o Facebook era o segundo site mais visitado nos EUA e o site de rede social mais popular. Então, em setembro de 2012, o Facebook atingiu 1 bilhão de usuários e 2 bilhões em 2017.

No Brasil, segundo plataforma de avaliação e seleção de software no site Capterra, em matéria publicada por Gava (2022), o Facebook é a 3ª rede social mais usada entre os entrevistados.

FIGURA 1 – Plataformas de comunicação mais usadas pelos entrevistados



FONTE: Capterra (2022).

Nesse sentido, é possível afirmar que o uso em larga escala dessa rede social proporciona uma rapidez e volatilidade de informações, que podem ser verdadeiras ou falsas. Assim, compreender como o fluxo de notícias impacta os usuários é um ponto de partida para compreender o engajamento de estudantes do ensino médio em disseminar informações e notícias em suas redes sociais.

## 1.2 FAKENEWS – INFORMAÇÕES FALSAS COMO PROBLEMA FILOSÓFICO.

Quando o ensino de filosofia voltou obrigatoriamente ao currículo do ensino médio, pela Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008, alterando o art. 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (BRASIL, 2008), houve, segundo Ghedin (2009, p. 25) uma séries de discussões sobre conteúdos, metodologias de ensino e propósitos da disciplina, para que a filosofia conquistasse seu espaço no campo político e institucional.

Passado esse tempo de acomodação e reestruturação desse componente curricular, com idas e vindas de carga horária, recomenda-se seu ensino para contribuir positiva e propositivamente na vida do estudante, conforme Favaretto (2017)

[...] não se trata apenas, e nem em primeiro lugar, da opção por conteúdos (informações, rede conceitual, problemas), mas daquilo que possa garantir a entrada nos procedimentos filosóficos, isto é, a produção da familiaridade com o modo de linguagem que articula a fabricação de conceitos, argumentação, sistematicidade e significação. (Favaretto, 2017, p. 152).

A partir dos fatos do dia a dia de estudantes do ensino médio, a proposta desta dissertação é buscar uma aproximação desse cotidiano com os problemas da filosofia. Nesse sentido, discutir as *fakenews*, a partir de seu consumo, divulgação e efemeridade, parece ser uma forma de levar modos de analisar e diagnosticar esse fenômeno aos jovens. A contribuição desse componente curricular pode habilitar os jovens a perceberem quando podem estar sendo enganados ou quando estão sendo vítimas dessas notícias falsas, bem como suas consequências imediatas e a longo prazo. Antes, de entrar nessa seara, precisamos perquirir inicialmente, o que são as *fakenews*.

A imprensa internacional começou a usar com mais frequência o termo *fakenews* durante a eleição de 2016, nos Estados Unidos, na qual Donald Trump tornou-se presidente. *Fakenews* é um termo em inglês, usado para referir-se à divulgação de falsas informações, principalmente, em redes sociais. A expressão foi solidificada no ano em 2017 pelo dicionário Collins, que a definiu como informações falsas que são disseminadas em forma de notícias, muitas vezes, de maneira sensacionalista (Hermínio, 2022).

A expressão “informação falsa” contrapõe aquilo que na filosofia chamamos de verdade. A verdade, dentro da filosofia, é um conceito metafísico, porém no dia a

dia das pessoas, o conceito de verdade é bem diferente do filosófico, pois para as pessoas há coisas que acontecem e outras que não. Fatos, sejam reais, que aconteceram, ou inventados, que não aconteceram, acabam por influenciar a nossa percepção da realidade, bem como, nossa opinião.

No que se refere às informações falsas, é preciso compreender que elas não são um fenômeno da era da Internet, elas rondam a humanidade há muito tempo, e estão presentes em diferentes momentos históricos.

Na história, as informações falsas são tratadas como mentiras e não como *fakenews*, porém o pano de fundo de sua construção é sempre o mesmo, enganar fazendo-se crer verdadeiro, principalmente as de cunho político. Derrida (2006) alerta sobre a historicidade da mentira:

O fato de que a política é um lugar privilegiado para a mentira é bem conhecido. Hannah Arendt o lembra mais de uma vez: “As mentiras sempre foram consideradas instrumentos necessários e legítimos, não somente do ofício do político ou do demagogo, mas também do estadista. Por que será assim? O que isso significa quanto à natureza e dignidade do campo político por um lado, quanto à natureza e dignidade da verdade e da boa-fé por outro lado? (Derrida, 2006, p. 11).

É possível exemplificar um caso de mentira/*fakenews* de cunho político aqui no Brasil, quando, em 1930, divulgou-se o Plano Cohen, pelo qual o Partido Comunista Brasileiro estava sendo acusado de elaborar uma ofensiva para a derrubada do presidente Getúlio Vargas. Nesse período, houve a elaboração de uma narrativa de “ameaça vermelha”, que foi o pano de fundo para que Getúlio Vargas iniciasse uma perseguição aos membros do Partido Comunista Brasileiro e, mais tarde, o golpe militar iniciando o Estado Novo. A farsa do Plano Cohen só se tornou pública em 1945, quando o General Góes Monteiro revelou que a narrativa era uma notícia falsa.

As *fakenews* também permeiam as ciências, visto que se tornaram, nos últimos anos, frequentes nessa área do conhecimento humano, antes protegido pelo rigor da pesquisa e seus métodos. Exemplo de um caso concreto ocorrido nessa área foi uma notícia mal apurada pela mídia e que resultou em uma queda expressiva na vacinação contra o vírus do papiloma humano (HPV), de enorme importância na prevenção do câncer de colo de útero. A vacina é ministrada em duas doses e, no período 2014–2018, na faixa etária de 9 a 14 anos, a cobertura vacinal caiu de 60,8% na primeira dose para 44,2% na segunda. Isso porque, em grande parte, à notícia de



que três meninas do município de Bertiooga, no litoral paulista, tinham tomado a vacina na escola e haviam sido acometidas de paralisia nas pernas. (Arantes, 2019).

Na história, temos o caso de Piltdown tido como a maior mentira científica de todos os tempos. Em fevereiro de 1912, Charles Dawson (1864-1916), um advogado britânico que praticava paleontologia e arqueologia como hobbies, enviou uma carta a Arthur Smith Woodward (1864-1944), então curador da coleção de História Natural do Museu Britânico, dizendo que havia encontrado, numa cascalheira nos arredores da vila de Piltdown, em Sussex, Inglaterra, numa camada geológica de cerca de um milhão de anos, vestígios de um crânio humano. Em dezembro daquele ano, Dawson e Woodward apresentaram à comunidade científica os primeiros vestígios descobertos em Piltdown: partes de uma caixa craniana, de aparência humana, e uma mandíbula simiesca, contendo dois dentes molares. O exemplar foi classificado como uma nova espécie de ancestral humano, *Eoanthropus dawsoni* (“Homem da Alvorada de Dawson”) – (Revista Questão de Ciência, 2021).

A novidade, por fim, veio em 1953, quando uma investigação conduzida por três pesquisadores – Kenneth Oakley (1911-1981), Joseph Weiner (1915-1982) e Wilfrid Le Gros Clark (1895-1917) – demonstraram que os restos do *Eoanthropus dawsoni* eram uma fraude: ossos humanos e de macaco, tingidos e manipulados para parecerem mais velhos do que realmente eram e anatomicamente compatíveis entre si. Weiner escreveu um livro sobre o caso, “The Piltdown Forgery”, publicado em 1953, que se tornou um clássico (Orsi, 2021).

Nesse sentido, conforme os exemplos citados, é possível compreender como as notícias falsas podem mudar os rumos de uma sociedade ou os rumos do conhecimento científico.

Para Alves (2017), as *fakenews* são as notícias que, sejam inventadas ou manipuladas, são publicadas para confundir o público, convencendo-o de tal informação afim de diversos propósitos escusos. Essas notícias falsas são frequentes em todas as mídias sociais digitais e até mesmo em alguns sites e blogs, havendo inclusive portais dedicados exclusivamente para esse tipo de produção. Podem parecer inocentes, contudo, muito mais do que “apenas mentiras soltas no ciberespaço” elas têm consigo uma grande capacidade de gerar efeitos drásticos.

Apesar das informações falsas não serem novidade na história humana, novas são as formas como elas são disseminadas na atualidade: pelas redes sociais digitais na Internet! No Brasil, o termo em inglês *fakenews* ganhou a preferência

popular e é usado para se referir a quaisquer notícias e informações falsas ou mentirosas que são compartilhadas como se fossem reais e verdadeiras, divulgadas em contextos nos virtuais.

Esse também será o termo utilizado para relacionar as notícias falsas nesta pesquisa com os problemas filosóficos, pois os estudantes têm maior familiaridade com o conceito, já disseminado na Internet. Aliás, esse meio de comunicação passou a ser fonte de informação das mais diversas ordens, atingindo os mais diversos públicos. Assim, com a democratização da informação também aumentou a irresponsabilidade pela checagem da veracidade dessas informações, que podem ser produzidas por qualquer pessoa e divulgadas de forma planetária através das redes sociais virtuais, proporcionando a possibilidade de milhares de visualizações e compartilhamentos.

Em 2015, o filósofo italiano Umberto Eco, ao receber o título de doutor *honoris causa* em comunicação e cultura na Universidade de Turim, fez duros comentários sobre as informações nas redes sociais. No trecho do vídeo que o site Huffington Post (2015) postou que, em tradução livre, Eco afirmou que as redes sociais deram direito a uma "legião de imbecis" que antes falavam apenas "em um bar e depois de uma taça de vinho, sem prejudicar a coletividade [...]. Normalmente, eles [os imbecis] eram imediatamente calados, mas agora eles têm o mesmo direito à palavra". Numa leitura apressada e no contexto da fala de Eco, é possível pensar que ele fez uma crítica discriminatória no sentido de permitir ou não o ato da fala pública, os que podem falar e os que não podem falar. Ou seja, somente alguns teriam o direito a palavra, segundo Eco, os chamados intelectuais, enquanto os não habilitados, não teriam o mesmo direito de publicizar suas posições, ficando marginalizados num mundo onde a tecnologia se faz cada vez mais presente.

No entanto, devemos ter um olhar diferente à crítica às redes sociais. Quando a internet permitiu a democratização da informação e do conhecimento, que agora não está mais no domínio de uma elite e passou a ser utilizada por uma massa de pessoas que antes estavam espoliadas desses saberes, houve uma revolução na forma de comunicação e publicização de ideias, informações e cultura, em que cada um pôde também construir esse conhecimento.

Entre tantas possibilidades que a Internet disponibilizou estão as redes sociais, que são ferramentas de comunicação usadas por bilhões de pessoas pelo mundo para difundir informações das mais variadas ordens e dos mais variados

campos de conhecimento. Porém, a confiabilidade e a veracidade dessas informações têm sido colocadas à prova em função *fakenews*.

Portanto, as *fakenews* têm potencial de chegar nas diferentes faixas etárias, sendo um desses públicos, os jovens [...] em especial, cujas trajetórias são influenciadas pelo mundo digital, precisam lidar com o tema ao fazerem escolhas sobre em que acreditar (Fagundes et al., 2020, p. 4).

Dessa forma, mostra-se importante que, nas aulas de filosofia no ensino médio, haja espaço para problematizar essa discussão, buscando analisar as consequências desse tipo de notícias no cotidiano das pessoas. Essa ação permite aos estudantes compreenderem e analisarem corretamente as informações que recebem nas redes sociais.

É por meio da problematização filosófica dessas questões que a pesquisa vai interagir com as *fakenews*, buscando estabelecer relações com a análise cartesiana da verdade. Grande parte da população (76%) que usa a Internet e redes sociais acredita que notícias falsas têm mais visibilidade do que notícias verdadeiras, conforme dados coletados pelo Instituto DataSenado<sup>1</sup>, e isso nos leva a considerar que informações publicadas em redes sociais são mais visualizadas do que aquelas publicadas na mídia tradicional.

Assim, podemos indicar que as redes sociais são ferramentas de comunicação e que por meio das quais são difundidas informações das mais variadas ordens e campos do conhecimento que nem sempre são verdadeiras, boa parte delas se constituem de conteúdos falaciosos, mentirosos, distorcidos, as *fakenews*. Nesse sentido, é possível compreender que nem tudo o que é publicado numa rede social merece credibilidade e, por isso mesmo, deve-se sempre questionar e duvidar sobre seu conteúdo e intenção de divulgação.

O desafio a que nos colocamos é buscar meios de descobrir como analisar se uma informação é verdadeira ou falsa, e como os jovens podem exercitar a dúvida como um método de verificação. Para isso recorreremos as *Primeiras Meditações* de René Descartes (2004). Uma leitura que será utilizada como correlato para verificação das *fakenews*.

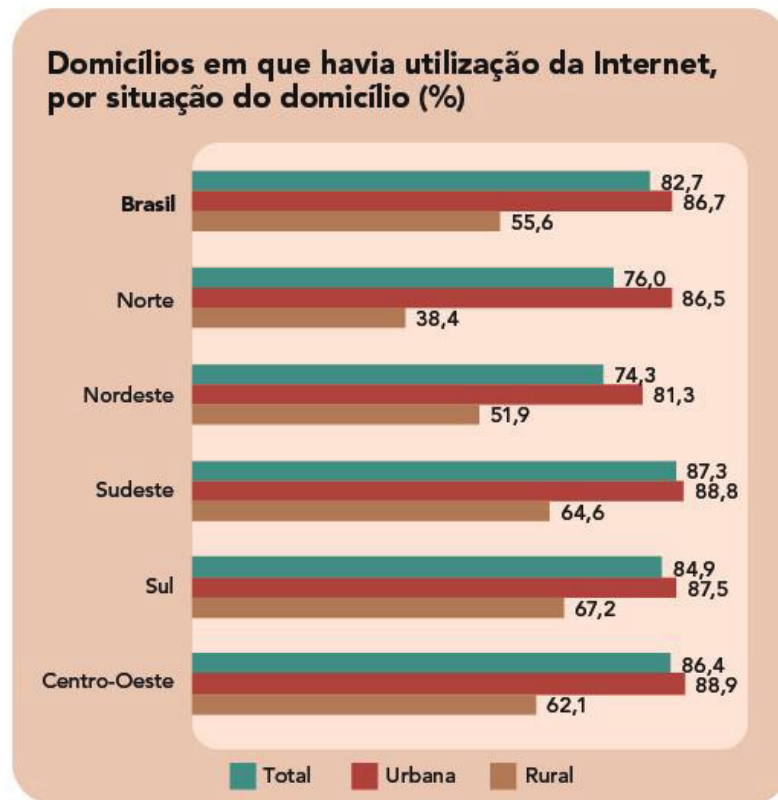
---

<sup>1</sup> Para ter acesso a pesquisa e aos dados na íntegra, acesse: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/publicacaodatasenado?id=maioria-dos-brasileiros-apoia-a-criacao-de-uma-lei-contra-fake-news>. Acesso em: 22 out. 2022

### 1.3 INTERNET, FACEBOOK E *FAKENEWS*

Levy (2016, p. 64) explica que mídia é o suporte ou veículo de uma mensagem. Por exemplo, o impresso, o rádio, a televisão, o cinema ou a internet. Assim, as redes sociais, como o Facebook, utilizam como suporte de transmissão a internet, que pode ser acessada por meio de tablet, telefones celulares, computadores de qualquer lugar onde a pessoa esteja, uma vez que a cobertura da internet. Segundo dados do IBGE (2019), a internet chega a 82,7% dos domicílios brasileiros:

FIGURA 2 – Uso da internet por domicílio em cada região



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019.

FONTE: IBGE (2019).

Essa constatação é muito importante, pois mesmo sem pesquisas específicas em 2020 a 2022, há uma tendência de que esses dados tenham se ampliado depois da pandemia de Sars-Covid19. Essa ampliação de uso levanta uma reflexão bastante importante em relação aos jovens, que são considerados natos digitais. Diferentemente das gerações anteriores – consideradas imigrantes digitais, pelo fato de que não cresceram na onipresença do mundo digital e com acesso facilitado à

Internet e que tiveram que se adaptar à nova linguagem e prática das tecnologias digitais (Prensky, 2001) –, os jovens que hoje frequentam o ensino médio, entre 14 e 17 anos, não conhecem outro mundo além do definido pela Internet e por dispositivos inteligentes.

Compreender como os nativos digitais se movimentam na internet é importante para a reflexão filosófica sobre a constituição de seu conhecimento, pois nessa faixa etária também se forma a personalidade do estudante. Pelo contato frequente com as tecnologias da informação e comunicação, os jovens ficam expostos a uma pluralidade de conteúdos e posições os quais alguns são vistos de forma natural e comum, aceitos indubitavelmente, sem questionamento, pois ao contrário das sociedades orais, que as mensagens eram recebidas no mesmo contexto, hoje, com a internet, as mensagens são recebidas por meio de interconexões, criadas e recriadas a todo instante. Nesse sentido, Pierre Levy reflete:

Nas sociedades orais, as mensagens discursivas são sempre recebidas no mesmo contexto em que são produzidas. Mas, após surgimento da escrita os textos se separam do contexto vivo em que foram produzidos. É possível ler uma mensagem escrita cinco séculos antes ou redigida a cinco mil quilômetros de distância o que muitas vezes gera problemas de recepção e de interpretação. Para vencer essas dificuldades, algumas mensagens foram então concebidas para preservar o mesmo sentido, qualquer que seja o contexto (o lugar, a época) de recepção: são as mensagens "universais" (ciência, religiões do livro, direitos do homem etc.). Esta universalidade, adquirida graças a escrita estática, só pode ser construída, portanto, ao custo de uma certa redução ou fixação do sentido: é um universal "totalizante". A hipótese que levanto é a de que a cibercultura leva a copresença das mensagens de volta a seu contexto como ocorria nas sociedades orais, mas em outra escala, em uma órbita completamente diferente. A nova universalidade não depende mais da autossuficiência dos textos, de uma fixação e de uma independência das significações. Ela se constrói e se estende por meio da interconexão das mensagens entre si, por meio de sua vinculação permanente com as comunidades virtuais em criação, que lhes dão sentidos variados e numa renovação permanente. (2016, p.17)

Em sua obra *Cibercultura*, Pierre Levy (2016) trata das comunidades virtuais que estavam sendo criadas, no final do século XX. Com as redes sociais, houve a possibilidade de conexão entre milhões de pessoas em todo o mundo, a comunicação e interação se tornaram planetárias, realizando uma interconexão entre diversas pessoas em diferentes partes do mundo.

Anteriormente, houve a indicação de que o objetivo principal do Facebook era ser um espaço virtual onde as pessoas poderiam encontrar outras pessoas, dar opinião, discutir opiniões, exibir e mostrar fotografias, vídeos, notícias, expor seus

sentimentos pessoais, conversar etc. A particularidade desta rede é a facilidade de compartilhamento e criação de notícias, que podem ser traduzidas simultaneamente para qualquer língua que o usuário pretenda utilizar. À medida que o uso frequente se consolida, alimenta-se o algoritmo do sistema, que apresenta novas interações relacionadas, criando uma verdadeira rede de afinidades entre os assuntos. O usuário, muitas vezes, não percebe que está sendo direcionado para novos conteúdos e relacionamentos

O problema dessas comunidades virtuais, como o Facebook, é que a produção de informação que se materializa como *fakenews* é muito grande, um fim não previsto inicialmente para a rede. Tal direção comunicacional apresenta aspectos negativos para toda a sociedade, em especial, destaco seus efeitos sobre os jovens, que passam a consumir informações desfocadas de contextos ou reconstruídas de forma diversa da original, deformando seu entendimento da realidade e a sua leitura do mundo.

As *fakenews* podem estar presentes em qualquer rede social, no entanto, a notícia divulgada pelo Correio Braziliense, em 2020, aponta que o Facebook e o WhatsApp são as principais plataformas de difusão de conteúdos falsos, segundo o Relatório de Notícias Digitais 2020 do Instituto Reuters, considerado o mais importante estudo mundial sobre jornalismo e novas tecnologias (Facebook, 2021). Ainda que o Facebook não seja a rede social mais utilizada pelos jovens na atualidade, que migraram em grande parte para aplicativos como *Tik Tok*<sup>2</sup>, a reflexão em torno dessa rede social e sua ligação com as *fakenews* pode servir de *lócus* de pesquisa, principalmente para mapear outras redes sociais, usadas de forma negativa em relação as informações.

No Facebook, as interações que se agregam em grupos e interesses também são meios de criar e divulgar notícias das mais variadas fontes, verdadeiras ou falsas, fantasiosas ou cruéis, com diferentes intenções dos usuários. A produção e divulgação de *fakenews* podem ser vistas como um ponto negativo no uso das redes sociais e podendo ser alvo de problematização filosófica no componente curricular de filosofia no Ensino médio. Dessa forma, a disciplina pode assumir o compromisso com a discussão sobre o conhecimento e a verdade, não em relação às coisas em si, mas em relação ao pensamento. Se, desde a Antiguidade, a procura pela verdade está

---

<sup>2</sup> Dados confirmados em pesquisa realizada pelo pesquisador com estudantes do Ensino Médio do Colégio Coronel Amazonas em Porto Amazonas (PR) no ano de 2023.



presente no cerne da filosofia e do filosofar, seja como fez Sócrates em sua busca incessante pela verdade através da maiêutica, como fez Platão, ao refletir sobre a diferença entre verdade e aparência (*Aléteia* e *Doxa*) ou como fez Descartes, na busca pela verdade como correspondência, é pertinente que em nosso contexto possamos fazer o mesmo.

Assim, não resta dúvida, que à medida que as redes sociais, como o Facebook, passam a ter um protagonismo na difusão de *fakenews*, elas passam a subverter o conhecimento e a verdade. Nesse sentido, cresce a hipótese de que há um perigo crescente dos jovens caírem nas armadilhas para quais algumas notícias e informações foram criadas, manipulando suas consciências, fortalecendo preconceitos, desacreditando dos fatos científicos ou induzindo a posicionamentos políticos. Para que tais comportamentos não sejam naturalizados, é importante que, no componente curricular de filosofia do Ensino médio, essas questões e discussões sejam enfrentadas por professores e estudantes.

## 2 COMPREENDENDO A REDE SOCIAL FACEBOOK COMO UM ARTEFATO TÉCNICO E O USO NÃO PREVISTO: *FAKENEWS*

A humanidade usa a tecnologia há muito tempo, engano quem pensa que somente a sociedade atual a usufrui, porém, é inegável que, em termos de quantidade, a era atual proporciona uma infinidade de tecnologias que facilitam a vida dos humanos em todos os setores de convivência social. No que se refere às novas tecnologias, a informação, comunicação e interação entre as pessoas tornaram-se mais presentes na vida das pessoas, independente do meio em que se vive, grau cultural, educacional ou de idade. Tais tecnologias também modificaram, por exemplo, as formas de comunicação e de como a informação chega até as pessoas. Se até pouco tempo atrás, as notícias, informações sobre conhecimento e o próprio conhecimento aconteciam por meio de jornais impressos, revistas e livros, ou seja, de forma física, ou através de noticiários radialísticos ou televisivos, na atualidade, todo esse processo de comunicação, que envolve informação e conhecimento se faz de forma massiva (porém não exclusiva) num espaço desterritorializado, sem fronteiras, sem ponto fixo, mais democrático, de forma colaborativa, que é internet. E mais, esse espaço permite outras potencialidades além da transmissão da informação e do conhecimento, permite possibilidade de relacionamentos pessoais, para fins econômicos, políticos de toda ordem, mudando a forma de interação entre os seres humanos e a sua cultura.

Esse fenômeno de mudanças que a internet vem ocasionando na vida humana tem sido objeto de estudos, sendo um dos principais estudiosos, o filósofo francês Pierre Lévy, que aborda o tema em 2016, na obra *Cibercultura*. Tal obra apresenta o fenômeno da internet e o Ciberespaço de forma positiva, principalmente pela possibilidade de uma democratização na produção e no acesso à informação e conhecimento.

Levy (2016) inicialmente faz uma menção ao que ele chama de Ciberespaço, um meio de comunicação que surge da intercomunicação mundial de computadores, sendo a *Internet* a infraestrutura deste Ciberespaço e é nesse meio que se produz a cibercultura, um novo universal que não é totalizante, já que está sempre aberto a novas produções:

Cibercultura expressa o surgimento de um novo universal, diferente das formas culturais que vieram antes dele no sentido de que ele se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer. Precisamos, de fato, colocá-la dentro da perspectiva das mutações anteriores da comunicação. (Levy, 2016, p. 15).

A internet trouxe diversas novidades que mudaram nossas práticas e nossa forma de se relacionar com o mundo, pois temos novas formas de atuação seja na internet como uma nova prática cotidiana, seja na criação de novos hábitos.

Com isso, podemos afirmar que a vida humana, seja nas suas relações comunicacionais ou culturais, foi impactada com as tecnologias da informação e comunicação, que usam a *Internet* como meio de transmissão. Esse advento tecnológico, que perpassa a vida humana, passou a existir em duas dimensões de realidade: o presencial e o virtual.

É preciso, inicialmente, compreender que falamos de diferentes dimensões de realidade, porque não há oposição entre o presencial e o virtual em termos de realidade, mas sim de existências ou vivências em planos distintos. É importante abordar-se esses pontos porque há uma tendência em confundir real com virtual, como se fossem opostos, como se o virtual não fosse real, o que é um engano, pois o virtual pode não ser material, mas é real. Tome-se como exemplo duas pessoas conversando através de alguma plataforma digital de comunicação, como o *Meet* da Google, poder-se-ia afirmar que a conversa não é real? Embora possa parecer óbvio para uns, para outros não o é, como alerta Levy (2016).

Consideremos, para começar, a oposição fácil e enganosa entre real e virtual. No uso corrente, a palavra virtual é empregada com frequência para significar a pura e simples ausência de existência, a “realidade” supondo uma efetuação material, uma presença tangível. O real seria da ordem do “tenho”, enquanto o virtual seria da ordem do “terás”, ou da ilusão, o que permite geralmente o uso de uma ironia fácil para evocar as diversas formas de virtualização. Essa abordagem possui uma parte de verdade interessante, mas é evidentemente demasiado grosseira para fundar uma teoria geral. (Levy, 2016, p. 05).

Levy (2016) também faz uma diferenciação entre o atual e o virtual. Diz que o virtual é potência e o atual é ato, como fez Aristóteles e os escolásticos, em que a potência é aquilo que se espera de algo, ou seja, um acontecimento futuro, e o ato é aquilo que é nesse momento. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto, à concretização efetiva ou formal. Levy usa como exemplo a árvore que está virtualmente presente na semente. Podemos exemplificar, o caso de um usuário da

internet que queira comprar um objeto em site de compras. A imagem projetada para seu interesse é potência, mas que ao receber em casa a sua mercadoria torna-se ato.

Essa digressão é importante para demonstrar como a vida humana, devido as duas dimensões de realidade, tem se transformado rapidamente e mudando a vida das pessoas, seja de forma positiva em muitos casos, como também de forma negativa em outros e, por isso, deve ser objeto de estudos em diversas áreas do conhecimento. Como exemplo dessas mudanças, que impactam de forma negativa o ambiente cultural e político estão as *fakenews* ou notícias falsas, um fenômeno que pode ser estudado do ponto de vista filosófico. O ponto de discussão aqui apresentado é abordar as tecnologias da informação e comunicação que usam as redes sociais, hospedadas no mundo virtual, como o Facebook, que as produzem e difundem.

Muitos estudos têm sido produzidos para compreender a presença da tecnologia e sua influência sobre a vida das pessoas, principalmente quanto ao seu uso. Não será utilizado neste estudo o termo “impacto” sobre a vida, pois tal termo sofre críticas por parte de Levy, devido a ser algo alheio a vida humana e estaria apto a atingi-la como se fosse um alvo. Levy (2016) critica o uso desse termo por considerar que a tecnologia não seria algo comparável a um projétil (uma pedra, uma granada ou míssil) com alvo a ser atingido. Entende que as “técnicas são imaginadas, fabricadas e reinterpretadas durante seu uso pelos homens, como também é o próprio uso intensivo de ferramentas que constitui a humanidade enquanto tal.” (LEVY, 2016, p. 21).

Nesse sentido, procuramos avançar, neste trabalho, compreendendo o Facebook como um artefato técnico, idealizado para ser uma rede social de interação e conexão entre pessoas em diversas partes do mundo e que, no entanto, dada a popularidade que alcançou, passou a ser usada por grupos religiosos, econômicos, políticos e outros, para influenciar o comportamento de seus usuários, muitas vezes, utilizando-se de *fakenews*.

Em nosso país, um dos exemplos desse panorama foi o caso das eleições brasileiras, em 2018, conforme destacou Avelar (2019), em matéria publicada no Jornal britânico *The Guardian*, que 42% das mensagens favoráveis à direita eram *fakenews* e tinham a intenção clara de favorecer, na época, o candidato a presidência Jair Bolsonaro, do Partido Social Liberal (PSL) e 3% das mensagens consideradas *fakenews* tinham o propósito claro de favorecer o então candidato Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores (PT). No campo religioso, segundo Cunha (2021),

grupos estão propensos não só assimilar as notícias e ideias mentirosas que circulam pela Internet, coerente com suas crenças, como também a fazer a propagação, uma espécie de "evangelização", disseminando estas notícias e ideias para que convertam pessoas ao mesmo propósito.

A intensidade desse uso desvia a finalidade prevista inicialmente, principalmente a partir do momento em que as *fakenews* começaram a ser difundidas em grandes proporções por essa rede social, influenciando, muitas vezes, os usuários na sua forma de pensar. O uso da rede social Facebook, para a propagação de *fakenews*, é o que podemos chamar de mal uso, o que dentro dos estudos sobre o uso de um artefato técnico é chamado de "uso não esperado".

É esse uso não esperado da rede social Facebook, em que permeiam as *fakenews* e com consequências posteriores negativas, que cabe oportunizar a discussão nas aulas de filosofia. O objetivo dessas práticas em sala de aula é o de produzir entre os estudantes uma reflexão e uma análise da informação. Para isso, a utilização de textos clássicos da filosofia, como *Primeiras Meditações* de Descartes, são o referencial para proporcionar reflexões a partir das dúvidas suscitadas, como adiante descreveremos.

Fenômenos como esses, em que a tecnologia influencia diretamente a vida das pessoas, têm sido objeto de estudos, surgindo áreas específicas, como a Filosofia da Tecnologia, um campo de reflexão recente, em que a temática aparece de forma recorrente nos congressos internacionais, a partir da década de 1950 do século XX. "Os debates envolviam aspectos éticos e políticos ligados às mudanças tecnológicas, onde é possível observar que esta área de investigação surge a partir de seus problemas e não de uma definição inicial da qual ela se desenvolve" (CUPANI, 2013, p. 28).

Esses apontamentos demonstram a importância do papel da filosofia em sala de aula, notadamente quando se trata de torná-la ponto de reflexão sobre hábitos ligados ao uso das tecnologias, em especial os aspectos negativos, ou seja, o mau uso da tecnologia. O filósofo holandês, Peter Kroes (2012), aponta que as redes sociais estão ancoradas no Ciberespaço, em especial, quando menciona a função não esperada do artefato técnico, que no caso desta dissertação se refere as *fakenews*. Aqui, é possível apontar os problemas que se desenvolvem a partir de um objeto técnico quando não utilizado para o uso projetado.

Pensar a partir desse ponto de vista suscita uma reflexão: faz sentido considerar os artefatos técnicos moralmente bons ou maus por causa da maneira como influenciam a vida humana? Dificilmente pode-se denotar a moralidade em objetos, mas é possível refletir sobre como afetam a moralidade dos usuários. Assim, supondo que se a rede social Facebook é um artefato técnico, ela poderia ser considerada como um meio que afeta moralmente os usuários, seja de forma boa ou inapropriada, pois nela circulam informações falsas, as *fakenews*.

Para se pensar nessas questões, utiliza-se aqui a obra de Peter Kroes (2012), da área da Filosofia das Ciências e Tecnologia. Através de um recorte temático tratado na sua obra, *Technical Artefacts: Creations of Mind and Matter* (Artefatos Técnicos: Criações da Mente e da Matéria<sup>3</sup>), faz-se uma aproximação com a ideia de função não esperada do artefato técnico. Tendo em vista essa perspectiva, a saber, o mal uso da rede social Facebook quanto da propagação de *fakenews*, faz parte desta pesquisa analisar e investigar tais elementos, pois envolvem a questão da neutralidade ou não dos artefatos técnicos e como pode a filosofia contribuir para a reflexão sobre os artefatos e seus objetivos. Em práticas de sala de aula e através de uma aproximação entre o método cartesiano e as *fakenews* divulgadas no Facebook, é possível refletir sobre a percepção da verdade em diferentes contextos.

Kroes (2012) menciona que “o mundo em que vivemos é um mundo de artefatos técnicos. Vivemos nossas vidas com e por meio deles” (2012, p 09). Com isso, o autor deixa claro que “este mundo técnico não apenas nos fornece os meios para adaptar o ambiente físico às nossas necessidades e desejos. Sua influência se estende muito mais para o mundo das questões sociais e para o mundo das ideias” (Kroes, 2012, p. 09). Assim, é possível fazer esse paralelo com as *fakenews*, divulgadas na rede social Facebook, tendo em vista que essa rede social circula no Ciberespaço e é fruto da técnica. Seu uso apresenta grande influência no mundo cultural e das ideias, por isso as *fakenews* podem ter efeitos nocivos e irreversíveis em determinados campos da vida humana, como o político, por exemplo, em que as notícias falsas podem determinar o rumo de uma eleição. Diante desses problemas, pontua-se aqui a importância do componente curricular de filosofia no Ensino médio, pois pode servir de base para uma prática de questionamento e reflexão em busca daquilo que se considera verdadeiro em uma notícia, caminho este que pode ser

---

<sup>3</sup> Tradução minha.

percorrido utilizando o método preconizado por René Descartes, em suas *Primeiras Meditações* (2004).

Sendo a rede social Facebook um produto da técnica, pode-se afirmar, apoiado em Kroes (2012), que o mundo técnico exerce forte influência, tanto no pensamento como na ação humana e, com base nessa afirmação é que ele busca uma compreensão desse mundo técnico através de um estudo sobre os seus elementos básicos: os artefatos técnicos. As reflexões que surgem, para essa compreensão, direcionam à busca de respostas para as seguintes perguntas:

Que tipo de objetos são eles? O que significa um objeto ser um artefato técnico? Em que sentido eles são diferentes dos objetos do mundo natural ou do mundo social? Como eles passam a existir? Faz sentido considerar os artefatos técnicos moralmente bons ou maus por causa da maneira como influenciam a vida humana? (KROES, 2012, p. 09).

Quanto à primeira pergunta, Kroes (2012) afirma que para responder que tipo de objetos são esses, deve-se separar os mesmos dos objetos naturais e buscar sua gênese, ou seja, para que finalidade (fim ou função) foram criados (sua aplicação prática). Dessa forma, observa-se que os artefatos técnicos são criações humanas criadas para terem um propósito, uma finalidade, ao contrário dos objetos naturais, que quando são usados para alguma finalidade humana, apenas o são assim, porque houve uma intervenção humana. Pode-se citar como exemplos de artefatos técnicos, um carro, um computador etc. Mas também ir além, a *Internet* que é um artefato técnico e dentro desse ambiente podem ser criados outros artefatos técnicos, como as redes sociais.

Quanto à segunda pergunta, o que significa um objeto ser um artefato técnico, Kroes (2012) responde “que os artefatos em geral, dos quais os artefatos técnicos são uma subclasse, são frequentemente caracterizados pelos filósofos como criações da mente humana.

Nesse ponto, Kroes (2012) pondera que os artefatos técnicos não podem ser considerados somente como “criações da mente humana”, pois enquanto estiverem só no pensamento, na idealização são aspectos internos do pensamento, no entanto, eles precisam ser materializados fisicamente. Assim, os artefatos técnicos passam a existir a partir do momento em que eles ganham a forma física e se prestam à finalidade para a qual foram concebidos. Mas, pode-se fazer uma observação, a forma física pode não se revestir de algo concreto, material, pode ser um artefato conceitual



ou virtual, como a rede social Facebook. Kroes (2012) menciona que outra forma de caracterizar os artefatos técnicos é com base em sua utilidade prática, por exemplo, uma faca é feita para cortar. Nesse aspecto, há um destaque para a sua finalidade, “um artefato técnico é sempre mais do que simplesmente uma estrutura física. É uma estrutura física com uma finalidade que é capturada por sua função técnica” (2012, p. 14).

Sob o enfoque da natureza dos artefatos técnicos, Kroes (2012) afirma no capítulo 2, que eles apresentam natureza dual, como algo físico e como algo que tem função. Como algo físico, o artefato é criado e desenvolvido para ter função, e pode ser explicado pelas leis da natureza, o qual as leis científicas conseguem descrever. Como algo que tem função, é visto como algo destinado a um fim, que tem um *design* humano. Essa função não pode ser isolada do contexto de uso do objeto tecnológico. O artefato técnico, do ponto de vista dual, tem também uma finalidade, que a princípio é boa, mas que pode ser transformada com o uso. O próprio autor levanta a questão de que essa visão esbarra em grandes dificuldades, pois, como lidar com o fato de que artefatos técnicos podem funcionar mal? (KROES, 2012, p. 16).

Nesse ponto, é possível abordar a questão da intencionalidade do idealizador e do usuário de um artefato, pois se questiona se faz sentido considerar os artefatos técnicos moralmente bons ou maus por causa da maneira como influenciam a vida humana. Entende-se neste estudo que não, já que muitos artefatos técnicos saem da intencionalidade do criador e passam a fazer parte da intencionalidade e finalidade do usuário, dando outros contornos a eles, os quais, muitas vezes, são bastante diferentes de sua gênese. É possível afirmar essa posição pelo fato de que artefatos técnicos não possuem autodeterminação e racionalidade em si, mas estão a serviço da intenção e racionalidade do usuário e, nesse sentido, é que se pode atribuir valor moral sobre o uso feito pelo inventor ou usuário.

Quanto última questão, se os artefatos técnicos são moralmente bons ou maus por causa da maneira como influenciam a vida humana, é possível aproximar as questões de Peter Kroes, com o objeto desta pesquisa, que consiste avaliar como a informação nas redes sociais, em especial as *fakenews* políticas, que são veiculadas na rede social Facebook, transformam-se em artefatos técnicos que são utilizados de forma equivocada, podendo ser valorados como maus pela finalidade dada pelo usuário. Essa dimensão ética pode ser compreendida no exemplo da faca, que pode ser utilizada para cortar uma maçã ou ferir uma pessoa.

Kroes (*apud* Szczepanik, 2020a, p. 227) afirma que a fase do *design*, ou seja, da concepção, da criação, ao contrário do que se pode afirmar na visão tradicional, não é uma atividade técnica neutra e, por isso, as questões axiológicas devem fazer parte das discussões já na fase da concepção.

Se compararmos essa visão de Kroes (*apud* Szczepanik, 2020b), com a ideia de que o Facebook é um espaço virtual onde as pessoas podem encontrar outras pessoas, dar e compartilhar opiniões, exibir e mostrar fotografias, vídeos, notícias, estado de sentimento pessoal, conversar etc., seria possível prever que por essa rede social seriam divulgadas *fakenews*, com efeitos deletérios sobre a vida das pessoas, notadamente em questões políticas? Por isso, afirmou-se anteriormente, que a técnica em si não é boa e nem má, mas a intencionalidade humana na finalidade do uso da técnica pode ser boa ou má.

Muitas informações que circulam pelas redes sociais, especialmente pelo Facebook, apresentam conteúdos sensacionalistas e sem propósito de conhecimento, buscam apenas difundir notícias inverídicas que acabam por influenciar a opinião dos usuários numa verdadeira manipulação de consciências. Esse tipo de mídia tem um agravante, pois as informações podem se tornar virais e milhares ou até mesmo milhões de usuários acabam por formar opiniões baseadas nelas.

Dentro da natureza dual dos artefatos técnicos, podemos compreender que a finalidade ou função da criação do artefato pode se refletir sobre aspectos morais dessa intencionalidade, no entanto, esse mesmo ponto não cabe ao objeto técnico em si. O aspecto moral se evidencia pelo mal uso dado ao objeto técnico, como no caso do Facebook, quando seu usuário produz ou compartilha intencionalmente as *fakenews*.

A partir desse viés de análise que se busca refletir sobre a contribuição da disciplina de Filosofia no Ensino médio, a fim de elucidar tais usos e alcances. Assim, postula-se nessa dissertação que a rede social Facebook pode ser utilizada de forma intencionalmente incorreta e que os usuários podem ser tanto produtores quanto vítimas das *fakenews*. Nesse sentido, a presente pesquisa busca compreender como a disciplina de filosofia no Ensino médio pode contribuir para despertar um olhar crítico frente às redes sociais, no caso, em específico o Facebook, demonstrando que existem mecanismos de verificação de informações que podem contribuir para uma vida mais responsável e crítica.

### 3 INFORMAÇÃO, CONHECIMENTO E *FAKENEWS*

Ao final do capítulo anterior, afirmou-se que as *fakenews* oferecem um perigo crescente aos jovens, em função de que podem levá-los a cair em armadilhas, mas a Filosofia, enquanto componente curricular, pode proporcionar um olhar mais crítico sobre as informações que circulam nas redes sociais.

Algumas notícias ou informações falsas são criadas, especialmente, para manipular as consciências ao subverterem o conhecimento e a verdade e fortalecerem certos preconceitos, ao ponto de os jovens desacreditarem de fatos científicos e se deixarem manipular por posicionamentos políticos.

Esse é um ponto a ser esclarecido no presente trabalho, pois ao afirmar-se que as *fakenews* subvertem o conhecimento e a verdade deve-se discutir mecanismos para dissipar essa tendência. Mas de qual conhecimento e verdade se está tratando?

O assunto precisa, por óbvio, de um melhor esclarecimento, porque ao se falar em *fakenews*, o entendimento é que estamos diante de uma informação falsa, que não corresponde à realidade, o que de modo contrário, leva-se a crer em informação verdadeira.

Fake news é um termo reciclado e utilizado na contemporaneidade para caracterizar informações que transmitem conteúdos que não se apoiam ou se apoiam de modo parcial na realidade. A verdade fica em segundo plano ou é algo inexistente. Fake news não são novidade nas relações humanas; a novidade é a sua ampla e rápida disseminação através da evolução das tecnologias da informação e comunicação (TICs), impactando na opinião pública, nas relações entre indivíduos e grupos sociais, bem como politicamente em sistemas democráticos. (Moroni, 2021 p. 350).

Assim, a questão que se impõe como reflexão é se existem informações que são verdadeiras e, por isso, produzem conhecimento, em contrapartida, há informações falsas, que não produzem conhecimento, porém que podem levar a um conhecimento que não é verdadeiro. Isso dependerá de como as informações são construídas.

Johannes Hessen (2000) afirma que a essência do conhecimento está estreitamente ligada ao **conceito de verdade**, pois para ele só o conhecimento verdadeiro é conhecimento efetivo e o não verdadeiro não passa de erro, de um engano:

"Conhecimento não-verdadeiro" não é propriamente conhecimento, mas erro e engano. Em que consiste, então, a verdade do conhecimento? Segundo o que foi dito, a verdade deve consistir na concordância da "figura" com o objeto. Um conhecimento é verdadeiro na medida em que seu conteúdo concorda com o objeto intencionado. Conseqüentemente, o conceito de verdade é um conceito relacional. Ele expressa um relacionamento, a saber, o relacionamento do conteúdo do pensamento, da "figura", com o objeto. O próprio objeto, ao contrário, não pode ser nem verdadeiro nem falso. De certo modo, ele está para além da verdade e da inverdade. Uma representação inadequada, por sua vez, pode ser verdadeira, pois apesar de incompleta pode ser correta, se as características que contém existirem efetivamente no objeto. (Hessen, 2000, p. 19).

Assim, aproximando as *fakenews* ao conceito de conhecimento proposto por Hessen (2000), o que elas produzem em termos práticos não é um conhecimento, mas um erro ou engano.

Hessen (2000) atribuiu à verdade um conceito relacional entre o sujeito e o objeto. Assim, se o objeto está inadequadamente representado, as informações que se retiram dele podem subverter a verdade e conseqüentemente o conhecimento. Esse seria o objetivo das *fakenews*, tornar o objeto (uma imagem, um fato, um contexto etc.) diferente do que ele é, produzindo um erro, mas que, em função da assertiva de que ele não será submetido ao crivo da reflexão e da análise, passará a circular como verdadeiro. Esse é o grande problema, pois se cria uma crença e toda crença, uma vez instituída, é difícil de ser retirada.

O que se percebe, ao menos, nessa citação de Hessen, é que a informação é um meio para ser chegar ao conhecimento, aquilo que se retira do objeto em estudo.

Contrapondo esse entendimento de Hessen sobre o conhecimento está Severino (2017), que compreende o conhecimento como um meio e não como um fim. Para ele, o conhecimento é um processo de construção e não um mero produto, pois se assim o fosse, estaria pronto e acabado sem a possibilidade de novas leituras e por isso faz a distinção entre informação e conhecimento:

A informação é o resultado consolidado de um conhecimento que foi processado em um dado momento e que fica armazenado e à nossa disposição. Já o conhecimento é o próprio processo que gera a informação. Ocorre que, em nossa tradição cultural, muito afetada pelo senso comum acabamos tomando esses dois termos como sinônimos e isso é uma das fontes dos tantos equívocos que atravancam o ensino e a aprendizagem. Ensinar e aprender acabaram sendo assumidos, nessa tradição, como repasse, recepção/armazenamento de informações e não como atividade processual cognitiva. Vem daí o modelo prevalecente de ensino/aprendizagem: o professor passa as informações que são recebidas e deveriam ser assimiladas e guardadas pelos estudantes. (Severino, 2017, p.75).

Observa-se nessa passagem que a informação e o conhecimento estão sendo tratados do ponto de vista da aprendizagem, portanto, como um método psicológico e não como um método fenomenológico que trata da questão filosoficamente. Porém, mesmo sendo tratados do ponto de vista da aprendizagem, é preciso pensá-la dentro do ensino da filosofia. Assim, não parece plausível considerar a informação como um produto do conhecimento, mas ao contrário, é o conhecimento de um produto da informação, portanto, este é um meio para se chegar aquele, daí porque a aderência ao método fenomenológico de conhecimento e não ao psicológico, bastante comuns nas teorias da aprendizagem. Assim apresenta-se a diferença entre os métodos:

Para diferenciá-lo do método psicológico, chamamos esse método de fenomenológico. O primeiro investiga os processos mentais concretos em seu curso regular e em suas relações com outros processos, ao passo que o último procura apreender a essência geral no fenômeno concreto. Em nosso caso, o método não descreve um processo de conhecimento determinado, não procura estabelecer o que é característico de um determinado conhecimento, mas aquilo que é essencial a todo conhecimento, aquilo em que consiste sua estrutura geral. (Hessen, 2000, p. 17).

Desse contexto, infere-se que informação não é só aquela advinda dos meios de comunicação ou da publicidade, pode ser qualquer fato, por exemplo, a localização de uma rua, dados obtidos em uma leitura, aquilo que se assiste na tv (meio de comunicação) ou na navegação pela internet em sites e redes sociais. Todas essas ações informam. Quando se lê algo mais substancial, com maior profundidade também se está informando, daí que se pode chegar à conclusão de que o termo informação pode ser adotado em contextos diferentes, em formas diferentes e com propósitos diferentes.

Logo, a utilização do termo informação pode adquirir diferentes sentidos, pois quando se diz que uma pessoa é informada ou bem-informada, já se está adicionando um juízo de valor que não está explícito na informação, mas na pessoa que a possui.

Seguindo a linha de pensamento de Johannes Hessen, a informação nem sempre gera um conhecimento, ela pode inclusive gerar algo distorcido e que não representa uma realidade. Ou seja, pode-se pegar um conjunto de informações, verdadeiras ou não, e reconfigurá-lo, fazendo recortes, colocando-o em outro contexto e, com isso, obter uma nova informação, porém desprovida de veracidade a qual não se pode chamar de conhecimento.

Dessa forma, a informação abrange os mais variados aspectos da vida humana que podem ser obtidos em diferentes áreas do conhecimento, como a biologia, a medicina, a filosofia, o direito, a sociologia etc., com conteúdos completos e verificados que produzem o conhecimento. No entanto, também podem ser informações superficiais, falaciosas e, portanto, inverídicas e que, nesse sentido, não produzem conhecimento, por exemplo as *fakenews*.

Dada essa possibilidade da informação se revestir de forma equívoca, é preciso utilizar meios que possam possibilitar a análise da informação, principalmente, quando se trata dos jovens que frequentam o ensino médio e precisam tratar aquilo que recebem como informação de uma forma objetiva, para que não caiam nas armadilhas propositadamente construídas para levá-los a enganos.

Nesse sentido, estabelecer conceitualmente a diferença entre informação e conhecimento, seja nas redes sociais virtuais, seja em qualquer outro meio de comunicação e divulgação de notícias, parece ser prioridade. Para tanto, devemos considerar a informação como a reunião de certos dados, tratados ou não, sobre alguma coisa ou pessoa que pode ser divulgada ou não. É por isso que o conhecimento comporta informações úteis, adquiridas através de experiências e aprendizagem, que envolvem a compreensão de conceitos utilizados na informação, compreendem responsabilidade pela veracidade, entendimento do assunto e capacidade de argumentação sobre as fontes ou origem das informações, ou seja, o conhecimento é uma aquisição de segundo nível, que não está disponível, por exemplo, nos cliques imediatos das redes sociais.

Importante observar que através da visão representacionista, que considera o sujeito e o objeto no processo de conhecimento, no qual o objeto pode ser concreto e as informações são retiradas diretamente da observação deles, há a possibilidade de o objeto ser abstrato e, na dificuldade de se obter uma observação direta (como observar um pássaro e dele retirar as características), pode-se obter por outros meios, através de diferentes informações, sejam elas retiradas de notícias jornalísticas ou de redes sociais (onde um trabalho mental de imaginação e composição dos fatos). Nesse caso, é possível considerar que a teia de informações, obtidas no processo, pode não representar o real, dando origem as *fakenews*.

Dado esse fato, em se tratando da linguagem comunicacional abstrata, percebe-se que o acesso à informação pode ocorrer nos mais variados meios, sendo uma das formas a utilização das redes sociais disponíveis na internet, como é o caso

do Facebook, que ainda hoje é utilizado por jovens adolescentes na faixa etária que frequenta o ensino médio. Importante destacar que esses jovens utilizam as redes sociais para diferentes ações do cotidianas, seja para estudos, seja para entretenimento ou relacionamentos sociais. Esse fato, muitas vezes, provoca o consumo de notícias falsas como fonte de informação para elaborar um conhecimento, levando à suspeição a própria origem do que é conhecido.

O problema do conhecimento e sua verificação não é novo, pois na história da filosofia muitos já buscaram chaves para comprovar o conhecimento verdadeiro, como a visão de conhecimento Platão, no *Teeteto*

Sócrates, fiquei agora a pensar numa coisa que tinha esquecido que ouvi alguém dizer: que o saber é opinião verdadeira acompanhada de explicação e que a opinião carente de explicação se encontra à margem do saber. E aquilo de que não há explicação não é susceptível de se saber [...], sendo, pelo contrário, cognoscível aquilo de que há explicação. (Platão, 2010, 201d)

Essa concepção considera o conhecimento verdadeiro como uma **crença verdadeira e justificada**, ou seja, uma crença verdadeira acompanhada de uma explicação pode ser considerada conhecimento e, seu contrário, uma crença verdadeira não acompanhada de explicação não seria conhecimento.

Assim, somente satisfeito tal pressuposto (crença verdadeira e justificada) estaríamos diante do conhecimento, caso contrário, conforme Dutra (2010, p. 19), as crenças que possuímos, mas que são falsas ou que, mesmo sendo verdadeiras, não recebem justificção não são consideradas conhecimento.

Assim, é preciso estabelecer como é possível separar ou dar condições aos jovens para verificarem se uma informação pode ser utilizada como fonte para a elaboração de um conhecimento. As preocupações se voltam para estabelecer algumas práticas que podem dar mais criticidade e responsabilidade aos jovens quando utilizam as redes sociais como fonte de informações e que podem impactar sua vida e a de outros. Com isso, a pretensão é de elaborar uma forma de estabelecer, na relação com as informações, um questionamento ou uma dúvida, capaz de desenvolver formas de refletir e buscar fontes seguras para a construção do conhecimento.

Essa reflexão é importante, pois o acesso à informação na Internet é uma forma prática de se manter informado, principalmente através de sites de busca como o Google. Para escolher um assunto que se quer acompanhar e se manter atualizado,



basta utilizar os mais variados meios de comunicação, jornais e revistas online, porém deve-se compreender que as redes sociais também são formas de obter informações. Elas são o foco desta pesquisa, pois aqui busca-se verificar como as fontes de informação das redes sociais refletem o pensamento cotidiano dos jovens do Ensino médio e como eles transformam essas informações em posturas sociais.

Como já indicado, conhecer significa outra coisa, não é uma simples informação, ainda que, inicialmente, a informação faça parte do conhecimento. O conhecimento possibilita a reflexão sobre os dados para incorporá-los e até mesmo transformá-los em conteúdo para entendimento. Apenas através de informações que produzam um conhecimento expressivo é possível se entender o passado, compreender o presente e fazer perspectivas futuras.

Muitas vezes, a informação obtida pelos jovens quase sempre não os leva à reflexão pela superficialidade com que são apresentadas nas redes sociais, que em alguns casos são apenas *fakenews*, levando-os a uma leitura equivocada da realidade e, portanto, impossibilitando o conhecimento. Por isso, é preciso compreender como o conhecimento ocorre na formação do jovem. Segundo Arrabal (2015), o “Conhecimento não é simples apropriação de informações, no sentido de memorizá-las ou guardá-las em nossa mente como se o intelecto fosse um grande catálogo”. Dessa forma, Arrabal (2015) considera que o conhecimento é uma atividade intelectual, em que a indagação faz parte dos processos mentais ou questionamentos, entre os quais se estabelecem relações das diferentes informações. O resultado dessas relações são outras informações que podem ser comunicadas, apreendidas e empregadas em novos processos cognitivos.

Daí porque, notícias que são lidas, curtidas, comentadas ou compartilhadas numa rede social como o Facebook devem passar pelo crivo da análise do usuário. Para desenvolver a capacidade de analisar uma informação, pode-se utilizar componente curricular de filosofia no Ensino médio como potencializador dessa formação. Os professores de filosofia poderiam assumir um papel de ajuda na seleção de assuntos e na reflexão sobre eles, de forma que o uso da rede social e a informação que por ela passa, pudesse ser filtrada e analisada, o que minimizaria a forma quase instantânea de curtir ou compartilhar qualquer notícia. Quando o jovem perceber nela o cunho falacioso ou inverídico pode reagir positivamente, buscando romper o ciclo vicioso das notícias falsas ou *fakenews*.

Não se pode negar que, em função da Internet, a informação e o conhecimento estão disseminados e é, por isso, que o “acesso, informação e conhecimento são entidades cada vez mais vitais em um mundo altamente competitivo e conectado, e quem não as conseguir estará inexoravelmente à margem de oportunidades” (Fernandes, 2001, p. 23). Seguindo o mesmo pensamento, é possível compreender que:

a informação e o conhecimento são inerentes às redes sociais, sua importância social e econômica é consequência do efeito que causam nas pessoas e nas organizações. Nesse âmbito, constatamos a necessidade de compartilhá-los para que possam trazer mudanças no contexto em que estão inseridos. (Tomaél; Alcará; Di Chiara, 2005, p. 97).

É nesse sentido que a experiência educacional da reflexão sobre as redes sociais e as fakenews contribui para que a mudança de contexto da disseminação deliberada de notícias falsas seja freada de alguma forma, ao menos que não seja mais efetuada de forma ingênua e sem responsabilidade. É possível indicar que é na Escola que os jovens podem aprender mecanismos de verificação e validação de informações para que compreendam a diferença entre informação e conhecimento e qual o alcance de um e de outro.

Assim, observa-se que essa informação e o próprio conhecimento devem ser de qualidade, pois ao contrário disso, tem-se cada vez mais jovens usuários de rede social alienados do mundo em que vivem e com leituras equivocadas da realidade. Busca-se, com essa prática educativa, uma verdadeira experiência filosófica, que possa contribuir para a formação crítica e responsável dos estudantes do ensino médio.

#### **4 UMA PRÁTICA FILOSÓFICA: ANALISANDO AS “FAKENEWS” NA REDE SOCIAL FACEBOOK ATRAVÉS DO MÉTODO CARTESIANO**

##### **4.1 RENÉ DESCARTES E AS PRIMEIRAS MEDITAÇÕES.**

Para possibilitar a transposição didática e a reflexão mais profunda nos jovens sobre a ocorrência de *fakenews*, bem como seu alcance as pessoas ou a sociedade e os danos causados, é necessária a compreensão do caráter metodológico das *Primeiras Meditações* de Descartes. Perceber as dificuldades sobre o que é a verdade

para Descartes pode esclarecer como o método cartesiano avança para evidenciar o conhecimento, a saber, um saber sobre o qual não paira nenhuma dúvida, que seja indubitável. Para Descartes, conhecimento é por si mesmo verdadeiro, assim, soaria como pleonasma falar em conhecimento verdadeiro. Tudo que é verdadeiro é conhecimento, se é falso, não é conhecimento. Dessa forma, o indubitável é o conhecimento sobre o qual se pode construir o edifício de todas as ciências. Ou seja, em sua perspectiva só podemos construir uma cadeia de verdades se a primeira premissa se mostrar indubitável.

Com isso, as verdades de Descartes apresentam relações com o que ele chama de ideias inatas, ou seja, ideias que se encontram na própria razão e que não derivam de nenhuma experiência exterior. Elas devem se apresentar de forma clara, distinta e inconfundível à mente. No entanto, para chegar ao conhecimento dessas verdades, Descartes indica um longo caminho de dúvida, feito por reflexão e introspecção. Nesse sentido, é possível compreender os motivos pelos quais Descartes problematiza o acesso da mente humana às verdades. Esses motivos encontram-se logo no início de suas *Meditações*:

Há já algum tempo eu me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões como verdadeiras, e de que aquilo que depois eu fundei em princípios tão mal assegurados não podia ser senão mui duvidoso e incerto; de modo que me era necessário tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente desde os fundamentos, se quisesse estabelecer algo de firme e de constante nas ciências. Mas, parecendo-me ser muito grande essa empresa, aguardei atingir uma idade que fosse tão madura que não pudesse esperar outra após ela, na qual eu estivesse mais apto para executá-la; o que me fez diferi-la por tão longo tempo que doravante acreditaria cometer uma falta se empregasse ainda em deliberar o tempo que me resta para agir. (Descartes, 2004, p.20).

Observa-se que nessa introdução, Descartes expõe a motivação inicial alicerçada na convicção de que, muitas vezes, enganou-se e que suas opiniões foram mal fundamentadas, necessitando que fossem fundamentadas em bases sólidas e seguras. Ele propõe então a construir algo diferente, uma “nova ciência” que pudesse garantir um conhecimento sólido e verdadeiro e, por essa razão, resolveu adotar a dúvida como um método. Hoje, conhecemos o método cartesiano como o próprio método das ciências, mas seu ponto de partida foi conduzido a partir da dúvida hiperbólica ou dúvida metódica. A dimensão metafísica da qual Descartes se debruça nas *Meditações* expõe o problema do princípio do conhecimento. Esse princípio é

essencial para revelar a dimensão do conhecimento e a esfera da verdade, pois é a partir dele que tudo se segue. A ordem em que as certezas são construídas constituem a garantia de um raciocínio capaz de expressar a verdade de um conhecimento. Assim sendo, suas preocupações em estabelecer critérios para a dúvida metódica são expostas como um método de aquisição da verdade.

A dúvida metódica compreende quatro momentos ao longo da *Primeira Meditação*, tradicionalmente classificada em:

- (i) a dúvida dos sentidos;
- (ii) a dúvida dos sentidos a partir dos sonhos;
- (iii) a dúvida das certezas matemáticas e do Deus enganador;
- (iv) a dúvida inspirada pelo gênio maligno.

A dúvida metódica apresentada por Descartes apresenta um encadeamento de ideias de maneira lógica, pois sempre se relaciona com a anterior e serve de base para a seguinte.

Descartes descreve um estado de dependência do qual ele só toma verdadeiramente consciência no momento em que decide separar-se dele e conduzir-se a si mesmo (cf. Discurso, 2ª parte, 548I). Assim, as primeiras linhas das Meditações lembram uma situação passada e passiva, à qual Descartes opõe a resolução de “começar de novo, desde os alicerces”. (Guenancia, 1986, p78)

Nesse sentido, é possível indicar a importância da pesquisa de Descartes sobre os princípios que podem ou não garantir raciocínios corretos na cadeia do conhecimento. E, sendo assim, compreender como a dúvida metódica indica o caminho para esclarecer o que pode ser conhecido e o que sempre será da esfera da opinião. Assim, em busca da determinação do procedimento metafísico de suposições hiperbólicas ou excessivas, Descartes inicia duvidando dos sentidos.

#### 4.1.1 A dúvida dos sentidos

Partindo da ideia cartesiana de que conhecimento é algo indubitável, aquilo que sobreviver a dúvida alcança essa característica própria da verdade. Assim, aquilo que ele acreditava ser um conhecimento, vai ser submetido ao processo da dúvida, através de um método. Identificamos dois princípios fundamentais.

O primeiro princípio é identificado quando Descartes menciona que ao menor motivo de dúvida será também o motivo para rejeitar certas opiniões. Nesse grupo de opiniões estariam aquelas baseadas nos sentidos e que não são percebidas em situações adequadas. Por exemplo, objetos que estão distantes, como um carro escuro ao longe que pode parecer da cor preta, mas quando o observador se aproxima verifica que pode ser azul escuro. Isso se deve a projeção da luz de modo inadequado, ou seja, a luz pode clarear ou escurecer uma cor aos olhos do observador. Esta dúvida se origina em julgamentos enganosos e pode estar presente no cotidiano das pessoas, ela é levantada por Descartes como não adequada para entrar na cadeia de verdades que levam ao conhecimento.

O segundo princípio é o que ataca as opiniões em bloco. Ele não duvida de opiniões uma por uma, mas dos fundamentos comuns de certos grupos de opiniões, as quais são justificadas no emprego dos sentidos. Não é necessário provar que cada uma é falsa, pois entraria em uma cadeia infinita de pesquisa sobre um determinado assunto. Assim, “não é necessário que examine cada uma em particular, o que seria um trabalho infinito; mas, visto que a ruína dos alicerces carrega necessariamente consigo todo o resto do edifício” (Descartes, 2004, p.23) bastaria constatar a menor inconsistência no fundamento que toda a cadeia de razões construída a partir dele seria destruída.

Nesse segundo princípio, as dúvidas apresentadas por Descartes não se dirigem a opiniões isoladas, mas a conjuntos de opiniões. As dúvidas apresentadas por ele atacam os fundamentos comuns das opiniões de determinado conjunto. Assim, a primeira dúvida, a dúvida dos sentidos, põe em questão todas as opiniões fundadas na relação perceptual com objetos (primeiro princípio) e ao grupo de opiniões que estaria fundamentada na mesma base dos sentidos.

Na *Primeira Meditação*, Descartes expõe esses primeiros princípios para se obter a verdade sobre as coisas:

Ora, não será necessário, para alcançar esse desígnio, provar que todas elas são falsas, o que talvez nunca levasse a cabo; mas, uma vez que a razão já me persuade de que não devo menos cuidadosamente impedir-me de dar crédito às coisas que não são inteiramente certas e indubitáveis, do que às que nos parecem manifestamente ser falsas, o menor motivo de dúvida que eu nelas encontrar bastará para me levar a rejeitar todas. E, para isso, não é necessário que examine cada uma em particular, o que seria um trabalho infinito; mas, visto que a ruína dos alicerces carrega necessariamente consigo todo o resto do edifício, dedicar-me-ei inicialmente aos princípios sobre os quais todas as minhas antigas opiniões estavam apoiadas. Tudo o que recebi, até presentemente, como o mais verdadeiro e seguro, aprendi-o dos sentidos ou pelos sentidos: ora, experimentei algumas vezes que esses sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez. (Descartes, 2004, p.23.)

Nessa passagem, Descartes apresenta como a reflexão metafísica poderá esclarecer toda a cadeia de conhecimento que foi construída durante sua formação. É sob as convicções apresentadas na sua formação que se dirigem as primeiras dúvidas. Em seguida, ele compreende que o método da dúvida deve ser direcionado para o comum das opiniões, as obtidas através dos sentidos. Segundo ele, se em algum momento os sentidos nos enganam, então não podem ser eles fontes seguras para um conhecimento indubitável. Com esse raciocínio, Descartes busca a segurança de um princípio que não possa ser destruído.

Assim, a dúvida se direciona sobretudo àquilo que captamos pelos nossos sentidos (visão, olfato, paladar, tato e audição) e torna necessário uma prova de que seja real e verdadeiro. Descartes, no entanto, argumenta que duvidar dos sentidos como fonte do conhecimento não era fácil, pois eles seriam a primeira e fundamental fonte de informação, como ele mesmo reconhece:

Mas, ainda que os sentidos nos enganem às vezes, no que se refere às coisas pouco sensíveis e muito distantes, encontramos talvez muitas outras, das quais não se pode razoavelmente duvidar, embora as conhecêssemos por intermédio deles: por exemplo, que eu esteja aqui, sentado junto ao fogo, vestido com um chambre, tendo este papel entre as mãos e outras coisas desta natureza. E como poderia eu negar que estas mãos e este corpo sejam meus? A não ser, talvez, que eu me compare e a esses insensatos, cujo cérebro está de tal modo perturbado e ofuscado pelos negros vapores da bile que constantemente asseguram que são reis quando são muito pobres; que estão vestidos de ouro e de púrpura quando estão inteiramente nus; ou imaginam ser cântaros ou ter um corpo de vidro. Mas quê? São loucos e eu não seria menos extravagante se me guiasse por seus exemplos. (Descartes, 2004, p.23-25.)

Se num primeiro momento, o ato de duvidar de Descartes se refere às coisas pouco sensíveis e muito distantes, portanto, da qualidade dos objetos que

percebemos pelos sentidos quando há proximidade, ele relativiza o questionamento sobre os sentidos como uma fonte absolutamente imprecisa. A indicação de Descartes é pela imediata assertiva sobre os objetos, mesmo aqueles que nos causam dúvidas. A percepção imediata pode ser fonte de falsidades sobre os objetos e é essa forma de acessar o mundo que Descartes coloca em suspeição. No entanto, Descartes não busca convencer o leitor de que tudo que ele vê e sente não existe realmente, mas que todo o julgamento de conformidade pode levar a afirmações dogmáticas sobre um determinado assunto. Ou seja, o modo como a dúvida é elaborada pode ser um simulacro de método sobre outros assuntos particulares. Mesmo compreendendo que há motivos para duvidar de algumas percepções dos sentidos, Descartes restaura a impossibilidade de duvidar de outras coisas que são evidentes e que também pertencem a esfera das sensações: “não se pode razoavelmente duvidar [...] por exemplo, que eu esteja aqui, sentado junto ao fogo, vestido com um chambre, tendo este papel entre as mãos” (Descartes, 2004, p. 23).

Mas então o que poderia abalar a certeza de que os sentidos aparentemente nos fornecem? A resposta de Descartes será a apresentação de uma segunda razão para dúvida, baseada na possibilidade do sonho.

Ainda que nessa pesquisa não se tenha a pretensão de confrontar as ideias de Descartes com a de outros filósofos, é interessante apresentar um aprofundamento da questão feita por Bertrand Russell em *Os Problemas da Filosofia* (2005) quando trata da aparência e realidade. Russell observa que essa ideia de condições adequadas de observação não se sustenta, não é uma ideia precisa e, portanto, indubitável. Russell começa questionando se existe algum conhecimento tão certo que não se possa duvidar. Essa questão parece ser muito simples:

Para a vista a mesa é retangular, escura e brilhante, enquanto que para o tato ela é lisa, fria e dura; quando a percuto, produz um som de madeira. Qualquer pessoa que a veja, sinta e ouça o seu som, estará de acordo com esta descrição, de tal modo que parece que não existe aqui dificuldade alguma (Russell, 2006, p.6).

Segundo o autor, é preciso invalidar essa tese do realismo do senso comum, para qual o conhecimento do mundo é direto e imediato, sem ensejo para a dúvida. Mas o conhecimento de um objeto pode variar segundo o ponto de vista e a escala, de maneira que possamos ter percepções diferentes de um objeto, que depois de ser examinado de forma minuciosa, pode ter outras características e o que parecia ser



tão certo e seguro revela contradições. Para Russell, a precisão para descrever algo se transforma em problema:

Embora eu acredite que a mesa é “realmente” da mesma cor em toda sua extensão, as partes que refletem a luz parecem muito mais brilhantes que as outras partes, e algumas partes, devido ao reflexo, parecem brancas. Sei que, se me deslocar, as partes que refletirão a luz não serão as mesmas, de modo que a distribuição aparente das cores na superfície da mesa mudará. Por conseguinte, se várias pessoas contemplarem a mesa no mesmo momento, nenhuma delas verá exatamente a mesma distribuição de cores, porque nenhuma delas pode vê-la exatamente do mesmo ponto de vista, e qualquer mudança de ponto de vista produz uma mudança na forma como a luz é refletida (Russel, 2006, p.6).

É possível compreender que Russell busca demonstrar a diferença entre aparência e realidade, entre o que aparece ser e o que são na realidade. Isso significa que está imerso na problemática da interpretação e compreensão da realidade a partir dos sentidos e, principalmente, das diferentes percepções a partir de diferentes pontos de vista. O que Russell quer esclarecer é que os dados dos sentidos não nos mostram a verdade acerca do objeto tal como ele é, independentemente de nós, mas somente a verdade sobre certos dados dos sentidos que, tanto quanto podemos ver, dependem da relação entre nós e o objeto e, por isso, não haveria condições adequadas de observação.

A diferença entre Russell e Descartes é que o primeiro leva em conta, além de toda tradição cartesiana e sua crítica, a relação da mente com o objeto, sem intermediários e sem garantias exteriores à mente. Já Descartes busca comprovar a veracidade de um conhecimento do objeto através de um alicerce que garanta a cadeia de verdades a partir do fundamento. Em suma, a dúvida de Descartes sobre os sentidos abre a porta para a compreensão de que, por vezes, podemos nos enganar a respeito dos objetos ou dos assuntos e, ter consciência desse engano, é estar na direção da verdade do que se mostra.

#### 4.1.2 A dúvida dos sentidos a partir dos sonhos.

No parágrafo 5, da *Primeira Meditação*, Descartes afirma que, apesar dessa aparente certeza na percepção dos sentidos, não teríamos um critério seguro para distinguir os sonhos da realidade. Essa linha de raciocínio o leva a considerar a

hipótese de que tais percepções poderiam ser oriundas de sonhos. O argumento do sonho é o segundo grau da dúvida:

Todavia, devo aqui considerar que sou homem e, por conseguinte, que tenho o costume de dormir e de representar, em meus sonhos, as mesmas coisas, ou algumas vezes menos verossímeis, que esses insensatos em vigília. Quantas vezes ocorreu-me sonhar, durante a noite, que estava neste lugar, que estava vestido, que estava junto ao fogo, embora estivesse inteiramente nu dentro de meu leito? Parece-me agora que não é com olhos adormecidos que contemplo este papel; que esta cabeça que eu mexo não está dormente; que é com desígnio e propósito deliberado que estendo esta mão e que a sinto: o que ocorre no sono não parece ser tão claro nem tão distinto quanto tudo isso. Mas, pensando cuidadosamente nisso, lembro-me de ter sido muitas vezes enganado, quando dormia, por semelhantes ilusões. E, detendo-me neste pensamento, vejo tão manifestamente que não há quaisquer indícios concludentes, nem marcas assaz certas por onde se possa distinguir nitidamente a vigília do sono, que me sinto inteiramente pasmado: e meu pasmo é tal que é quase capaz de me persuadir de que estou dormindo. (Descartes, 2004, p.25).

Assim, podemos afirmar que Descartes volta à estaca zero na busca da certeza, do indubitável, mesmo tentando elucidar todas as possibilidades que podem ocorrer no engano, está certo de que não há nada que lhe forneça a certeza de que tudo aquilo que está a sua volta. Ele considera que o que está narrando nesse momento possa ser somente uma ilusão advinda dos sonhos que, às vezes, parecem ser muito reais. O que ele afirma nessa passagem, em síntese, é que não há um critério pelo qual ele poderia diferenciar as situações em que estamos acordados, daquela em estamos dormindo, pois, igualmente, as situações são baseadas nas sensações imediatas que podem nos confundir e enganar.

Descartes finalmente concorda que não é possível duvidar das coisas que lhe são próximas, pois mesmo apreendendo com os sentidos não há motivos para duvidar de que não existem, no entanto, quando admite a sensação dos sonhos muito reais, mas que não passam de sonhos, aguça a curiosidade para buscar outras fontes para certificar-se de que o mundo imediatamente dado é verdadeiro. Assim, Descartes passa a refletir sobre as relações entre a ilusão, o sonho e a realidade e que a partir delas é possível compreender as certezas a partir de coisas simples, conforme se verifica no parágrafo 6, da *Primeira Meditação*:

Suponhamos, pois, agora, que estamos adormecidos e que todas essas particularidades, a saber, que abrimos os olhos, que mexemos a cabeça, que estendemos as mãos, e coisas semelhantes, não passam de falsas ilusões; e pensemos que talvez nossas mãos, assim como todo o nosso corpo, não são tais como os vemos. Todavia, é preciso ao menos confessar que as coisas que nos são representadas durante o sono são como quadros e pinturas, que não podem ser formados senão à semelhança de algo real e verdadeiro; e que assim, pelo menos, essas coisas gerais, a saber, olhos, cabeça, mãos e todo o resto do corpo, não são coisas imaginárias, mas verdadeiras e existentes. Pois, na verdade, os pintores, mesmo quando se empenham com o maior artifício em representar sereias e sátiros por formas estranhas e extraordinárias, não lhes podem, todavia, atribuir formas e naturezas inteiramente novas, mas apenas fazem certa mistura e composição dos membros de diversos animais; ou então, se porventura sua imaginação for assaz extravagante para inventar algo de novo, que jamais tenhamos visto coisa semelhante, e que assim sua obra nos represente uma coisa puramente fictícia e absolutamente falsa, certamente ao menos as cores com que eles a compõem devem ser verdadeiras. (Descartes, 2004, p.25-27.)

Nesse parágrafo, percebe-se que Descartes afirma que os sonhos são arbitrários, tal qual um artista na composição de seus quadros, que o faz também de modo arbitrário. O ponto fundamental que Descartes faz nessa comparação não é o problema da composição dos quadros do artista, mas sim a questão que está no fundamento da obra de arte, o conceito de composição. Ele compara a composição de um quadro com o sonho, que se inicia por coisas mais simples, da qual nós temos que ter conhecimento e depois se complexifica na imaginação e na criação. Podemos imaginar algo que não existe a partir do existente, como ocorre no sonho, que não é real, porém tudo que aparece nos sonhos foi conhecido no momento da vigília. No caso da arte da pintura as cores que compõem o quadro, mesmo no sonho, têm fundamento na realidade.

No argumento dos sonhos não há uma certeza de que estamos sonhando ou se estamos em estado de vigília, ou seja, ainda paira a dúvida sobre como compreendemos a realidade exterior como verdadeira. Esse argumento não inviabiliza a existência do espaço ou do mundo exterior. Mas como saber, nesse momento, se está sonhando ou não?

É a partir dessas reflexões que Descartes busca avançar na dúvida metódica, buscando com toda sua imaginação elementos e argumentos que possam comprovar que está enganado. Assim, ele avança para a suposição de que há um Deus enganador, que mesmo que consiga sustentar como verdadeiras as coisas que resistiram à dúvida hiperbólica, ainda assim haveria um Deus enganador. O que seria então imune à dúvida do sonho? As realidades simples e mais gerais, a partir das quais os sonhos são formados, ou seja, não seria possível duvidar das cores, do

espaço, do tempo, das verdades matemáticas (tanto da geometria quanto da aritmética), pois por serem elementos simples e fundamentais, logo têm a prerrogativa de serem indubitáveis.

#### 4.1.3 A dúvida das certezas matemáticas e o Deus enganador.

Para acirrar a dúvida metódica que leva Descartes a buscar uma base segura para erigir seu edifício do conhecimento, ele supõe que mesmo sendo possível ter certeza de elementos que compõem a realidade exterior, poderia ainda existir um Deus enganador. Investigando se tinha razões para duvidar de suas antigas opiniões, não encontrou o indubitável nas opiniões vindas dos sentidos, nem nas dos sonhos. Descartes busca comprovar se é possível sustentar as certezas matemáticas, mesmo diante de um Deus enganador.

Eis por que, talvez, daí nós não concluamos mal se dissermos que a Física, a Astronomia, a Medicina e todas as outras ciências dependentes da consideração das coisas compostas são muito duvidosas e incertas; mas que a Aritmética, a Geometria e as outras ciências desta natureza, que não tratam senão de coisas muito simples e muito gerais, sem cuidarem muito em se elas existem ou não na natureza, contêm alguma coisa de certo e indubitável. Pois, quer esteja acordado, quer esteja dormindo, dois mais três formarão sempre o número cinco e o quadrado nunca terá mais do que quatro lados; e não parece possível que verdades tão patentes possam ser suspeitas de algumas falsidades ou incerteza. (Descartes, 2004, p.27.)

O conhecimento matemático, produzido pela razão preencheria o critério de evidência, de certeza, de clareza. Mas essa certeza é colocada em dúvida se admitirmos a existência de um Deus Enganador. Essa possibilidade não só coloca em dúvida as verdades matemáticas, mas também as outras que não foram colocadas em dúvida nos sonhos, como o espaço, as figuras, as formas, as cores ou os sons.

Mesmo depois de compreender que a hipótese do Deus enganador poderia fazer com que Descartes se enganasse nas coisas mais simples, como fazer com que se engane quando faz a adição de  $2 + 3$  ou acerte na enumeração do espaço do quadrado ou do triângulo. Descartes articula essa hipótese no contexto da crença cristã, acreditando em um Deus que tudo pode, o criador de todas as coisas, inclusive do ser humano.

Todavia, há muito que tenho no meu espírito certa opinião de que há um Deus que tudo pode e por quem fui criado e produzido tal como sou. Ora, quem me poderá assegurar que esse Deus não tenha feito com que não haja nenhuma terra, nenhum céu, nenhum corpo extenso, nenhuma figura, nenhuma grandeza, nenhum lugar e que, não obstante, eu tenha os sentimentos de todas essas coisas e que tudo isso não me pareça existir de maneira diferente daquela que eu vejo? E, mesmo, como julgo que algumas vezes os outros se enganam até nas coisas que eles acreditam saber com maior certeza, pode ocorrer que Deus tenha desejado que eu me engane todas as vezes em que faço a adição de dois mais três, ou em que enumero os lados de um quadrado, ou em que julgo alguma coisa ainda mais fácil, se é que se pode imaginar algo mais fácil do que isso. Mas pode ser que Deus não tenha querido que eu seja decepcionado desta maneira, pois ele é considerado soberanamente bom. Todavia, se repugnasse à sua bondade fazer-me de tal modo que eu me enganasse sempre, pareceria também lhe ser contrário permitir que eu me engane algumas vezes e, no entanto, não posso duvidar de que ele o permita (Descartes, 2004, p.29.)

Conforme a citação, Descartes, mesmo supondo que possa existir um Deus enganador, ele mesmo argumenta que não poderia ser assim, pois Deus é soberanamente bom e sua bondade não estaria a cargo de enganar as mentes humanas. Descartes compreende que esse Deus Enganador, que estaria em outro plano, onipotente e onipresente, poderia ter querido enganar a todos. Mesmo tendo presente esse argumento, há pelo menos uma coisa que é imune à dúvida do Deus enganador: que eu existo toda vez que penso esse pensamento, portanto o *cogito* não está nesse grau de dúvida, pois afirma uma existência. Assim, o meu pensamento na própria existência garante a certeza de que existo nesse momento em que penso. Mesmo compreendendo tais argumentos e suas certezas garantidas, da própria existência, a dúvida metódica continua para buscar falhas no raciocínio. Descartes, então, formula a possibilidade da ação do Gênio maligno.

#### 4.1.4 A dúvida inspirada pelo Gênio Maligno

Para radicalizar ainda mais a argumentação e certificar-se de que seu edifício ou cadeia de certezas possa suportar a dúvida hiperbólica, Descartes cogita outras hipóteses para eliminar a possibilidade do engano. Na passagem 12 e 13 da *Primeira Meditação* (2004), introduz um último e poderoso artifício para continuar a colocar as opiniões em dúvida: a hipótese de um Gênio Maligno.

Observa-se que o Gênio Maligno e o Deus Enganador não têm uma diferença objetiva, eles têm a mesma função metafórica: que possa duvidar das coisas mais

simples. Assim, Descartes radicaliza ainda mais a dúvida para eliminar qualquer resquício de engano:

Suporei, pois, que há não um verdadeiro Deus, que é a soberana fonte da verdade, mas certo gênio maligno, não menos ardiloso e enganador do que poderoso, que empregou toda a sua indústria em enganar-me. Pensarei que o céu, o ar, a terra, as cores, as figuras, os sons e todas as coisas exteriores que vemos são apenas ilusões e enganos de que ele se serve para surpreender minha credulidade. Considerar-me-ei a mim mesmo absolutamente desprovido de mãos, de olhos, de carne, de sangue, desprovido de quaisquer sentidos, mas dotado da falsa crença de ter todas essas coisas. (Descartes, 2004, p.31.)

Esse Gênio Maligno não teria a mesma perfeição nem a mesma bondade de Deus como os religiosos de sua época defendiam, mas seria cheio de estratégias e suficientemente poderoso para fazer com que qualquer um se enganasse e ficasse iludido sobre quase tudo.

Descartes busca, com todas essas estratégias, eliminar qualquer possibilidade de uma cadeia de opiniões baseada em uma falsidade ou engano. Aplicando o método da dúvida hiperbólica, ele chega à conclusão de que mesmo que houvesse um gênio maligno disposto a enganar, uma coisa era certa: nenhum Deus enganador ou Gênio maligno poderia perturbar a certeza de que no momento que se pensa sobre isso está-se de fato pensando, então a primeira certeza, com características de fundamento claro, seguro e indubitável, é o *cogito*. Esta primeira certeza, de que nossa capacidade de pensar é verdadeira e que dela não podemos duvidar dá condições à pesquisa metódica de como eliminar todos os enganos e falsidades do pensamento e posteriormente do conhecimento.

Essa argumentação cartesiana, sobre todas as possibilidades de engano que a mente humana pode sofrer, é pedagógica, no sentido de buscar elementos verdadeiros para que a cadeia de opiniões fundamentadas neles possam resistir a diferentes argumentações.

Essas simulações do pensamento cartesiano podem ser referência para a discussão sobre os impactos das *fakenews* em nossa cadeia de opiniões, pois, da mesma forma, apresentam-se como opiniões falsas, sem fundamento seguro e verdadeiro e sem possibilidade de se converterem em conhecimento. Essas relações entre o método cartesiano de evidenciar o que pode ser verdadeiro ou não com as *fakenews* podem colaborar na construção da percepção dos jovens do Ensino médio

diante da profusão de notícias e informações difundidas nas redes sociais, principalmente no Facebook.



## 5 UMA EXPERIÊNCIA COM RENÉ DESCARTES E AS FAKE NEWS EM SALA DE AULA

### 5.1 PROBLEMATIZAÇÃO DE BASE: RELAÇÃO ENTRE O TEXTO E O COTIDIANO DOS ESTUDANTES.

Não se pode negar que, na atualidade, as *fakenews* passaram a fazer parte do conjunto de informações que os usuários consomem nas redes sociais e, devido ao conteúdo baseado em informação falsas, o impacto é negativo para toda a sociedade.

Em comparação com os demais meios de comunicação, a mídia digital é, hoje, o veículo mais eficaz de manipulação das massas. Ao permitir uma comunicação em tempo real mais ativa, direta e dinâmica, ou interativa, a internet modificou a forma de narrar os fatos, as notícias, e de produzir conteúdos de entretenimento, tornando-se a principal via de informação da maior parte da população mundial. Se antes, na era dos *mass media*, o cinema, os canais de televisão e rádio eram os principais veículos de manipulação das massas e indutores de novos modos de vida, estes são, hoje, as redes sociais, os blogs, os portais de entretenimento e de notícias. (Ceppas; Rocha, 2019, p. 290).

A característica das redes sociais digitais é que elas possibilitam aos usuários o poder de participar de qualquer assunto, engajar-se neles e produzir conteúdo, sejam verdadeiros ou não, fruto de pesquisa ou fruto da mera opinião. Diferentes pessoas em diferentes lugares e sem qualquer especialidade têm a chance de participar e se engajar. Muitas vezes, notícias divulgadas em jornais são reproduzidas ou manipuladas de acordo com a adesão do usuário a uma ideia, essa é a forma de criar-se as *fakenews*. Nesse sentido, pode-se afirmar que as redes sociais "ajudam a disseminar a informação para além daquele grupo cativo de leitores de determinado jornal" (Teixeira, 2013, p. 41).

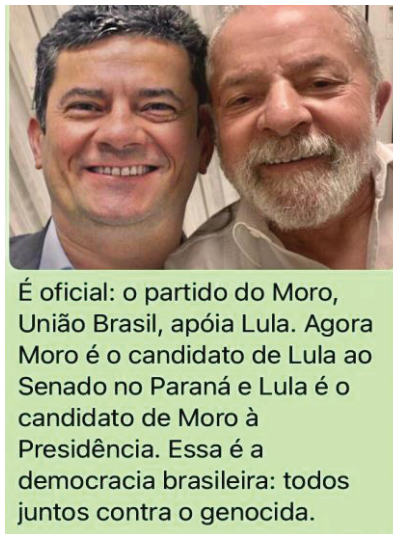
Gomes e Broenes (2021, p.61) destacam que as redes sociais digitais, em especial o Facebook, oferecem funcionalidades úteis para a disseminação de desinformações geradoras de crenças falsas, esse fato promove artificialmente o contágio emocional entre seus usuários que geralmente têm algum grau de intimidade e confiança, o que facilita a fixação dessas falsas crenças.

Nesse mesmo sentido, Damasceno et al. (2021, p. 220) menciona que usuários inseridos no mundo cibernético ficam satisfeitos com aquilo que veem nas telas de

seus dispositivos eletrônicos, as quais, muitas vezes, apresentam uma linguagem de fácil compreensão, porém ambígua, mas não se preocupam em buscar a veracidade dos fatos vistos, e acabam, em muitos casos, reproduzindo as informações primeiras. A autora destaca ainda que “[...] os fatos perdem cada vez mais sua solidez e estão se liquidando no contexto vigente, trazendo repercussões perigosas para os sistemas democráticos contemporâneos” (Damacesno et al., 2021, p.220).

A título de exemplo, pode-se destacar, esse tipo de ocorrência de uma notícia compartilhada muitas vezes nas redes sociais:

FIGURA 3 – Moro e Lula juntos



FONTE: E-FARSAS (2022)

Qualquer pessoa, ao ver a imagem e a legenda, pode acreditar na informação, ou seja, recebê-la como verdadeira e reproduzi-la em suas redes sociais.

No caso, a foto é uma montagem grosseira, mas muita gente acaba acreditando e compartilhando como se fosse real. Quantas pessoas se dariam trabalho de duvidar da foto e da informação? Quantas pessoas fariam uma busca reversa da imagem para encontrar a foto original e constatar de que se trata de uma fotografia de Lula ao lado de sua atual esposa, Rosângela?

FIGURA 4 – Foto montada e foto original



FONTE: E-FARSAS (2022)

Portanto, dado esse cenário, cabe pensar de que forma esse componente curricular de Filosofia, inserido no contexto do Ensino médio, pode se utilizar dos conhecimentos filosóficos para minimizar os impactos das *fakenews* na construção do conhecimento dos jovens na Escola Básica, uma vez que eles também são usuários de rede social e podem consumir ou produzir conteúdos com tais características.

A experiência pedagógica, proposta nesta dissertação, busca aproximar o método de análise de Descartes para suscitar a reflexão sobre notícias falsas e conhecimento. Assim, para desenvolver essa experiência, pretende-se construir uma prática pedagógica que não envolva somente o saber do professor, mas também uma pesquisa ativa por parte dos estudantes, fazendo com que eles se tornem protagonistas na busca do conhecimento.

O pressuposto desta discussão e prática tem as *fakenews* como ponto de partida e leva em conta que não se pode fazer filosofia sem que ela esteja imersa na tradição filosófica, mas também deve ter ligação com os acontecimentos do cotidiano. Assim, a intenção é de que as *Primeiras Meditações*, de René Descartes (2004), possam ser o ponto de partida para a reflexão.

A transposição dos conhecimentos filosóficos não é fácil, pois os estudantes do Ensino médio da escola pública iniciam a disciplina de Filosofia apenas nessa etapa educacional.

Do ponto de vista didático, o grande desafio reside em saber como ensinar ou tornar acessível um saber especializado para esse público mais vasto e menos qualificado. Responder a esse desafio não é tarefa simples, uma vez que implica em rever certos aspectos de uma tradição filosófica que frequentemente enfatizou a distância existente entre a filosofia e o senso comum (Rodrigo, 2013, p. 11).

Portanto, dada essa ausência de familiaridade dos estudantes com a filosofia e o texto filosófico, a mediação didática entre um texto filosófico e fatos da vida social dos estudantes se torna necessária para uma melhor apropriação da transposição do texto filosófico. A reflexão sobre o cotidiano do estudante e sua relação com os conhecimentos filosóficos obtidos na Escola é importante para dar significação à própria disciplina.

as mediações didáticas, as quais o professor recorre visando simplificar o saber filosófico, para torná-lo acessível a estudantes imersos no senso comum, não corre o risco de promover a banalização da filosofia na medida em que, situando-se num patamar introdutório, não afeta os níveis mais especializados de sua prática. (Rodrigo, 2013, p. 16-17)

Também é importante destacar que, em relação ao ensino da filosofia, não se pode ter como fim apenas fazer com que o estudante conheça determinados pensadores. Seu ensino também tem outros fins, pois a filosofia e,

não só ela tem um compromisso com a formação da consciência crítica do estudante, pois uma leitura das orientações curriculares para o ensino médio mostra que todas as áreas de atividades e disciplinas escolares compreendem que cada uma delas, dentro de suas características, são importantes na formação crítico-cidadã. (Rocha, 2013, p. 47).

Para desenvolver essa consciência crítica do estudante, qual seria então a característica específica da filosofia para essa formação, já que outros componentes curriculares do ensino médio também compartilham desse objetivo de formar cidadãos críticos? Partimos do pressuposto de que a filosofia tem a reflexão, o questionamento e a dúvida como um dos seus principais objetivos, assim como textos apropriados para que os estudantes percebam na cadeia argumentativa a própria reflexão crítica. Nesse sentido, o propósito da leitura e discussão do texto de René Descartes se

mescla a urgência de desenvolver estratégias de análise do que pode ser considerado verdadeiro e do que pode instigar desconfiâncias.

Para facilitar o acesso dos jovens à reflexão crítica, é possível problematizar a própria filosofia e seu ato de filosofar: “a filosofia como exercício do filosofar se pergunta sobre o real sentido da filosofia enquanto uma disciplina inserida no currículo escolar para a formação, tanto de crianças quanto de jovens” (SAVATER, 2001, p.6). Para compreendermos melhor como o ensino médio pode relacionar texto e práticas filosóficas, podemos indicar a recomendação de Savater (2001):

*Primeiro* “que não existe a Filosofia, mas “as” filosofias e, sobretudo o filosofar [...]”, *segundo* “que o estudo da Filosofia” não é interessante porque a ela se dedicaram talentos extraordinários como Aristóteles ou Kant, mas esses talentos nos interessam porque se ocuparam dessas questões de amplo alcance que são tão importantes para nossa própria vida humana, racional, civilizada [...]; *terceiro* “que até os maiores filósofos disseram absurdos notórios e cometeram erros graves [...]”. Quem se arrisca a filosofar fora dos caminhos já trilhados intelectualmente corre maior risco de se equivocar. Cabe ao professor de filosofia mostrar aos seus estudantes como a tradição filosófica pode ajudar a realizar o exercício do filosofar sem incorrer em erros e melhor compreender a realidade em que vivemos; *quarta* “que em determinadas questões extremamente gerais aprender a perguntar bem também é aprender a desconfiar das respostas demasiadas taxativas. Filosofamos partindo do que sabemos para o que não sabemos (2001, p.209-210).

Aspecto interessante apontado por Savater (2001) é que filosofar não deveria ser sair das dúvidas, mas entrar nelas. É, por isso, que este ponto se torna importante para a prática em sala de aula, cujo ponto central é a *Primeira Meditação* de René Descartes. Fazer uma transposição do excerto do texto para o cotidiano do estudante se torna um desafio e um estímulo para que possam fazer conexões entre a vida cotidiana e as reflexões filosóficas dos textos. No presente caso, o ponto de partida serão as *fakenews*, presentes nas redes sociais e consumidas sem a devida reflexão. Assim, a proposta deste estudo é problematizar e exercer a dúvida categórica sobre as informações divulgadas nas redes sociais, em especial o Facebook. Por motivos de delimitação metodológica, essa rede social foi escolhida para a análise e seleção de informações que serão posteriormente analisadas.

Os usuários das redes sociais são um público muito heterogêneo, seja em relação à idade, preferências políticas, culturais ou religiosas. Embora existam várias redes sociais (Facebook, WhatsApp, Instagram, twitter, Tik Tok etc.), com propósitos variados, foram o WhatsApp e o Facebook as redes sociais que mais divulgaram

“*fakenews*” no Brasil<sup>4</sup> em 2020. Dessa forma, refletir sobre a importância da informação e analisar algumas das notícias que são disponibilizadas em rede social, colocando-as em dúvida é de suma importância para a construção do senso crítico de estudantes. As aulas de filosofia podem contribuir sobremaneira para isso, principalmente porque decorrem de pôr em prática um conhecimento teórico, compreendido no contexto do texto filosófico, como o caso das *Primeiras Meditações*, de René Descartes.

Tendo em vista que o Facebook é uma das redes sociais que mais divulga *fakenews*, foi proposto que tais notícias veiculadas fossem postas em dúvida e, posteriormente, analisadas quanto ao seu conteúdo, verdadeiro ou falso, pois são essas informações que moldam os pensamentos dos estudantes do ensino médio. Assim, a filosofia, como componente curricular do ensino médio, assume um papel de destaque para a formação crítica dos estudantes, principalmente por proporcionar fundamentos teóricos para as análises das *fakenews*, como no exemplo da leitura e transposição do texto de Descartes.

O desafio de base da discussão é demonstrar como as pessoas são levadas a enganos de raciocínios e, a partir deles, como é fácil construir informações equivocadas a respeito de algo.

## 5.2. O PLANEJAMENTO DA PRÁTICA

O desenvolvimento de uma prática de sala de aula que envolva um texto clássico da filosofia, associado com a atualidade e vivenciado pelos estudantes, requer cuidado para que os objetivos sejam alcançados, dado que a filosofia tem suas especificidades de ensino.

Nesse sentido, Gallo (2019) comenta que o ensino de filosofia não pode ser enciclopédico, como uma reprodução daquilo que já foi pensado, mas possibilitar vivências a partir do cotidiano e aproximá-la dos textos filosóficos. Nesse contexto de ensino, o estudante assume o protagonismo, com uma postura mais ativa durante as aulas.

---

<sup>4</sup> Facebook é a maior plataforma de fake news, aponta pesquisa. **Correio Braziliense**, 2020. Disponível em: [https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2020/06/17/interna\\_tecnologia,864689/facebook-e-a-maior-plataforma-de-fake-news-aponta-pesquisa.shtml](https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2020/06/17/interna_tecnologia,864689/facebook-e-a-maior-plataforma-de-fake-news-aponta-pesquisa.shtml). Acesso em 22 out. 2021



Nas aulas de filosofia, cada estudante e todos os estudantes precisam fazer a experiência de lidar com a filosofia. É por isso que a aula deve ser um laboratório, lugar de experimentação, ou como disse antes, uma oficina, lugar de atividades práticas (Gallo, 2019, p. 93).

Nesse sentido Gallo (2019, p. 95) sugere que o ideal numa aula de filosofia é o professor estruturar as atividades de modo que os jovens experimentem a reflexão filosófica. Com isso, a proposta de prática desta pesquisa é operacionalizar as atividades na seguinte sequência didáticas:

- (1) sensibilização
- (2) problematização
- (3) investigação
- (4) conceituação

É a partir dessa sensibilização que é proposta a reflexão sobre as *fakenews*, ao mesmo tempo que aproxima a temática de um texto clássico da filosofia, as *Primeiras Meditações*, de René Descartes.

Essa experimentação foi desenvolvida em 4 (quatro) aulas de filosofia de 50 minutos cada, no 3º ano do Ensino médio, período vespertino, do Colégio Estadual Cívico-Militar Coronel Amazonas, no município de Porto Amazonas/PR.

### 5.1.1 Sensibilização

O primeiro passo da sequência didática é a sensibilização, que consiste em chamar atenção para o tema, para que o estudante crie empatia com ele. Nessa etapa, pode-se usar de diversas estratégias, como desenhos animados, histórias em quadrinhos, músicas, filmes ou recortes de filmes (Gallo, 2019, p. 96). Esta pesquisa vai utilizar um recorte de 2min. 48seg., do filme **Dúvida**<sup>5</sup> (Dúvida, 2008), em específico, a parte que trata da fofoca<sup>6</sup>.

Nesse recorte, a cena começa numa igreja onde um padre inicia um sermão com uma história, sobre uma mulher que fazia fofoca com outra a respeito de um homem que mal conhecia. Essa mulher teve um sonho em que uma grande mão

<sup>5</sup> O filme completo tem 1h 45min. Trata-se de um drama, com direção de John Patrick Shanley, roteiro John Patrick Shanley, John Patrick Shanley. No elenco principal estão os atores Meryl Streep, Philip Seymour Hoffman, Amy Adams. Título original Doubt. Ano de produção: 2008.

<sup>6</sup> O trecho selecionado para esta pesquisa pode ser encontrado no Youtube, com o título: "Filme Dúvida (dublado) – Maledicência – Fofoca – Inveja", no canal: "Ricardo Kerr – TheMaxxTube". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h6qJS88Hss0>. Acesso em: 30 out. 2023.



apontava para ela. Ela sentiu-se culpada e foi se confessar com um padre, contando-lhe tudo e perguntando se fofocar era pecado. Perguntou ainda se aquela mão era Deus lhe apontando o pecado e se ela poderia pedir a absolvição. O padre (da história) responde que ela pecou ao levantar falso testemunho contra um irmão. A mulher envergonhada pede perdão e diz que sente muito. O padre então lhe diz que não é tão simples assim a situação. Pede a mulher que vá para casa, corte um travesseiro e depois volte a igreja. A mulher faz o que o padre pede, vai até a sua casa e corta o travesseiro com uma faca, depois volta a igreja e conta que cumpriu o pedido e que dentro do travesseiro havia plumas. O padre pede-lhe então que volte para casa e recolha todas as plumas. A mulher diz que era impossível. O padre então lhe diz: assim é a fofoca (Dúvida, 2008).

Busca-se aqui estimular os jovens a discutirem a cena para que tenham a atenção voltada aos boatos, iniciando a reflexão sobre os impactos que informações falsas podem ter, bem como seus efeitos deletérios na vida das pessoas e na sociedade.

O uso de filmes (completos ou recortes) tem sido apontado como um bom recurso didático.

Ao escolher um ou outro filme para incluir nas suas atividades escolares, o professor deve levar em conta o problema da adequação e da abordagem por meio de reflexão prévia sobre os seus objetivos gerais e específicos. Os fatores que costumam influir no desenvolvimento e na adequação das atividades são: possibilidades técnicas e organizativas na exibição de um filme para a classe; articulação com o currículo e/ou conteúdo discutido, com as habilidades desejadas e com os conceitos discutidos; adequação à faixa etária e etapa específica da classe na relação ensino-aprendizagem. (Napolitano, 2009, p. 165)

Ainda nesse processo de sensibilização/mobilização, após as reflexões iniciais e individuais sobre o filme, os jovens foram divididos em grupos de 3 (três) a 5 (cinco) estudantes e receberam impressos *prints* de algumas informações que foram divulgadas e compartilhadas na rede social Facebook. Essas informações, previamente selecionadas pelo professor, diretamente de sua própria rede social, tinham cunho político, ético, artístico ou científico, e foram objeto de análise dos grupos.

Após a análise do grupo, foi aberto um espaço para que os jovens apresentassem e comentassem as notícias. Nesse momento, ainda não sabiam que se tratava de *fakenews*, e apenas foram levantadas as informações de primeira

percepção. A intenção foi refletir sobre a credibilidade que uma notícia ou informação possa dar aos jovens.

### 5.1.2 Problematização

A próxima etapa do planejamento dá início ao processo filosófico propriamente dito: a problematização. Ou seja, transformar o tema em problema e fazer com que ele suscite em cada indivíduo o desejo de buscar soluções. Problematizar vários aspectos e de diferentes perspectivas, estimulando o sentido crítico e problematizador da filosofia, exercitando seu caráter de pergunta, de questionamento, de interrogação. Nesse ponto, pode-se, por exemplo, questionar os estudantes se eles têm alguma certeza de que aquela informação, distribuída pelo professor, é verdadeira ou falsa. Sabendo-se que a fonte da informação seria o Facebook, foi questionado se eles a consideram uma fonte confiável de informação? Além de quais as fontes que devemos ou podemos confiar?

Ao problematizar, o professor convidou os estudantes a analisarem a questão como um problema, para depois buscarem respostas. Essa etapa é importante para que os jovens percebam que transformar um tema em problema faz parte do processo de análise e crítica a ser desenvolvida.

### 5.1.3 Investigação

Após a problematização, chega-se à investigação que consiste em:

buscar elementos que permitam a solução do problema. Uma investigação filosófica busca os conceitos na história da filosofia que podem servir como ferramentas para pensar o problema em questão. Terá Platão se deparado com esse problema? Em caso afirmativo, como ele o pensou? Produziu algum conceito que tenha dado conta dele? O conceito platônico ainda é válido em nosso tempo? Ele dá conta do problema, tal como o vivemos hoje? E na modernidade, Descartes ou Spinoza lidaram com o mesmo problema? Criaram seus conceitos? São esses conceitos mais adequados ou menos adequados que aquele criado por Platão. (Gallo, 2019, p. 97).

Assim sendo, a investigação filosófica vai buscar a estrutura para uma boa investigação na história da Filosofia e em textos clássicos dos filósofos, bem como um método adequado para cada problema. Aqui, o estudante se defronta com o pensamento filosófico, com diferentes maneiras de enfrentar o problema e, com as

possíveis soluções já elaboradas, as quais orientam e dão qualidade à discussão (DCEs, Filosofia, 2008, p. 60). Portanto, é nessa etapa que entra o texto filosófico.

Nesse sentido, é nesta etapa que o texto de Descartes inicia sua propedêutica, pois quando os estudantes iniciam a análise da cadeia argumentativa cartesiana, elucidando as características da verdade sobre algo, percebem que é preciso ter critérios para atribuir verdade a algum assunto.

A preocupação com a verdade não é nova e pode ser encontrada por toda história da filosofia, porém, aqui, é proposto realizar uma reflexão a partir do texto *Primeiras Meditações*. O processo de reflexão de Descartes pode esclarecer como os estudantes podem proceder diante da vida. Esse texto questiona o conhecimento que até então foi recebido pelos estudantes e faz uma proposta metodológica para se chegar ao alcance daquilo que se considerava ser o conhecimento, um saber sobre o qual não paira nenhuma dúvida, ao que ele chamou de indubitável.

Mesmo considerando as devidas distâncias e contextos históricos que separam Descartes dos atuais estudantes do Ensino médio, é possível utilizar um excerto de texto para ensiná-los a compreender como uma cadeia de boas razões pode ser construída. A leitura e análise de texto também podem fazê-los compreender como forjar as verdades ou as certezas na mente que pensa. Assim, o parâmetro do que é verdadeiro, baseado nas ideias da própria razão, de maneira clara, distinta e inconfundível, seria considerado indubitável. Para chegar ao conhecimento dessas verdades, Descartes percorre um longo caminho de dúvida feita por reflexão e introspecção, as quais estão expostas nas *Primeiras Meditações*, texto de referência que usado na fase da investigação. Esse texto foi distribuído aos estudantes e a leitura feita em sala de aula.

#### 5.1.4 Conceituação

A última etapa foi a da conceituação, ou seja, uma forma de o estudante se apropriar do conhecimento e da forma reflexiva da filosofia. Nessa etapa, eles devem ser capazes de verificar se o conceito de verdade, formulado por meio da dúvida, conforme Descartes, pode responder aos questionamentos feitos sobre as *fakenews*. Assim, o exercício foi questionar as informações recebidas e obtidas na rede social demonstrando se elas realmente são verdadeiras ou não. Esse movimento busca ligar o texto filosófico ao contexto dos estudantes:

Se na investigação pela história da filosofia encontramos conceitos que são significativos para nosso problema, trata-se então deslocá-los para nosso contexto, recriando-os de forma a apresentarem possíveis soluções; se, por outro lado, não encontramos conceitos que deem conta de nosso problema, certamente encontramos uma série de elementos que nos permitam criar um conceito próprio. (Gallo, 2019, p. 98.)

Ao final desse processo espera-se que o estudante se aproprie do conceito de “verdade” em René Descartes, utilizando os mecanismos da dúvida metódica para ressignificar as possíveis inconsistências das notícias falsas nas redes sociais. Portanto, espera-se que ele constate e perceba que nem tudo o que se propaga em rede social pode ser considerado informação verdadeira e que muitas delas não passam de *fakenews*.

Importante também que os estudantes reflitam que diante dos fatos cotidianos e vivenciados por eles, a filosofia pode servir de suporte e ajudá-los no discernimento da informação, pois:

a filosofia não é, de modo algum, uma simples abstração independente da vida, ao contrário ela é a própria manifestação humana e sua mais alta expressão [...] A filosofia traduz o sentir, o pensar e o agir do homem. Evidentemente, o homem não se alimenta da filosofia, mas sem dúvida nenhuma, com a ajuda da filosofia. (Brangatti, 1993).

Nesse sentido, a filosofia em sala de aula pode desempenhar um papel importante como forma de ajudar os jovens na busca por informações que produzem conhecimento, contribuindo para que possam se tornar mais críticos e atuarem de maneira consciente na sociedade em que vivem. É importante que compreendam que muitas informações repassadas nas redes sociais, além de sensacionalistas, apresentam cunho ideológico, político, religioso, cultural ou econômico e que essa midiatização produz informações massificadas que não têm outro objetivo a não ser a manipulação das consciências das pessoas. Assim, o ensino de filosofia “deve estar na perspectiva de quem dialoga com a vida, por isso, é importante que, na busca da resolução do problema, haja preocupação também com uma análise da atualidade, com uma abordagem que remeta o estudante à sua própria realidade (DCEs, Filosofia, 2008, p. 60).

O que se quer deixar claro nessa prática é que a leitura de textos filosóficos pode auxiliar os jovens a selecionar e analisar informações, que podem estar

encobertas por falsidades ou intenções dúbias, e que através de uma análise crítica, eles podem se esclarecer quanto ao conhecimento e sua fundamentação.

A prática tem a intenção de proporcionar uma experiência filosófica para que o jovem adquira autonomia de pensamento e que possa utilizar em outros campos do saber humano. Como afirma Gallo (2013, p. 83), “ensinar é como lançar sementes, que não sabemos se germinarão ou não; já aprender é incorporar a semente, fazê-la germinar, crescer e frutificar, produzindo o novo”. Por isso, refletir sobre as informações nas redes sociais dentro da disciplina de filosofia se torna uma tarefa importante, pois muitas informações, que por elas circulam, apresentam conteúdos sensacionalistas e sem propósito de conhecimento, difundem notícias inverídicas que acabam influenciando a opinião dos usuários numa verdadeira manipulação de consciências, com o agravante que isso se torna viral e milhares ou até mesmo milhões de usuários acabam formando opiniões baseadas nelas.

Para Marteleto (2001, p.72), as redes sociais representam "um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados". Veja-se que, em princípio, nas redes sociais não existe um único tipo de interesse, podem ser vários, como difundir conhecimento, entretenimento, relações sociais. Mas em algumas redes sociais, em que não há um alinhamento de perfil, como o Facebook e WhatsApp, especialmente no que tange à disseminação de *fakenews*, a informação pode ser transmitida de forma distorcida com a intenção de manipular as mentes política ou ideologicamente.

Nesse sentido, a proposta dessa experiência filosófica é demonstrar como o componente curricular de filosofia pode desenvolver a reflexão crítica dos estudantes em relação às informações postadas no Facebook, discutindo, entre outros aspectos a importância do papel da informação na vida dos indivíduos, sendo que a informação correta, verdadeira, que contribuirá para a formação de um cidadão crítico, autônomo, que seja capaz de fazer reflexões e que tenha a consciência de seus direitos e deveres.

É possível, então, referendar o papel da disciplina de filosofia na formação e reflexão crítica, compreendendo o alcance da reflexão nos termos de Saviani:

E que significa reflexão? A palavra nos vem do verbo latino “*Yeflectere*” que significa “voltar atrás”. É, pois, um re-pensar, ou seja, um pensamento em segundo grau. Poderíamos, pois, dizer: se toda reflexão é pensamento, nem todo pensamento é reflexão. Esta é um pensamento consciente de si mesmo, capaz de se avaliar, de verificar o grau de adequação que mantém com os dados objetivos, de medir-se com o real. Pode aplicar-se às impressões e opiniões, aos conhecimentos científicos e técnicos, interrogando-se sobre o seu significado. Refletir é o ato de retomar, reconsiderar os dados disponíveis, revisar, vasculhar numa busca constante de significado. É examinar detidamente, prestar atenção, analisar com cuidado. E é isto o filosofar. Até aqui a atitude filosófica parece bastante simples, pois uma vez que ela é uma reflexão sobre os problemas e uma vez que todos e cada homem têm problemas inevitavelmente, segue-se que cada homem é naturalmente levado a refletir, portanto, a filosofar. (Saviani, 1996, p.10).

Para atingir esse objetivo de análise crítica da informação, o professor deve estabelecer de forma clara e objetiva o que se quer atingir em cada etapa da prática pedagógica. Isso demanda uma construção múltipla de objetivos, nos quais estão implícitas algumas ações, como o pensar e o refletir, como algo capaz de ser viabilizado na prática. Acredita-se, assim, que as aulas de filosofia podem possibilitar uma visão, holística e não fragmentária em diversos assuntos. Em monografia sobre a importância da filosofia, Scariotto (2007, p. 30) afirma:

A Filosofia é uma atividade humana indispensável. Pode nos livrar do conceito de juízos antecipados, de uma abordagem superficial da realidade, fruto da limitação da compreensão humana, sustentada por aparências, às quais o homem se apegava facilmente. Se a filosofia está começando a encontrar novamente um lugar no ensino é porque educadores descobriram que os jovens podem se encantar com ela e que ela contribui significativamente para seu desenvolvimento educacional. Talvez em nenhum outro lugar a Filosofia seja mais bem vinda do que na sala de aula. Toda disciplina parece ser mais fácil de aprender quando seu ensino é inspirado pelo princípio aberto, crítico e de rigor lógico característico da Filosofia, ajudando os estudantes a refletirem efetivamente sobre os valores que constantemente são importantes para eles.

Ainda nesse mesmo sentido Favaretto (1993, p.101):

Em filosofia, os trabalhos operatórios visam ao desenvolvimento de habilidades em construir e avaliar proposições, em determinar os princípios subjacentes a elas – o que passa pelo sentido das palavras e pela atenção à cadeia sintática, pelo menos. O pensamento crítico não provém, portanto, da simples discussão, ou da confrontação de posições contrárias, ou da doação de soluções pelo professor. A crítica pode ser avaliada pela capacidade dos estudantes em formular questões e objeções de maneira organizada, estruturada (rigorosa). A prática, sempre interessante, de intrigar os estudantes – provocando-os para a dúvida, a produção de inferências e a articulação de experiência e teoria – é útil, principalmente naquelas situações em que os estudantes não têm condições de aplicar imediatamente uma regra pelo exercício de uma retórica já desenvolvida. Explorar os trabalhos operatórios talvez seja o grande caminho do professor de filosofia.

Nesse sentido, é possível projetar que o componente curricular de filosofia oferece ao estudante do Ensino médio capacidade para analisar informações falsas, postadas nas redes sociais, protegendo a si mesmo e a sociedade dos danos que elas podem causar. Essa importância da formação crítica é expressa na própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que traz como uma das metas da educação, “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (Brasil, 2008, art. 34, inciso III).

Assim, o planejamento dessa prática com o texto de Descartes e sua ênfase no método da dúvida hiperbólica como uma forma de determinar o que pode ser considerado verdade ou não, torna-se um simulacro para a problematização e reflexão sobre as *fakenews* da rede social Facebook.



## 6 PESQUISA SOBRE O USO DE REDES SOCIAIS E PRÁTICA PEDAGÓGICA

O desenvolvimento das atividades com os estudantes envolveu dois momentos distintos: um com todos os matriculados no ensino médio do Colégio Coronel Amazonas no ensino médio, no ano de 2023, que responderam voluntariamente a uma pesquisa no formulário *Google Forms* e disponibilizada, por série e turma na plataforma *Google Meet*; e outra a realização da prática, com os estudantes do terceiro ano do ensino médio.

### 6.1 PESQUISA SOBRE O USO DE REDE SOCIAL E *FAKENEWS*.

A proposta desta dissertação buscou levantar dados quanto ao uso das redes sociais pelos estudantes que frequentam o ensino médio, que em sua maioria, pertencem a faixa etária entre 15 e 17 anos. Nesse sentido, realizou-se uma pesquisa de campo, quantitativa-descritiva, através de coleta de dados junto aos estudantes que frequentam o ensino médio.

A pesquisa foi realizada no Colégio Cívico Militar Coronel Amazonas – Ensino Fundamental e Médio, no município de Porto Amazonas/PR. Com 153 estudantes matriculados no ensino médio em 2023, nos turnos matutino e vespertino.

A pesquisa foi realizada entre os dias 03 e 07 de março de 2023, de forma voluntária. Foi criado um formulário, no *Google Forms*<sup>7</sup>, para que os estudantes respondessem a um questionário, disponibilizado no *Google Classroom*<sup>8</sup>, de acordo com a série e turno frequentado pelos estudantes.

No caso da pesquisa realizada com os estudantes, foi disponibilizado um *link* no mural de sua turma, para que pudessem acessar e responder.

---

<sup>7</sup> Google Forms é um serviço gratuito para criar formulários online disponibilizado pela Google a seus usuários. Nele, é possível produzir pesquisas de múltipla escolha, fazer questões discursivas, solicitar avaliações em escala numérica, entre outras opções. Nesse caso, foi a ferramenta de pesquisa de múltipla escolha e respostas curtas, como forma de se obter um feedback que permitisse a geração de gráficos que facilitam a análise.

<sup>8</sup> *Google Classroom* trata-se de uma sala de aula online, ferramenta lançada pela Google no ano de 2014 com o objetivo de apoiar professores e estudantes nos processos de ensino e aprendizagem. Sua massificação ocorreu durante a pandemia da Covid-19, nos anos de 2020 e 2021, sendo usada desde então com frequência como um recurso adicional e motivacional de interação dos alunos e professores fora do ambiente tradicional de sala de aula. Nesse ambiente, os alunos dispõem de um espaço chamado mural, onde recebem orientações e podem interagir, há também outro espaço para atividades onde o professor pode inserir materiais de estudos como textos, vídeos e outros.

Do total de 153 de estudantes matriculados no ensino médio no ano de 2023, 104 estudantes responderam à pesquisa, o que corresponde a 67,97%. Pode-se considerar esse número bem expressivo, dado que algumas variáveis podem ter levado alguns estudantes a não responder, como a falta de internet em casa, a falta de acesso à plataforma *Classroom* por terem esquecido a senha, os que não visualizaram o recado no mural da plataforma, ou até mesmo falta de interesse em respondê-la ou até mesmo estudantes desistentes.

No formulário de resposta, o estudante tinha que identificar seu nome, idade e a série que frequenta. Em seguida, deveria responder nove questões, sendo sete delas de seleção em caixa (o que lhe permitia selecionar mais de uma opção) ou de múltipla escolha (que marcava apenas uma resposta). Duas questões foram de respostas dissertativas.

As perguntas do formulário foram:

1. Qual das redes sociais abaixo listadas você mais usa?

- |                                    |                                    |  |
|------------------------------------|------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> Facebook  | <input type="checkbox"/> Pinterest |  |
| <input type="checkbox"/> YouTube   | <input type="checkbox"/> Twitter   |  |
| <input type="checkbox"/> WhatsApp  | <input type="checkbox"/> TikTok    |  |
| <input type="checkbox"/> Instagram | <input type="checkbox"/> Snapchat  |  |
| <input type="checkbox"/> LinkedIn  | <input type="checkbox"/> Outra     | <input type="checkbox"/> Não uso rede social |

2. Qual a segunda rede social mais usada por você na lista abaixo?

- |                                    |                                    |  |
|------------------------------------|------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> Facebook  | <input type="checkbox"/> Pinterest |  |
| <input type="checkbox"/> YouTube   | <input type="checkbox"/> Twitter   |  |
| <input type="checkbox"/> WhatsApp  | <input type="checkbox"/> TikTok    |  |
| <input type="checkbox"/> Instagram | <input type="checkbox"/> Snapchat  |  |
| <input type="checkbox"/> LinkedIn  | <input type="checkbox"/> Outra.    | <input type="checkbox"/> Não uso rede social |

3. Na rede social você costuma ler, curtir ou compartilhar informações?

- Sim  Não

4. Quando lê alguma informação na rede social sabe distinguir se ela é verdadeira ou falsa quanto ao conteúdo?

5. Você sabe o que é uma fakenews?

- Sim  Não

6. Você busca saber, nas informações que lê, se são verdadeiras ou falsas?

- Sim  Não

7. Quando tem dúvida sobre uma informação, qual fonte você usa para saber se é verdadeira ou falsa?

- |  |                                    |                                |
|--|------------------------------------|--------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Jornais         | <input type="checkbox"/> Revistas  |                                |
| <input type="checkbox"/> Wikipedia       | <input type="checkbox"/> Youtube   |                                |
| <input type="checkbox"/> Artigos         | <input type="checkbox"/> Professor |                                |
| <input type="checkbox"/> Líder religioso | <input type="checkbox"/> Político  | <input type="checkbox"/> Outro |

8. Se marcou outro no item anterior, qual?

9. Qual a importância das aulas de Filosofia em relação as fakenews?

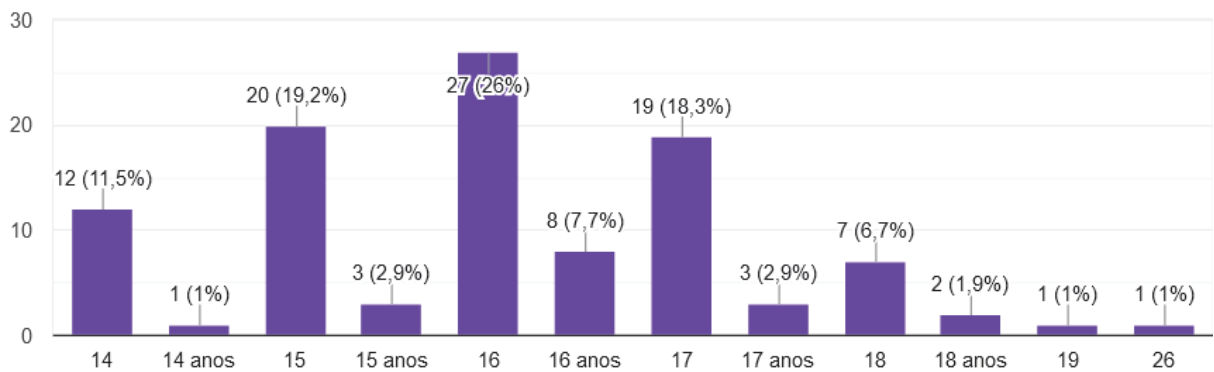
## 6.2 ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS

O formulário ficou disponível aos estudantes do dia 01 de março até o dia 03 de março de 2023, sendo que 104 estudantes responderam ao formulário, o que consideramos numericamente relevante. A partir dos dados analisamos os resultados obtidos através dos seguintes critérios.

### 6.2.1 Quanto a faixa etária.

A maioria dos estudantes matriculados no ensino médio do Colégio Cívico-Militar Coronel Amazonas, encontram-se entre 15 e 17 anos, correspondendo a 77% dos que responderam à pergunta.

FIGURA 5 – Faixa etária dos estudantes que participaram da pesquisa



Fonte: Elaborada pelo autor com base nos dados da pesquisa realizada (2023).

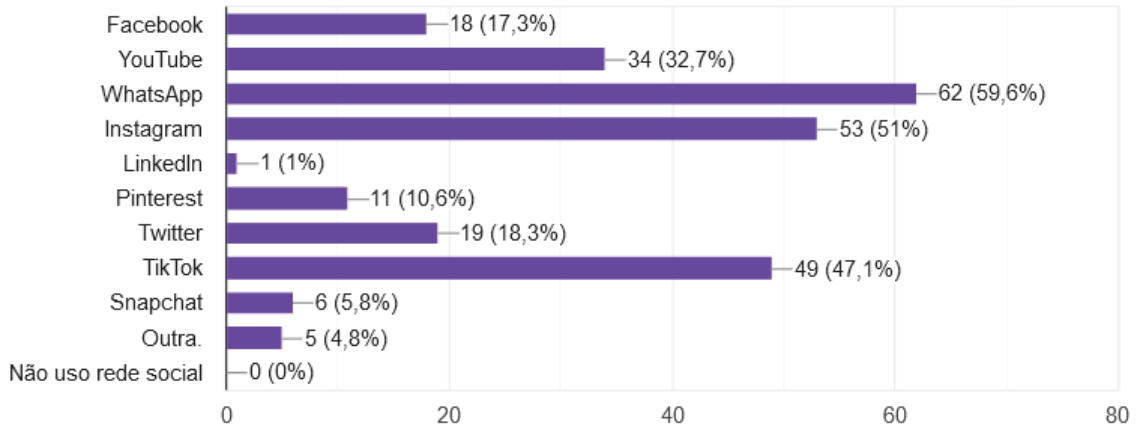
### 6.2.2 Redes sociais mais usadas pelos estudantes.

O WhatsApp é um aplicativo de mensagens instantânea, sendo também classificado como uma rede social e é a mais usada pelos estudantes, representando 59,6%. Seguida pelo o Instagram com 51%, o TikTok com 49,1%, o YouTube com 32,7%, o Twitter com 18,3% e o Facebook com 17,3%.

O fato de o Facebook ocupar o 6º lugar de preferência dos estudantes do ensino médio não desnatura a prática pedagógica que usou o Facebook como referência. Isso porque, essa prática proposta é um modelo que pode ser adaptado em qualquer uma das redes sociais usadas, pois o que se pretende com ela é justamente fazer com que os estudantes criem o hábito de duvidar de muitas

informações e, utilizando as metodologias filosóficas, buscar esclarecer como se certifica um conhecimento.

FIGURA 6 – Redes sociais mais usadas pelos estudantes que participaram da pesquisa

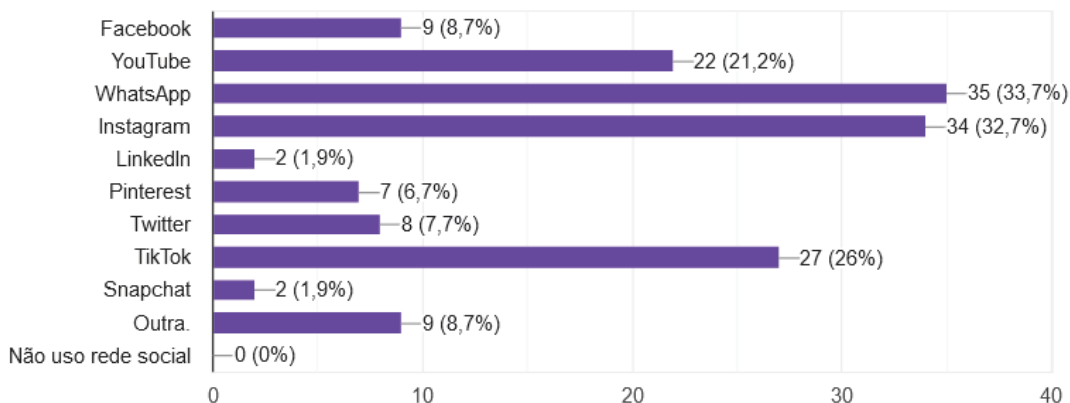


Fonte: Elaborada pelo autor com base nos dados da pesquisa realizada (2023).

### 6.2.3 Segunda rede social mais usada pelos estudantes.

Quando se menciona na pesquisa uma segunda rede social usada pelos estudantes do ensino médio, a posição de preferência não muda, O WhatsApp vem como segunda opção de uso para 33,7% dos usuários, o Instagram com 32,7%, o TikTok com 26%, o YouTube com 21% e o Facebook ocupa a quinta posição de preferência da segunda rede social mais usada com 8,7%.

FIGURA 7 – Segunda rede social mais usadas



Fonte: Elaborada pelo autor com base nos dados da pesquisa realizada (2023).

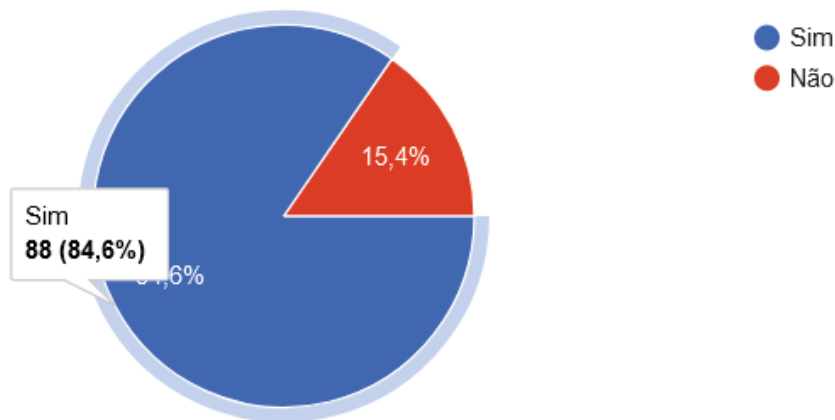
Destacamos que o objetivo dessa pergunta é demonstrar que os jovens do ensino médio usam mais de uma rede social, de modo que, de uma forma ou outra,

em algum momento, eles podem receber ou compartilhar *fakenews* de diversas formas.

#### 6.2.4 O uso rede social para ler, curtir ou compartilhar informações.

Esse é um dado importante, pois a pesquisa revela que 84,6% dos estudantes assumem uma das seguintes posturas: ler – curtir – compartilhar. Destaca-se que não necessariamente quem lê curte ou compartilha, que não necessariamente a curtida significa adesão àquela informação, mas o compartilhamento, pode significar uma adesão em relação à informação e aí se revela a importância de se colocar em dúvida a informação recebida. Se ela não for tratada de maneira adequada, com pesquisa em fontes confiáveis, ao ser compartilhada amplia seu alcance, mesmo sem o agente ter certeza de que se trata de conteúdo confiável. Nesse contexto, insere-se, por exemplo, as *Fakenews*, que podem atingir um grande público e produzir efeitos perniciosos, com uma crença fora do contexto real.

FIGURA 8 – O uso rede social para ler, curtir ou compartilhar informações



Fonte: Elaborada pelo autor com base nos dados da pesquisa realizada (2023).

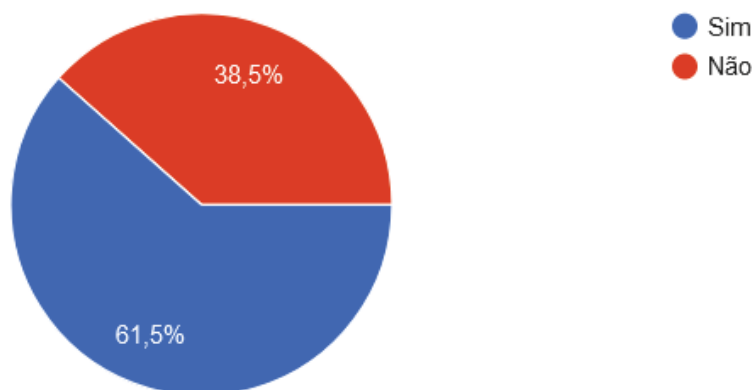
#### 6.2.5 Quanto a leitura de informação na rede social e a distinção imediata se ela é verdadeira ou falsa quanto ao conteúdo.

Em relação a esse ponto, poder-se-ia pensar como um ponto positivo, que a grande maioria, 61,5%, identifica de imediato quando o conteúdo de uma informação é falso ou verdadeiro. No entanto, esse dado contrasta com a prática efetuada em sala de aula, na qual foram apresentadas notícias com informações

falsas e não houve nenhuma postura de dúvida por parte dos estudantes que realizaram a prática, o que demonstra uma adesão, uma crença de que elas eram verdadeiras.

Isso, eventualmente, pode estar presente no dia a dia dos estudantes e tudo vai depender de como essa informação é apresentada. Relatos orais, feito por alguns estudantes, durante um debate provido, como o dos jovens I.L e D.S<sup>9</sup>, é de que eles não duvidaram do que receberam, pois tinham a certeza de que conteúdos apresentados pelo professor seriam verídicos. Não imaginaram, pelo tempo de convivência e pelo fato de ser um professor de filosofia, que a notícia seria falsa, ou seja, a credibilidade e adesão a notícia foi imediata em função da autoridade do professor.

FIGURA 9 – Distinção imediata se a informação é verdadeira ou falsa quanto ao conteúdo

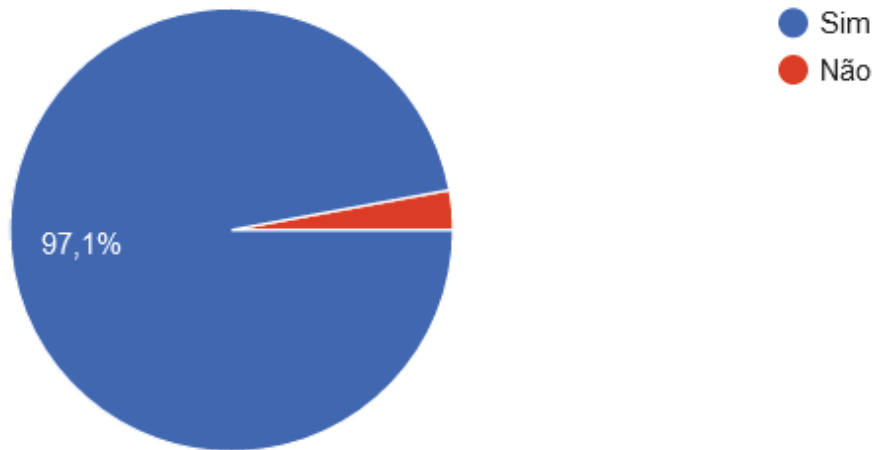


Fonte: Elaborada pelo autor com base nos dados da pesquisa realizada (2023).

#### 6.2.6 Quanto ao entendimento do que é uma *fakenews*?

Essas respostas, aparentemente, contradizem a questão anterior, pois 61.5% dos que responderam à pesquisa afirmaram que identificam de imediato se o conteúdo de uma informação é falso ou verdadeiro. Porém, nessa questão 97,1% afirmam que sabem o que é *fakenews*. No entanto, não há contradição, pois o que se buscou saber é se o estudante sabe o significado do termo e não se ele sabe identificar uma *fakenews* quando está diante dela.

<sup>9</sup> Para preservar o nome dos alunos foram colocadas arbitrariamente letras, que não correspondem as iniciais de seus nomes.

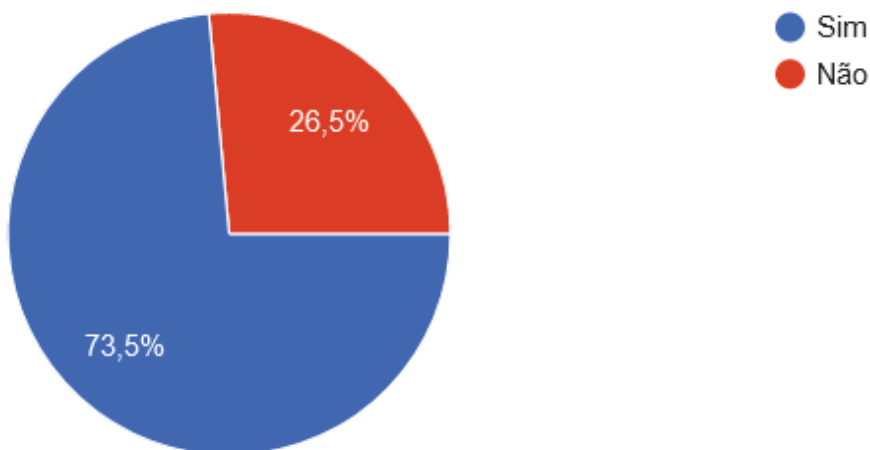
FIGURA 10 – Entendimento do que é uma *fakenews*

Fonte: Elaborada pelo autor com base nos dados da pesquisa realizada (2023).

#### 6.2.7 Quanto a busca das informações sobre saber se são verdadeiras ou falsas

Conforme gráfico, 73,5% dos participantes da pesquisa mostram que tem a preocupação com a informação que lê, e, conforme demonstrado em seguida, a fonte da informação é ser um fator de credibilidade quanto a sua verdade ou não.

FIGURA 11 – Busca sobre saber se são verdadeiras ou falsas as informações



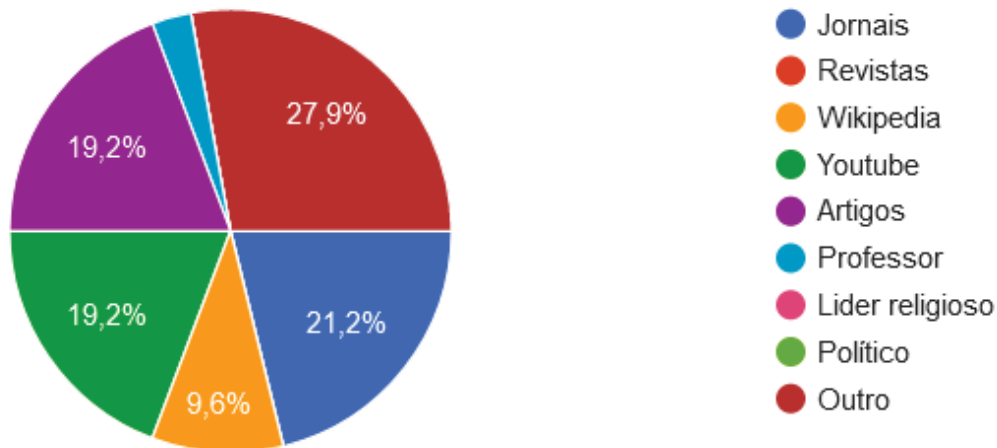
Fonte: Elaborada pelo autor com base nos dados da pesquisa realizada (2023).



### 6.2.8 Quanto fonte usada para saber se é verdadeira ou falsa.

Quanto a fonte usada para buscar a veracidade da informação, as fontes mais usadas foram: revistas (27,9%), jornais (21,2%), artigos e YouTube (19,2%), Wikipédia (9,6%), professor (2,95%).

FIGURA 12 – Fonte para verificar a veracidade de uma informação



Fonte: Elaborada pelo autor com base nos dados da pesquisa realizada (2023).

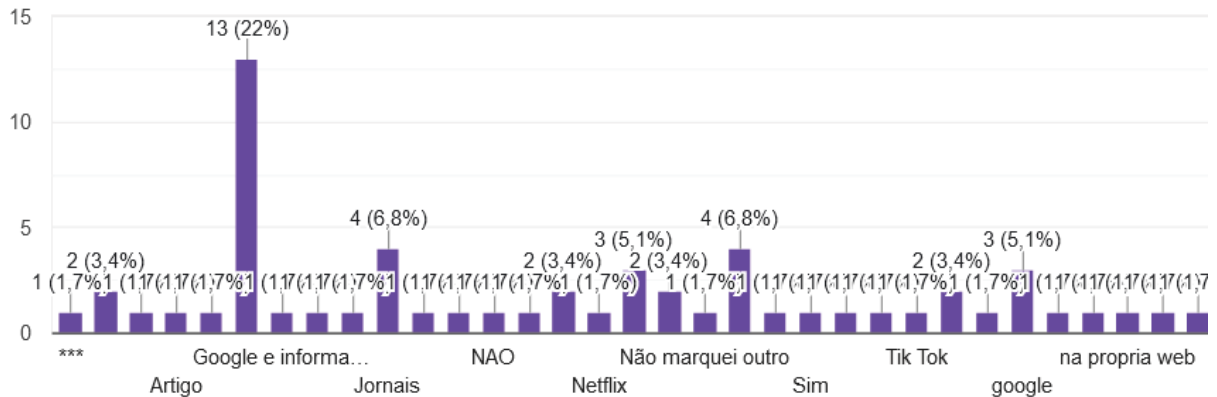
Algumas das fontes citadas pelos estudantes, quando se trata do meio acadêmico, são consideradas fontes que não fornecem base teórica confiável ou fundamentada para terem alguma validade científica. No entanto, por se tratar da educação básica, algumas delas podem servir para a pesquisa sobre a veracidade ou não da informação, como revistas e jornais. Porém, todo cuidado é pouco, pois muitos jornais, revistas, artigos, canais do YouTube entre outros apresentam forte teor ideológico, seja político ou religioso, de formas que algumas *fakenews* ou saíram desses meios ou são usadas por eles para se propagar.

Nesse aspecto, aprender a pesquisar é importante, por isso, criar estratégias didático-metodológicas torna-se imperioso. Esse é um norte da presente pesquisa, pois coloca a filosofia dentro de um processo instrumentador e útil, além de ser um orientador para os estudantes a buscarem uma melhor qualificação em relação à informação. Nesse sentido, elas podem ser obtidas de diferentes modos, como a que foi realizada, partindo de um texto filosófico, do levantamento da dúvida e a busca de uma fonte segura.

### 6.2.9 Quanto ao uso de outra fonte de informação.

Essa nova rodada de perguntas foi de livre menção para os estudantes, mas não trouxe muitas novidades, pois apesar de os estudantes informarem o Google para pesquisas, isso pode direcioná-los para algumas das fontes anteriores citadas.

FIGURA 13 – Uso de outra fonte de informação



Fonte: Elaborada pelo autor com base nos dados da pesquisa realizada (2023).

### 6.2.10 Quanto a importância das aulas de Filosofia em relação as *fakenews*

Para finalizar a pesquisa sobre as redes sociais e dentro da temática desta dissertação, fez-se uma pergunta de resposta livre: Qual a importância das aulas de Filosofia em relação as *fakenews*?

Nesse item, foram 96 respostas, as quais serão mencionadas apenas algumas para análise, destacando-as por amostragem:

*A Filosofia está atrelada a filósofos que saem de sua zona de conforto, associado ao senso comum proposto pela sociedade e questionam os "porquês" ligados aos comportamentos, teorias, ideias e ações, desta forma com a Filosofia podemos questionar as fakenews através de outros estudos sobre o tema, encontrando outras formas de pesquisas para saber se o que discorre nela é verdadeiro ou falso.<sup>10</sup>*

*As aulas de filosofia tocam no assunto de fakenews como uma forma de alertar os estudantes a não caírem nesse tipo de mentira virtual e buscar sempre pela verdade.*

<sup>10</sup> Para dar maior destaque e protagonismo às produções dos estudantes, optou-se, neste texto, formatar as suas falas e produções de modo diferenciado do comumente utilizado em citações diretas. Para tanto, dividiu-se o recuo de 4cm para 2cm das margens, mantendo a fonte Arial 10, mas com destaque em itálico. Essa organização se repete ao longo do texto sempre que uma produção estudantil for trazida para o estudo.

*As aulas de filosofia incentivam o pensar, raciocinar, estimulando os estudantes a opinar e buscar a verdade, o contexto de um todo.*

*As aulas de Filosofia abordam diversos temas tanto antigos como atuais e busca discutir e apresentar ideias sobre algo defendido por alguém, isso tem uma grande importância, pois falamos sobre fatos ocorridos que marcaram muito, como as Fakenews. Debatendo sobre esse assunto, os estudantes passaram a ter mais atenção com o que estão vendo nas redes sociais e identificar se são ou não notícias falsas e percebem o quão importante é checar se alguma informação é verdadeira antes de divulgar.*

*A disciplina de filosofia nos norteia ao desenvolvimento de um senso crítico, a possuímos nossa própria opinião a respeito de um determinado tema e a distinguirmos informações verídicas ou falsas. Através da disciplina, aprendemos que não se pode confiar em tudo que se lê nas mídias digitais, devemos buscar informações concretas e assegurar que não são falsas antes de compartilharmos com alguém.*

*A gente aprende a não confiar muito nas informações das redes sociais porque muitas delas podem ser falsa.*

Observa-se do contexto das respostas que os estudantes atribuem grande importância e preocupação em adquirirem habilidades para exercerem o pensamento crítico, dessa forma filosofia, como componente curricular, torna-se um vetor para essas realizações.

### 6.3 A PRÁTICA EM SALA DE AULA – DESCRIÇÃO E ANÁLISE

A prática pedagógica foi desenvolvida conforme o plano de aula desenvolvido para essa atividade (Apêndice 1).

A optou-se pela aplicação da prática em uma turma do 3º ano do ensino médio devido às alterações ocorridas no currículo da escola, pelo fato de o Colégio Coronel Amazonas ter-se transformado em um colégio cívico militar. Assim, as aulas de filosofia tiveram uma redução de carga horária, de duas para uma aula semanal e os conteúdos também foram descolocados. Nesse sentido, as temáticas relativas à obra de René Descartes são, geralmente, abordadas no conteúdo de Filosofia das Ciências quando trata do surgimento das ciências na modernidade.

O Estado do Paraná utiliza o chamado Livro Registro On-Line, uma plataforma que consta o planejamento das aulas. A aula 7, desse planejamento, tem como título Ciência na Modernidade: René Descartes e Francis Bacon, com os seguintes objetivos:

- a) Conhecer o debate sobre o conhecimento no período da Modernidade;
- b) Aprender conceitos dos filósofos Descartes e Francis Bacon; e

c) Analisar os pressupostos do método científico do conhecimento.

Assim, por estar prevista a abordagem de René Descartes nessa série do ensino médio, utilizaram-se essas aulas para a realização da prática.

O início da prática ocorreu no dia 21 de fevereiro de 2023, em que se oportunizou o ponto de partida através de um fato corriqueiro, uma forma de chamar a atenção do estudante. Esse primeiro passo é a sensibilização, que consiste em chamar atenção para o tema para que o estudante crie empatia por ele. Assim, utilizando os materiais didáticos existentes em sala de aula, no caso um multimídia (*datashow*), e exibido um recorte do filme *Dúvida*<sup>11</sup>.

Após terem assistidos ao trecho do filme, foi solicitado aos estudantes, que de forma voluntária, comentassem o filme, apontando a percepção que tiveram e que produzissem um pequeno texto autoral. A título ilustrativo, descrevo a produção de um dos estudantes:

*A história contada no trecho é uma clara referência as fofocas, que mais recentemente tem-se espalhado no meio digital gerando as tão faladas fake News.*

*Essas fake News podem parecer algo bobo, mas as consequências disso podem ser muito devastadoras ultimamente. Foi possível ver o quanto a desinformação pode se espalhar e quanto as pessoas estão com preguiça de buscar a real fonte das notícias.*

*Temos visto também como existem pessoas mal-intencionadas que criam essas fake News com a intenção de prejudicar e denegrir a imagem de outras pessoas.*

*A pior parte disso tudo é que as pessoas com grande influência também espalham fake News, famosos influenciadores, nenhum desses é uma fonte realmente confiável, temos sempre que nos informar e buscar a fundo as informações.*

Em linhas gerais, as outras produções textuais não fugiram desse enfoque, associando a fofoca com *fake News*.

No dia 27 de fevereiro de 2023, ainda dentro da sensibilização, o professor iniciou a aula, falando de comportamentos massificados, modismos que influenciam o

---

<sup>11</sup> Descrição do vídeo: Filme de 2008 com Philip Seymour Hoffman, Meryl Streep e Amy Adams, direção John Patrick Shanley. O ano é 1964 e o cenário é a escola St. Nicholas, no Bronx. O vibrante e carismático padre Flynn (Philip Seymour Hoffman), vem tentando acabar com os rígidos costumes da escola, que há muito são guardados e seguidos ferozmente pela irmã Aloysius Beauvier (Meryl Streep), a diretora com mãos de aço que acredita no poder do medo e da disciplina. Os ventos das mudanças políticas sopram pela comunidade e, de fato, a escola acaba de aceitar seu primeiro aluno negro, Donald Miller. Mas quando a irmã James (Amy Adams), uma freira inocente e esperançosa conta à irmã Aloysius sobre sua suspeita, induzida pela culpa, de que o padre Flynn está dando atenção exagerada a Donald, a irmã Aloysius se vê motivada a empreender uma cruzada para descobrir a verdade e banir o padre da escola. Agora, sem nenhuma prova ou evidência, exceto sua certeza moral, a irmã Aloysius trava uma batalha de determinação com o padre Flynn, uma batalha que ameaça dividir a Igreja e a escola com consequências devastadoras.

comportamento das pessoas e sobre os avanços da ciência. Após essa etapa, utilizando também o multimídia (datashow), foram mostradas duas imagens aos estudantes.

A primeira sobre um suposto modismo entre adolescentes, que foi tendência, no ano novo de 2022, o uso de dentes de esquilo:

FIGURA 14 – Matéria veiculada sobre suposto modismo entre adolescentes



FONTE: E-Farsas (2023)

A segunda imagem é a chamada de uma notícia (do ano de 2013) de que nos Estados Unidos da América (EUA) a implantação de chip seria obrigatória entre os americanos.

FIGURA 15 – Imagem veiculada em matéria sobre a obrigatoriedade de implantar um microchip na pele nos EUA



FONTE: E-Farsas (2023)

Em seguida, os estudantes se reuniram em grupos com 5 (cinco) integrantes para debater as notícias. A título de amostragem sobre a produção em grupo, destacamos um dos textos:

#### CIÊNCIA: O USO DE MICROCHIP

*Chip and Science Act é o nome da lei, pois aprovada no Congresso no final de junho por Joe Biden. A ativação dessa lei multimilionária deverá impactar governo, mercados e políticas de desenvolvimento em todo mundo.*

*Entretanto o uso de microchip tem levantado muitas hipóteses boas e ruins, pois a maioria da população fica com receio e não sabe o que de fato está acontecendo ou vai acontecer com a tecnologia avançando cada vez mais, deixando em aberto muitas hipóteses de questões que ainda não foram reveladas.*

*Como ponto positivo ajudaria em caso de sequestro, teria facilidade na identificação de pessoas e auxiliaria no pagamento de comprar com um simples toque.*

*Analisando todos os fatos, acreditamos que não seja uma boa ideia, pois já existem métodos que exercem quase ou a mesma função.*

Aponta-se que os estudantes, nos dois casos e em nenhum momento, levantaram dúvida se as notícias que estavam discutindo seriam *fakenews*. Por se tratar de uma aula de filosofia, eles imaginaram tratar de uma discussão na qual apenas a argumentação estaria em pauta. Aliás, essa adesão sem discussão contraria a pesquisa realizada, na qual 61.5% dos estudantes afirmaram que identificam de imediato quando o conteúdo de uma informação é falso ou verdadeiro.

No dia 6 de março de 2023, iniciou-se o processo filosófico propriamente dito: a problematização. O tema foi transformado em problema, ou seja, de que forma o trecho do filme *Dúvida* poderia se relacionar as *fakenews*? As notícias que foram debatidas em grupo, poderiam ser *fakenews*? Por que ninguém levantou dúvidas sobre elas? E a partir do momento que a dúvida surge, qual seria o caminho ideal para buscar resposta?

O que se buscou nesse momento foi chamar a atenção do estudante para que um olhar crítico e problematizador, típico da filosofia, através de perguntas, questionamentos e indagações.

Ao problematizar a questão, convida-se o estudante a analisá-la como um problema, para depois buscar-se por respostas. Essa etapa é importante para que os jovens percebam que transformar um tema em problema faz parte do processo de análise e crítica a ser desenvolvida.

Importante que os estudantes compreendam que esse exercício da dúvida é um objeto da filosofia ao promover reflexões sobre o que está se questionando, assim como fez René Descartes, cujo propósito era encontrar um método seguro que o conduzisse à verdade indubitável.

Esse foi o momento ideal para apresentar o texto de René Descartes e suas inquietações, principalmente referente ao conhecimento que recebera até então, duvidou sistematicamente dos mesmos, de forma hiperbólica, porém não era um duvidar por duvidar. Foi demonstrado aos estudantes quais os caminhos que ele percorreu, conforme exposto nas *Primeiras Meditações*.

Para tanto, foi utilizado o livro didático *Fundamentos de Filosofia*, de Gilberto Cotrim (2016, p. 45-49) em que estão expostas as *Primeiras Meditações* e recomenda-se a leitura do texto original<sup>12</sup> em casa para debater na aula seguinte.

No dia 13 de março, com a finalidade de encerrar a proposta da prática, os estudantes foram reunidos em um círculo para comentar a leitura feita em casa e estabelecer uma ligação com as *fakenews*, ou seja, se é importante duvidar de notícias e quais foram os caminhos escolhidos para busca da resposta até chegar ao fato indubitável.

---

<sup>12</sup> Nesse caso, os estudantes utilizaram os exemplares disponíveis na biblioteca do Colégio do livro *Antologia de Textos Filosóficos* organizado por Jairo Marçal publicado pela editora da Seed em 2009 em Curitiba, PR.



As respostas para essas questões foram as mais variadas, porém, em linhas gerais, foi citada a necessidade de buscar fontes de pesquisas confiáveis e que não sejam redes sociais, pois as informações que circulam por elas não merecem tanta credibilidade.

Um aspecto importante observado e questionado junto aos estudantes foi o porquê de, em nenhum momento, quando analisavam as duas notícias (a sobre as tendências entre as jovens do “dente de esquilo” e a sobre o implante obrigatório de microchip nos americanos), eles questionaram a confiabilidade da notícia, ancorando-se apenas pelo fato de ter sido apresentada pelo professor. Eles imaginaram que, por se tratar de um professor de Filosofia, ele não iria apresentar *fakenews* aos estudantes, e por isso não questionaram.

Foi um momento importante para falar, inclusive, no poder do mito, na aceitação de algo como inquestionável quando vem da crença na autoridade de quem fala. Os estudantes pontaram que as *fakenews* podem também ter essa intencionalidade, pois, muitas vezes, são propagadas por pessoas que gozam de prestígio social, como líderes políticos, religiosos, famosos da internet, como *youtubers*, influenciadores digitais e outros.

Entre as produções finais destaca-se a produzida por um estudante:

*Devemos prestar muita atenção, às fake News estão em um outro “mundo”, o mundo digital, devemos entender sua linguagem. Um fator muito importante é analisar o veículo que transmitiu a informação, qual a procedência do site, como é o layout da página, muitas vezes a forma como ela é, já nos entrega se a informação é verdadeira ou não.*

*Trazendo os conceitos do texto, a primeira coisa que devemos fazer é, logo que a recebermos duvidar, duvidar da pessoa que enviou, da forma como foi enviada, em que circunstâncias, em que horário, e principalmente da notícia em si. Colocando tudo em dúvida nos colocamos em um ambiente metafísico mais seguro, onde a informação não nos afeta (não absorvemos aquilo como verdade ou mentira, nos tornamos neutros, ou seja, não tomamos atitudes com base na informação).*

*Colocando em dúvida seguimos para o próximo passo, a informação deve apresentar alguma lógica, ser verdadeira e sanar as dúvidas com sigo mesma, claro que para isso se torna necessário a pesquisa talvez um pouco mais elaborada sobre o tema, com as informações necessárias coletadas a informação deve fazer sentido, se ainda assim se tornar confuso entendê-la muito provável que é falsa.*

*Dos 6 pontos que consegui anotar sobre o texto ao meu ver são aplicáveis 3:*

- 1- Dúvida metódica e Radical*
- 2- Critério da Evidência*
- 3- Genio Maligno*

*A primeira dispensa explicações, a segunda se torna necessária para que possamos perceber o quanto absorvemos sobre o assunto e se é suficiente para nos dar um veredito se é ou não verdadeiro a questão apresentada. Por último a terceira, é dito no texto que isso pode ser relacionado por qualquer*

*coisa ou figura que queira nos induzir ao erro, dessa forma uma pessoa má intencionada se enquadra bem*

Concluída a aplicação prática, notou-se que os estudantes puderam entender a importância do questionamento e da dúvida, para se chegar a uma informação correta e que muitas das notícias que circulam em rede social não merecerem credibilidade e não podem ser tidas como fonte de informação séria na produção do conhecimento e na busca da verdade.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve por objeto a construção de uma prática pedagógica para as aulas de filosofia para os jovens do ensino médio, tendo como assunto contemporâneo as *fakenews* e a sua relação com o texto *Meditações Metafísicas*, de René Descartes. A leitura do texto filosófico buscou estimular a reflexão dos estudantes sobre as características de um conhecimento que pode ser considerado verdadeiro e os que não podem ser considerados dessa forma, como as *fakenews*.

A aplicação da prática deu-se com estudantes do 3º ano do ensino médio do Colégio Cívico Militar Coronel Amazonas – Ensino Fundamental e Médio, no município de Porto Amazonas/PR.

A escolha pela temática foi a tese central de que os estudantes do ensino médio, na sua maioria entre os 15 e 17 anos, que são adeptos as redes sociais e as utilizam de forma intensa em seu cotidiano, têm dificuldades em perceber quando as notícias e informações são *fakenews*. Esse fato ficou comprovado na pesquisa realizada no próprio colégio com estudantes do último ano do ensino médio.

Nesse contexto de uso das redes sociais pelos jovens, entre elas o Facebook, ainda que na atualidade de forma menos intensa que outras redes sociais, é comum a circulação *fakenews* que acabam impactando esses jovens de modo que eles são bombardeados por uma quantidade enorme de informações duvidosas. Conforme o estudo aqui realizado, muitos deles se mostraram incapazes de questionar essas informações, muitas vezes, nem refletindo sobre elas, podendo, portanto, criar e até mesmo fomentar um espaço não só de validação, mas também de engajamento e propagação dessas informações questionáveis.

Esse modo de consumir informações, aderindo a seus conteúdos sem uma reflexão mais crítica, afeta as maneiras de pensar e agir, seja dos adultos ou dos jovens, os quais acabam aderindo quase que cegamente às ideias e atitudes de outros, gerando tendências, por exemplo, em dificultar e impedir a manifestação do pensamento divergente, pois forma-se a crença de que a verdade está na sua forma de pensar e não na do outro.

Diante desse fenômeno das *fakenews*, reflete-se sobre um modo se utilizar da Filosofia, como um componente curricular no ensino médio, para ter o protagonismo em aprimorar as disposições para o questionamento e a dúvida. Buscar explicitar como esse componente pode contribuir para despertar no estudante a

disposição para a dúvida e, conseqüentemente, a disposição para buscar informações e respostas e proteger-se das *fakenews*.

Para tanto, abordamos inicialmente o conceito de redes sociais e demos destaque àquelas que estão ancoradas na Internet, apontando-as como as novas formas de relacionamento humano e pelas quais também há a divulgação de informações. Dentre as redes sociais, foi realizada uma breve explanação sobre Facebook e sobre as *fakenews*,

Outro aspecto desta dissertação foi a de caracterizar o Facebook como um artefato técnico, através dos apontamentos do filósofo holandês Peter Kroes (2012) sobre o que são os artefatos técnicos e a função não esperada dele, que nesse caso, foi a circulação das *fakenews* pelo Facebook.

Foi importante apontar a discussão conceitual sobre a diferença entre informação e conhecimento, para isso, foram adotados os conceitos de Johannes Hessen, que vê a informação como um meio, e o conhecimento como um produto. Também é importante indicar a posição sobre as novas formas de relações apontadas na obra *Cibercultura*, de Pierre Lévy, onde discorre sobre o fenômeno da Internet e o Ciberespaço – termo usado para definir o meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. É importante frisar que Levy tem um olhar positivo em relação a democratização na produção e acesso à informação e conhecimento, promovida pelo uso em larga escala da Internet.

Para a realização da prática, utilizamos a obra de René Descartes (2004), em específico as *Primeiras Meditações*, dado que o filósofo apresenta uma metodologia para se chegar a um conhecimento claro e indubitável. Essa obra foi utilizada como um referencial para que os estudantes pudessem compreender o que significa o processo de aquisição de conhecimento através de métodos claros e processos de investigação filosófica.

A prática foi realizada no 3º ano do ensino médio, turno vespertino do Colégio Cívico Militar Coronel Amazonas – Ensino Fundamental e médio, em quatro encontros, nos quais puderam iniciar o processo de investigação sobre o conhecimento e sua relação com as *fakenews*. A partir da sensibilização através do filme *Dúvida* (2008), os estudantes interpretaram, debateram e produziram reflexões escritas do filme.

Na segunda etapa, os estudantes analisaram duas notícias, sendo a primeira um suposto modismo entre adolescentes que teria sido tendência no ano novo de

2022, o uso de dentes de esquilo, e segunda foi uma chamada sobre uma suposta obrigatoriedade de uso de um chip implantando sob a pele nos EUA entre os americanos. Nessas análises, os estudantes não sabiam que se tratava de *fakenews* e não promoveram dúvida sobre os conteúdos veiculados mesmo sendo muito duvidosos. Eles afirmaram que eram verdadeiros, o que confirmou a tese inicial de que a grande maioria dos estudantes não discutem se uma notícia, por mais simples que possa parecer, é *fakenews* ou não.

Após essa etapa, pôde-se compreender que os estudantes não têm o costume de duvidar das informações advindas de uma autoridade, o professor no caso, e podem manter essa postura diante das redes sociais. Após saberem que as informações foram retiradas do Facebook mantiveram a postura de que era uma fonte confiável. No processo de indagação e discussão, os estudantes demonstraram ser alvos fáceis de *fakenews* e que estão dispostos a propagar esses conteúdos sem reflexão.

Dessa forma, pode-se concluir que os estudantes entre 15 e 17 anos não estão instrumentalizados para protegerem-se das *fakenews*, mas que depois dessa experiência consideraram que o componente curricular de filosofia pode contribuir para que se estabeleçam processos cognitivos mais favoráveis ao questionamento de informações dadas. Os estudantes reconheceram que, muitas vezes, outras autoridades fazem esse papel, seja de cunho político, religioso ou artístico e isso comprovadamente é o grande problema da disseminação das *fakenews*.

Postas essas questões, é possível finalizar este estudo considerando que o uso de texto filosófico, como as *Primeiras Meditações* de René Descartes, contribui para que os estudantes compreendam os processos da dúvida metódica e de como se pode instrumentalizar o esclarecimento sobre informações e notícias. Ficou evidente que os estudantes tiveram uma experiência com as *fakenews* na escola que poderá contribuir para uma reflexão sobre a origem do que consomem nas redes sociais, bem como na responsabilidade e reflexão sobre os danos que as notícias falsas podem fazer no conjunto social.

## REFERÊNCIAS

- Adami, Ana. **Redes Sociais**. Info Escola: navegando e aprendendo. Disponível em: <http://www.infoescola.com/sociedade/redes-sociais-2/>. Acesso em: 02 nov. 2021.
- Alves, Gabriel. **Cientistas buscam estratégias para lutar contra 'fakenews'**. Folha de São Paulo, 12 mar. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2017/03/1865611-cientistas-buscam-estrategias-para-lutar-contrafake-news.shtml>. Acesso em: 09 fev. 2022
- Arantes, José Tadeu. **Fake news na ciência**. Agência FAPESP, 28 mar. 2019. Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/fake-news-na-ciencia/30120/>. Acesso em 29 mar. 2022.
- Arrabal, Alejandro Knaesel. **Diferença entre Conhecimento e Informação**. Prática da Pesquisa: blog sobre produção e comunicação científica. Disponível em: <http://www.praticadapesquisa.com.br/2013/05/diferenca-entre-conhecimento-e.html>. Acesso em: 02 nov. 2021.
- Avelar, D. **WhatsApp fake news during Brazil election favoured Bolsonaro**. The Guardian, 30 out. 2019. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2019/oct/30/whatsapp-fake-news-brazil-election-favouredjair-bolsonaro-analysis-suggests> Acesso em: 20 fev. 2023.
- Brangatti, Paulo R. **O ensino de filosofia no segundo grau**: uma necessidade de leitura do cotidiano. Piracicaba: Unimep, 1993.
- BRASIL. **Lei 11.684**, de 02 de junho de 2008. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm#art1](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm#art1). Acesso 01 de mai. 2020
- Ceppas, Filipe; Rocha, Raquel Rodrigues. Ensino de filosofia na era da pós-verdade. **O que nos faz pensar**, [S.l.], v. 28, n. 45, p. 288-301, dec. 2019. Disponível em: <https://oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/oqnf/article/view/689>. Acesso em: 29 out. 2021.
- Correia. Pedro. M.A.R. Moreira. Maria, F.R. **Novas formas de comunicação: história do Facebook – Uma história necessariamente breve**. Alceu. Rio de Janeiro. v. 14, n.2.p. 168 a 187, jan./jun. 2014.
- Correio Braziliense. Facebook é a maior plataforma de fakenews, aponta pesquisa. Disponível em: [https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2020/06/17/interna\\_tecnologia,864689/facebook-e-a-maior-plataforma-de-fake-news-aponta-pesquisa.shtml](https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2020/06/17/interna_tecnologia,864689/facebook-e-a-maior-plataforma-de-fake-news-aponta-pesquisa.shtml). acesso em: 22 out. 2021.

Cotrin, Gilberto. **Fundamentos de filosofia: história e grandes temas**. São Paulo: Saraiva. 4. ed. 2016.

Cunha, Magali. Série fake news: parte 1 – o fenômeno da desinformação –uma introdução. **Religião e Poder**. 3 dez. 2021. Disponível em: <https://religioepoder.org.br/artigo/para-alem-de-uma-estrategia-eleitoral-as-fake-news-na-pauta-dos-poderes-da-republica/>. Acesso em 29 mar. 2023

Cupani, Alberto. **Filosofia da tecnologia: um convite**. Florianópolis: EDUFSC, 2013.

Damasceno et. al. Fake News e Pós-Verdade: um estudo filosófico acerca do surgimento das notícias falsas. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.7, p. 70215-70225, jul. 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/32800>. Acesso em: 30 out. 2023.

Derrida, Jacques. História da mentira: prolegômenos. **Estudos Avançados**, 10 (27), 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8934/10486>. Acesso em: 31 mar. 2022.

Descartes, René. **Primeira Meditação**. Tradução de Fausto Castilho. 1. ed. Unicamp: Editora Unicamp, 2004.

DUTRA, Luiz Henrique de A. **Introdução à epistemologia**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

Dúvida. Direção: John Patrick Shanley. Roteiro: John Patrick Shanley. Produção: Scott Rudin. Elenco: Meryl Streep, Philip Seymour Hoffman, Amy Adams. Estados Unidos: MiramaxFilm, 2009. 1 DVD (1h45min). Título original: Doubt.

E-Farsas. Sérgio Moro tirou foto ao lado de Lula. Disponível em: <https://www.e-farsas.com/sergio-moro-tirou-foto-ao-lado-do-lula-apos-seu-partido-declarar-apoio-a-candidatura-do-ex-presidente.html>. Acesso em 01 ago. 2022

E-Farsas. Nova tendência para as moças em 2022: Dentes de esquilo! Será verdade? Disponível em: <https://www.e-farsas.com/nova-tendencia-para-as-mocas-em-2022-dentes-de-esquilo-sera-verdade.html>. Acesso em 06 fev. 2023

E-Farsas. Microchip implantado na pele será obrigatório nos EUA em 2013! Disponível em: <https://www.e-farsas.com/microchip-implantado-na-pele-sera-obrigatorio-nos-eua-em-2013.html>. Acesso em 06 fev. 2023

Facebook é a maior plataforma de fake news, aponta pesquisa. **Correio Braziliense**, 17 jun. 2020. Disponível em:



[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2020/06/17/interna\\_tecnologia,864689/facebook-e-a-maior-plataforma-de-fake-news-aponta-pesquisa.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2020/06/17/interna_tecnologia,864689/facebook-e-a-maior-plataforma-de-fake-news-aponta-pesquisa.shtml). Acesso em: 28 out. 2023.

Fagundes, Vanessa *et al.* Jovens e sua percepção sobre fake news na ciência. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.** 16 (1), 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/PqdXRfWRLjpSZLGqvBfzzgF/?lang=pt#>. Acesso em: 19 mar. 2023.

Favaretto, Celso F. Sobre o Ensino de Filosofia. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 97-102, jan. jun./1993. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/33514>Acesso em: 30 out. 2023.

Favaretto, C. F. Filosofia do ensino de filosofia. In: MAAMARI, A. M. (org.). **Novas tendências para o ensino de filosofia**. Campo histórico-conceitual, didático e metodológico: vol. 1. Curitiba: Editora CRV, 2017, p. 125-159.

Ferreira, Livia. Facebook: tudo sobre a rede social e como usá-la da melhor forma. disponível em <https://www.nuvemshop.com.br/blog/o-que-e-facebook/>. acesso em: 11 abr. 2023.

Gallo, Sílvio. **Metodologia do ensino de filosofia**: uma didática para o ensino médio. Campinas, 1. ed., 5ª reimpressão: Papirus, 2019

Gallo, Sílvio. **Deleuze e a Educação**. 3.ed. –Belo Horizonte, BH: Autêntica Editora, 2013.

Guenancia, Pierre. **Descartes**. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986

Gomes, Ana Paula de C. BROENS, Mariana C. **A formação das crenças na era da fake News**: emoções e sentimentos epistêmicos. São Paulo: FiloCzar, 2021.

Hermínio, Beatriz. Fake news: origem, usos atuais e regulamentação. **Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA)**, 12 mar. 2002. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/fake-news-origem-usos-atuais-e-regulamentacao>. Acesso em 08 mar. 2023.

Hessen, Johannes. **Teoria do conhecimento**. Tradução de João Vergílio Gallerani Cuter. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 177 p.

Huffington Post. Umberto Eco: “Internet? Ha dato dirittodi parola agliimbecilli: primaparlavano solo al bar e subitovenivanomessi a tacere”. 16 jun. 2015. Disponível em: [http://www.huffingtonpost.it/2015/06/11/umberto-eco-internet-parola-agli-imbecilli\\_n\\_7559082.html](http://www.huffingtonpost.it/2015/06/11/umberto-eco-internet-parola-agli-imbecilli_n_7559082.html). Acesso em: 15 ago. 2019.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2019**. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101651\\_notas\\_tecnicas.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101651_notas_tecnicas.pdf). Acesso 19 mar. 2022

Kroes, P. **Technical Artefacts: Creations of Mind and Matter**. Philosophy of Engineering and Technology. Dordrech (s/n), Springer 2012.

Lévy, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

Lévy, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

Majoria dos brasileiros apoia a criação de uma lei contra fake news. Data Senado, 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/publicacaodatasenado?id=maioria-dos-brasileiros-apoia-a-criacao-de-uma-lei-contrafake-news>. Acesso em: 28 out. 2023.

Marteleto, Regina Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/6Y7Dyj4cVd5jdRkXJVxhxqN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 out. 2023.

Moroni, Juliana. Fake news e colonialidade de mentes: considerações via paradigma da complexidade. **Perspectiva Filosófica**, Recife, vol. 48, n. 1, p. 348-387, 2021. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/350851505\\_FAKE\\_NEWS\\_E\\_COLONIALIDADE\\_DE\\_MENTES\\_CONSIDERACOES\\_VIA\\_PARADIGMA\\_DA\\_COMPLEXIDADE\\_E\\_Fake\\_News\\_and\\_coloniality\\_of\\_minds\\_considerations\\_through\\_the\\_paradigm\\_of\\_complexity](https://www.researchgate.net/publication/350851505_FAKE_NEWS_E_COLONIALIDADE_DE_MENTES_CONSIDERACOES_VIA_PARADIGMA_DA_COMPLEXIDADE_E_Fake_News_and_coloniality_of_minds_considerations_through_the_paradigm_of_complexity). Acesso em: 30 out. 2023.

Musso, Pierre. A filosofia da rede. In PARENTE, A. (Org.). **Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 17-38.

Napolitano, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2009.

Osman, Maddy. Estatísticas e Fatos Interessantes do Facebook. Kinsta, ago. 2023. Disponível em: <https://kinsta.com/pt/blog/estatisticas-e-fatos-interessantes/>. Acesso em: 02 set. 2023

PARANÁ, Secretaria de Estado de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares de Educação Básica do Paraná** - Filosofia. Curitiba, 2008.

Portugal, Sílvia. **Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica**, Faculdade de Economia e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. 2007. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/271/271.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2023.

Platão. **Teeteto**. Trad. Adriana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

Prensky, Marc. Digital Natives, Digital Immigrants. **Marc Prensky**. On the Horizon. NCB University Press, vol. 9 n. 5, out., 2001. Disponível em: <https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2022.

Recuero, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

Orsi, Carlos. Piltdown revisitado. **Questão De Ciência**, 09 out. 2021. Disponível em: <https://www.revistaquestaoodeciencia.com.br/apocalipse-now/2021/10/09/piltdown-revisitado>. Acesso em: 29 mar. 2022.

Rocha, Ronai Pires da. **A didática na Disciplina de Filosofia**: Ensinar Filosofia. Volume 2. Cuiabá: Central de Textos. 2013.

Rodrigo, Lidia Maria. **Filosofia em sala de aula**: Teoria e prática para o ensino médio. Campinas. Autores Associados, 2013.

Russell, Bertrand. **Os problemas da filosofia**. Tradução de Jaimir Conte. Florianópolis: Martins Fontes, 2005.

Savater, Fernando. **As perguntas da vida**. Tradução: Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

Saviani, Demerval. Os saberes implicados na formação do educador. In: BICUDO, Maria Aparecida; SILVA JUNIOR, Celestino Alves (Orgs.). **Formação do educador**: dever do Estado, tarefa da Universidade. São Paulo: Unesp, 1996, p. 10

Severino, Antônio Joaquim. A prática da pesquisa no ensino de filosofia. Novas tendências para o ensino de filosofia: o contexto de sala de aula e o âmbito das pesquisas. v. 3. Curitiba: CRV, 2017. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002898796>. Acesso em: 30 out. 2023.

Scariotto, Wilson José. **A importância da filosofia para a educação**. Monografia. São José dos Campos, 2007.

Silveira, Sergio Amadeu da. **Interações públicas, censura privada**: o caso do Facebook. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.22, supl., dez. 2015, p.1637-1651

Szczepanik Gilmar Evandro. A escola holandesa: uma introdução. OLIVEIRA, Jelson (org.). Filosofia da tecnologia: seus autores e seus problemas. Caxias do Sul, RS: Educs, 2020a, 336 p.

Szczepanik Gilmar Evandro. Uma análise filosófica sobre a função tecnológica. **Filosofia Unisinos**, São Leopoldo. v. 21, n. 1, p. 106-113, jan/abr 2020b. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/filosofia/article/view/fsu.2020.211.10>. Acesso em: 30 out. 2023.

Teixeira, Patrícia Brito. **Caiu na rede. E agora?** Gestão e gerenciamento de crises nas redes sociais. São Paulo: Editora Evora , 2013.

Tomaél, Maria Inês; ALCARÁ, Adriana Rosecler; DI CHIARA, Ivone Guerreiro; Das redes sociais à inovação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 34, n. 2, p. 93-104, maio/ago. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ci/v34n2/28559.pdf>. Acesso 08 de nov. 2021.

## APÊNDICE 1 – PLANO DE AULA

**COMPONENTE CURRICULAR:** FILOSOFIA

**TEMA:** ANÁLISE DE FAKENEWS NAS REDES SOCIAIS: UMA PRÁTICA MEDIADA PELA LEITURA DAS PRIMEIRAS MEDITAÇÕES DE RENÉ DESCARTES

**LOCAL:** COLÉGIO ESTADUAL CORONEL AMAZONAS – ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

**SÉRIE:** 3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO – VESPERTINO

**NÚMERO DE AULAS PREVISTAS:** 04 (AULAS) DE 50 (CINQUENTA) MINUTOS CADA

### COMPETÊNCIAS

- Aplicar conhecimentos filosóficos no plano existencial das relações sociais.

### HABILIDADES

- Reconhecer a relevância da reflexão filosófica para a análise dos temas que emergem dos problemas das sociedades contemporâneas com base no pensamento de filósofos. Obs.: Essa habilidade será desenvolvida por meio da introdução de René Descartes e as primeiras Meditações.

- Diferenciar os discursos ideológico e contra ideológico, refletindo sobre os processos de formação e de circulação de ideias, crenças e opiniões, sejam eles artísticos, midiáticos, propagandísticos, políticos, educacionais ou religiosos. Obs.: essa habilidade será desenvolvida por meio de análise de *fakenews*.

### OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

- Compreender a questão do método, em diferentes concepções filosóficas, identificando sua importância para possibilitar o alcance de um conhecimento seguro.

- Relacionar o método proposto por René Descartes através de uma prática de como superar as *fakenews*.

### OBJETO DO CONHECIMENTO

- Teoria do Conhecimento. René Descartes. Método cartesiano – Primeiras Meditações.

## CONTEÚDOS

- René Descartes e sua importância na modernidade e a busca de um método seguro para o conhecimento.
- Racionalismo cartesiano: a dúvida metódica nas Primeiras Meditações.

## SEQUÊNCIAS DE ABORDAGENS NAS AULAS

- Apresentar um recorte do Filme Dúvida.
- Promover um debate sobre o recorte do filme sobre os efeitos da fofoca.
- Produzir texto reflexivo sobre as notícias.
- Apresentar, em linhas gerais, a filosofia de René Descartes dando destaque as Meditações Metafísicas, em especial, as Primeiras meditações.
- Aproximar a dúvida de René Descartes com as *fakenews*.
- Revisar os textos sobre as notícias, usando a dúvida cartesiana, para verificar se as notícias são *fakenews*.

## DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA

A prática será realizada em 04 (quatro) momentos distintos, porém interligados com os seguintes passos de uma sequência didática, proposta por Silvio Gallo: a sensibilização, problematização, investigação e conceituação.

A prática tem a intenção de proporcionar uma experiência filosófica para que o jovem adquira autonomia de pensamento e que possa utilizar em outros campos do saber humano.

Por isso, refletir sobre as informações nas redes sociais dentro da disciplina de filosofia se torna uma tarefa importante, pois muitas informações que por elas circulam, apresentam conteúdos sensacionalistas e sem propósito de conhecimento, apenas difundem notícias inverídicas que acabam por influenciar a opinião dos usuários numa verdadeira manipulação de consciências, com o agravante, que isso se torna viral e milhares ou até mesmo milhões de usuários acabam por formar opiniões baseada nelas.

Nesse sentido, a proposta dessa experiência filosófica é demonstrar como a disciplina de filosofia pode desenvolver a reflexão crítica dos estudantes em relação às informações postadas nas redes sociais, tendo-se optado pela rede social, que conforme a pesquisa desenvolvida durante esse trabalho de dissertação, tem na rede social no Facebook, uma das maiores fontes de divulgação de *fakenews*.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA A SER DESENVOLVIDA:

### 1º passo: Sensibilização

Quando se ambiciona desenvolver um tema filosófico, o professor deve criar um espaço inicial que chame a atenção do estudante, ambientando historicamente um fato ou até mesmo apresentando um fato corriqueiro e analisando o mesmo em conjunto com os estudantes. Esse primeiro passo é a sensibilização, que consiste em chamar atenção para o tema para que o estudante crie empatia com ele. Nessa etapa pode-se usar de diversas estratégias, como desenhos animados, histórias em quadrinhos, músicas, filmes ou recortes de filmes (GALLO, 2019, p. 96). No caso do desenvolvimento desta sequência de aulas, a sensibilização será feita utilizando um recorte de 2min.48seg., do filme **Dúvida**<sup>13</sup> (2008), em específico, a parte que trata da fofoca<sup>14</sup>.

Nessa aula, como o objetivo debater o quanto a fofoca pode trazer consequências devastadoras a vida das pessoas, que um fato uma vez lançado “ao vento” dificilmente se recompõe na sua verdade. Os estudantes debaterão e produzirão pequenos textos sobre a questão.

Após as reflexões iniciais e individuais sobre o filme, os estudantes serão divididos em grupos de 3 (três) a 5 (cinco) pessoas e receberão impressos *prints* de algumas informações que circulam ou já circularam na rede social Facebook. Após a análise no grupo, será aberto um espaço para que os estudantes apresentem e comentem as notícias. Nesse momento, ainda não saberão que se trata de *fakenews*, e apenas serão levantadas as informações de primeira percepção.

A intencionalidade deste momento é aferir se os jovens levantam dúvidas sobre a credibilidade que uma notícia ou informação.

---

<sup>13</sup> O filme completo tem 1h 45min. Trata-se de um drama, com direção de [John Patrick Shanley](#), roteiro [John Patrick Shanley](#), [John Patrick Shanley](#). No elenco principal estão os atores [Meryl Streep](#), [Philip Seymour Hoffman](#), [Amy Adams](#). Título original *Doubt*. Ano de produção: 2008.

<sup>14</sup> Esse recorte pode ser encontrado no Youtube, disponível no seguinte endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=h6qJS88Hss0>



## 2º passo: Problematização

A próxima da aula inicia-se o processo filosófico propriamente dito: a problematização, transformando o tema em problema, ou seja, fazendo com que os estudantes sintam à vontade buscar soluções. Ou seja, a partir do momento que eles colocarem dúvida sobre uma informação, sobre uma notícia, qual o caminho que eles buscariam para resolver suas dúvidas. Essa problematização pode envolver vários aspectos e perspectivas diferentes. O que se busca nesse momento é que o estudante tenha um olhar crítico e problematizador típico da filosofia, exercitando seu caráter de pergunta, de questionamento, de interrogação.

Nesse ponto, pode-se, por exemplo, questionar junto aos estudantes se eles têm alguma certeza de que aquela informação, distribuída pelo professor, é verdadeira ou falsa. Sabendo-se que a fonte da informação seria o Facebook, eles a consideram uma fonte confiável de informação? Quais as fontes que devemos ou podemos confiar? E se as notícias apresentadas foram *fakenews*?

Ao problematizar, o professor convida o estudante a analisar a questão como um problema, para depois buscar respostas. Essa etapa é importante para que os jovens percebam que transformar um tema em problema faz parte do processo de análise e crítica a ser desenvolvida.

Importante que fique claro aos estudantes que esse exercício da dúvida, é um objeto da filosofia, ao promover reflexões e que assim o fez René Descartes, cujo propósito era encontrar um método seguro que conduzisse à verdade indubitável

## 3º passo: Investigação

Nessa etapa, ainda sem abordar inicialmente a questão das *fakenews*, será exposta filosofia de René Descartes e o método da dúvida como um procedimento seguro para chegar à verdade.

Essa parte da investigação filosófica vai buscar na história da Filosofia e em textos clássicos dos filósofos a estrutura para uma boa investigação, bem como um método adequado para cada problema. Aqui o estudante se defronta com o pensamento filosófico, com diferentes maneiras de enfrentar o problema e, com as possíveis soluções já elaboradas, as quais orientam e dão qualidade à discussão (DCEs, Filosofia, 2008, p. 60). Portanto, é nessa etapa que entra o texto filosófico.

Nesse sentido será aqui que o texto de Descartes iniciará sua propedêutica, pois quando os estudantes iniciarem a análise da cadeia argumentativa cartesiana,

elucidando as características da verdade sobre algo, perceberão que é preciso ter critérios para atribuir verdade a algum assunto.

A preocupação com a verdade não é nova, encontramos ela por toda história da filosofia, porém vamos promover nossa reflexão a partir do texto *Primeiras Meditações*. O processo de reflexão de Descartes poderá esclarecer como os estudantes podem proceder diante da vida. Ele questionou o conhecimento que até então recebera e fez uma proposta metodológica para se chegar ao alcance daquilo que considerava ser o conhecimento, um saber sobre o qual não paira nenhuma dúvida, ao que ele chamou de indubitável.

Mesmo considerando as devidas distâncias e contextos históricos, que separam Descartes dos atuais estudantes do Ensino médio, podemos utilizar um excerto de texto para ensiná-los a compreender como uma cadeira de boas razões pode ser construída. A leitura e análise de texto também pode fazê-los compreender como forjar as verdades ou as certezas na mente que pensa. Assim, o parâmetro do que é verdadeiro, baseado nas ideias da própria razão, de forma clara, distinta e inconfundível, seriam considerados indubitáveis. Para chegar ao conhecimento dessas verdades, Descartes percorre um longo caminho de dúvida feita por reflexão e introspecção, as quais estão expostas nas *Primeiras Meditações*, texto de referência que será usado na fase da investigação.

Esse texto será recomendado como leitura. Tendo em vista que há vários exemplares na biblioteca do colégio, da obra *Antologia de Textos Filosóficos*, do Professor Jairo Marçal (2009), eles terão como tarefa ler o texto em casa para posteriormente apresentarem em sala de aula suas percepções.

#### **4º passo:** Conceituação

A última etapa da aplicação prática é a conceituação, ou seja, uma forma do estudante se apropriar do conhecimento e da forma reflexiva da filosofia. Nessa etapa os estudantes devem ser capazes de verificar se o conceito de verdade, formulado por meio da dúvida, conforme Descartes, pode responder aos questionamentos feitos sobre as *fakenews*. Assim, o exercício será o de questionar as informações recebidas e obtidas na rede social demonstrando se elas realmente são verídicas ou não. Esse movimento busca ligar o texto ao contexto dos estudantes:

Ao final desse processo espera-se que o estudante se aproprie do conceito de “verdade” em René Descartes, utilizando os mecanismos da dúvida metódica para

resinificar as possíveis inconsistências das notícias falsas nas redes sociais. Portanto, espera-se que o estudante constata e perceba que nem tudo o que se propaga em rede social pode ser considerado informação verdadeira e que muitas delas não passam de *fakenews*.

Importante também que os estudantes reflitam que diante dos fatos cotidianos e vivenciados por eles, a filosofia pode servir de suporte e ajudá-los no discernimento da informação

## APÊNDICE 2 – PRODUÇÃO DOS ESTUDANTES EM RELAÇÃO A ANÁLISE DO TRECHO DO FILME DÚVIDA (2008) ETAPA DA SENSIBILIZAÇÃO

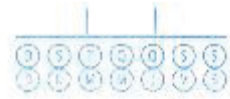


Sobre o trecho do filme exibindo quais as relações que podemos estabelecer com nosso cotidiano.

Bom, infelizmente hoje em dia divulgações de mentiras se espalham muito rápido e muitas vezes são informações falsas que podem prejudicar o outro e até mesmo levar pessoas a uma violência verbal principalmente nas redes sociais.

Keliza Vitória Lima

- 
- 
-



laegnel

Filme: Duvida

sobre o trecho do filme quasi as relações que podemos estabelecer com nossa realidade no trecho reflete nossa realidade, que as penas do transgressor são como palavras jogadas ao vento, que quando faladas não podem ser voltadas para trás assim quando você fala alguma coisa que ofende uma pessoa você não pode voltar atrás mesmo pedindo desculpas a suas palavras já machucaram a pessoa.

Trecho de filmes: A Quêda. Ator: Andréi Aronov.

No trecho em que vemos, retrato de uma mulher que fofocosa e levanta fofoca testemunha de seu vizinho e em uma noite, revela que havia uma... Se alguém questiona sobre sua sabedoria e neste momento, eis um grande castigo de culpa. Após isso, ela foi a igreja se confessar e perguntar ao padre se fofocar é pecado, e como resposta, ele disse sim. Depois disso, ela pede perdão, e o padre pede a ela que volte ao terreno com uma alavanca e a castiga com uma foice. Depois, volta a ir para falar com ele. Então isso, a mulher volta à igreja e o padre lhe pergunta: "O que aconteceu?" Ela diz que sempre se pensa e ele também pergunta a que fofoca agora. Com isso o padre fala que se ela quiser o perdão ela tem que recolher todos os pedaços. Após isso, ela diz que seria impossível recolher todos os pedaços, ela não sabe onde estão todos e que a castiga desapareceu. Com isso volta o trecho.

Logo de isso a mulher recomeça, em muitas vezes, falando coisas que não podem voltar atrás e que perdemos "o poder" com a reputação de alguém. Com esse trecho, é impossível recolher todos os pedaços, não se encontra mais realidades, o de o que fofocou, falando de si mesmo pensa as coisas alguém, não podem ser perdoadas. Por isso, devemos pensar antes de agir.



## Religião

O trecho conta de uma mulher que foge  
falso para a igreja para se confessar e pergun-  
tar ao padre se fofocar era pecado e o padre  
então falou para ela pegar um facho e o  
travessão e subir ao telhado ela foi e  
fez isso e depois voltar para o padre e  
falou que que foi tudo feito, então o padre  
falou: agora você vai fumar todas as penas  
que o santo levou.

- Isso é impossível.

Isso ocorre bastante nos dias atuais, que  
fazem fofoca de pessoas que elas nem conhecem  
e insultam caras de pouco e isso ocorre  
bastante repercussão e como diz uma  
vez que você fale para alguém ela sempre  
vai ser ouvidada por alguém e nunca vai  
parar de se arrepender.

Luiz Felipe



#### 4 Trecho do filme: Dúvida

##### \* Comparação do Trecho do filme com a vida real:

No trecho do filme se trata uma situação de insegurança sobre uma forma de representar a fofoca, também podemos considerá-lo como a representação dos fake news que uma vez espalhadas não podem simplesmente ser apagadas.

Nos dias de hoje os fake news são um tema muito presente em nossa vida, pelo qual devemos refletir e conscientizar as pessoas a nossa volta.

Se trata de notícias falsas espalhadas pela mídia, levando a desinformação para a sociedade.

Jaqueline Karaszuk

31/10/22

spirati



21/10/22

Segundo o trecho do filme, o padre fez para ele cortar um cravasseiz no cabelo, isso representa das fotos que ele fazia, mas no final o padre diz para ele juntar as penas, isso significa que as coisas que fazemos podem chegar muito longe e atingir muitas pessoas, isso quer dizer que essas obras tem um grande potencial para o bem como para o mal.

Gabriel Brito

11

Filme: Distúrbio

Dentre o trecho do filme exibido quais as relações que podemos estabelecer com nosso cotidiano?

O trecho do filme retrata sobre a fofoca, onde os personagens expulsores pelo cenário representam a maledicência que uma vez que propagada é muito difícil de ser desfeita. O filme é associado com a realidade porque demonstra os fatos reais e os sentimentos que os personagens impõem e expressam sobre os outros, sem se preocupar com as consequências que estas palavras causariam.

Aluno: Eldair Barbosa Neto.

— ♥ — ♥ —

Júlia Sara da Rosa.

Filme: *Ilúvida*

Sele o trecho do filme escrito quais as relações que podemos estabelecer com nosso cotidiano.

Na cena em questão retrata o ato da fofoca, usando assim uma metáfora sobre penas de um transmissor, por exemplo, se um transmissor for cortado e suas penas caírem ao vento seria impossível pegá-las de volta. Porém, podemos relacionar essas palavras/aliterações como sociedade.

Quando falamos algo, facilmente podemos afetar alguém com fofocas. Mas o que isso diz sobre nós? Estamos quase que acostumados a receber coisas falsas no nosso telefone ou ouvir fake news, mas são poucos que questionam a veracidade dessas informações e isso pode trazer muitas consequências, não só para alguém individualmente (pessoa), mas para uma sociedade em si.

A atitude plausível para isso é começar a filtrar aquilo que nos chega, questionar e o melhor jeito de não cair em mentiras, não prejudicar pessoas, as fontes e redes a quais essas informações estão sendo colocadas, entre outras questões.

Lembra-se, assim como as penas jogadas ao vento suas palavras não irão retornar. Tome cuidado ao criar questões sobre alguém ou algo, pequenos atos inconsequentes podem gerar grandes confusões.

Filme: Divida Poche V.

Sobre o trecho do filme exibido quisir as relações que podemos estabelecer com nossa cotidianidade

A história contada no trecho é uma clara referência ao laborar que mais recentemente tem se espalhado ao nível digital quando se trata falarem fake news.

Gray fake news podem parecer algo novo, mas as consequências disso podem ser muito devastadoras, ultimamente foi possível ver o quanto a desinformação pode se espalhar e o quanto as pessoas estão com dificuldade de buscar a real frente das notícias.

Temos notícias também como existem pessoas mal intencionadas que usam gray fake news com a intenção de manipular e deslegitimar a imagem de outros países.

A pior parte disso tudo é que pessoas com uma grande influência também espalham fake news, famosos, influenciadores, políticos e uma fonte realmente confiável tem sempre que estar informada e buscar a fim de ver informações.

data / /  
 S T Q Q S D  
 31 40

## filosofia

filme: dividida

sobre o filme exibido quais as relações que podemos estabelecer com nosso cotidiano.

No filme da pra entender que as pessoas muitas vezes não sabem ou inventam sobre as outras e a mentira cria coisas simplesmente pra prejudicar o próximo. algumas até se arrependem sobre ter dito mentiras, mas quando você diz algo "que sai da sua boca" não tem como voltar atrás. Isso acontece muito no dia-a-dia e é bem complicado pois o que foi dito vai se espalhando, acaba aumentando e virando uma bola de neve. No filme o padre diz sobre as penas, no meu ponto de vista isso quis dizer que as palavras são como penas, rápidas e simples de serem ditas e irremediáveis. tão rápido, e quando elas voam é muito raro conseguir recuperar ou voltar atrás sobre o que fez.

alixamane



### APÊNDICE 3 – COMENTÁRIOS SOBRE FAKENEWS

Aluna: Evelyn Alessandra Ferreira Correa

Rocha.

Data:

ano

#### Filosofia

Moda e Beleza: Nova tendência para as moças "dentes de Esquilo".

Hoje em dia a beleza diz muito sobre a pessoa, algumas mulheres, não ficam sem maquiagem, sempre estão usando maquiagem, fazendo botões, limpeza de pele, unhas em gel para fazer as sobrancelhas, o cabelo, as unhas. Eu acho isso bom, mas não deve ser tão exagerado, nós já temos nossa beleza natural, só, que as vezes temos que fazer essas coisas para realçar, nossa beleza.

Muitas moças são influenciadas pelas blogueiras, que sempre estão na moda, então as seguidoras veem e acabam comprando, Essa moda do dente de esquilo é horrível, eu mesma não faria isto.



## Modo e beleza

A cada dia o padrão de beleza fica mais inabarcável, principalmente para as mulheres. Todos os dias vemos novas tendências sendo impostas na sociedade, como a volta da magreza excessiva imposta nos anos 2.000, onde a bulimia e a anorexia aumentaram, trazendo assim a remontagem de seus corpos.

Por volta de 2015 esse assunto veio à tona por conta do site social "tumblr", surgindo mais uma vez no ano de 2022 onde os influenciadores que nos anos anteriores fizeram procedimentos estéticos para atingir o corpo ideal, "ampulheta", removeram suas plásticas e fim de se encaixarem no novo padrão de elite, como a belonária Kim Kardashian.

A ideia de se diferenciar das demais classes sociais tem levado os pessoas ao extremo, como por exemplo a tendência "Dentes de Esquilo" que poucos pessoas conseguem adquirir pelos meios onde está inserido e das pessoas que estão em sua volta.

Muitas pessoas deixam sua opinião de lado para se incluírem em novas tendências, sentindo passar por experiências dolorosas como diz o artista Beyoncé em sua música "Pretty Hurts".

Percebendo assim que a moda e a beleza não são inteiros e sim elásticos.

## medo e desejo

A tendência é "fugir de aquilo, a verdade" e que as pessoas usam o que foge com que se sente melhor com oigo mesmo. Hoje em dia existe várias coisas diferentes, diferentes que foge com que pessoas que tentam a autotoma busca de tinta melha com outros coisas diferentes, fazendo com que eles conseguiram sair de sua zona de conforto, essas pessoas que buscam coisas e coisas de coisas diferentes por medo de algum sociedade que coloca um padrão de desejo. Mas isso está mudando. Hoje em dia as pessoas são muito mais conscientes que quiser a ideia do jeito que se sente com oigo mesmo. Com o tempo a moda muda e as pessoas vão tentando e criando tendências do jeito que eles quiserem pois todos temos direito para fazer o que quiser.

data / /  
S T Q Q S S D

## Ciências

### o uso de microchips

Chips and Science Act é o nome da lei, foi aprovado pelo congresso no final de julho por Joe Biden. A ativação dessa lei multibilionária deverá impactar governos, mercados e políticas de desenvolvimento de todo o mundo.

Entretanto o uso de microchips tem levantado muitas hipóteses boas e ruins, pois a maioria da população fica com receio e não sabe o que de fato está acontecendo ou vai acontecer com a tecnologia avançando cada vez mais, deixando em aberto muitas hipóteses de questões que ainda não foram reveladas.

Como ponto positivo ajudaria em caso de sequestro, teria facilidade na identificação de pessoas e auxiliaria no pagamento de comprar com um simples toque.

Analisando todos os fatos, acreditamos que não seja uma boa ideia, pois já existem métodos que exercem quase ou a mesma função.

alunos: Aléssia, Paola, Isabela, Carlos e Leonel



Opinião sobre "afeganistão queima  
cristão"

Uma atitude cruel que em pleno 2022, ano da colapso era da tecnologia, não se justifica, entendemos que cada cultura tem seus valores e princípios, mais existem limites a serem seguidos, evoluímos tecnologicamente e socialmente, deixando para trás esse tipo de comportamento extremista e radical trazendo uma nova visão etica de que todos os individuos tem direito a vida e liberdade de expressão.

A intolerância religiosa que ouvimos hoje em dia nos faz pensar que é algo distante (como neste caso), mais se fez presente em nossos dias também. Não podemos tratar isso como algo banal por mais que seja dentro da cultura deles, isso fere nosso direito de liberdade e de tantas outras religiões.

O ponto por inicial para essa mudança seria que o povo de lá abrisse a mente para uma interpretação além do que é ensinado para eles, com olhar mais adorado, se perguntando o por que isso? qual a necessidade? é necessário uma empatia maior, Será que gostariam de ver um cristão queimando um islamico e iriam dizer "ah não, é só a religião deles".

Gabriel Brito

Andriel Renan

Pedro Vinícius

Felipe Camilo

Daniel Juliano